



Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Juv. -

JOÃO DO RIO

(PAULO BARRETO)

AS

RELIGIÕES NO RIO



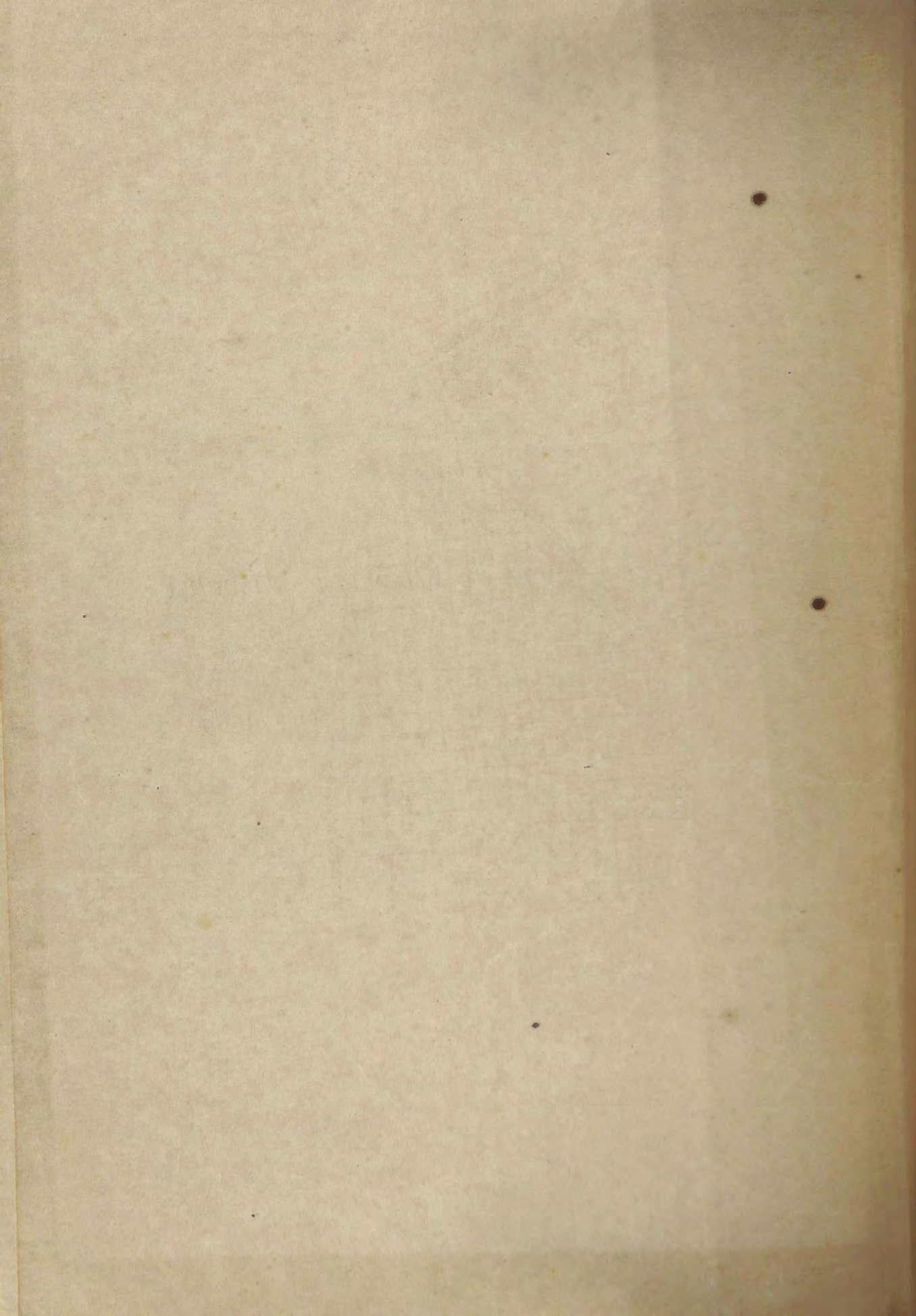
GAZETA DE NOTÍCIAS

1904

6

Manuel Jorge de Oliveira Rocha

meu amigo.





Sil.
1904

A religião? Um mysterioso sentimento, mixto de terror e de esperança, a symbolisação lugubre ou alegre de um poder que não temos e almejamos ter, o desconhecido avassalador, o equivoco, o medo, a perversidade...

O Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverencia, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença diversa.

Ao ler os grandes diarios imagina a gente que está n'um paiz essencialmente catholico, onde alguns mathematicos são positivistas. Entretanto, a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á. São swendeborgeanos, pagãos litterarios, physiolatras, defensores de dogmas exóticos, auctores de reformas da Vida, reveladores do Futuro, amantes do Diabo, bebedores de sangue, descendentes da rainha de Sabá, judeus, schismaticos, espiritas, babalões de Láos, mulheres que respeitam o oceano, todos os cultos, todas as crenças, todas as forças do Susto. Quem atravez a calma do semblante lhes adivinhará as tragedias da alma? Quem no seu andar tranquillo de homens sem paixões irá descobrir os reveladores de ritos novos, os magicos, os nevros pathas, os delirantes, os possuidos de Satanaz, os mystagogos da Morte, do Mar e do Arco Iris? Quem poderá perceber ao conversar com estas creaturas a lueta fratricida por causa da interpretação da Biblia, a lueta que faz mil religiões, á espera de Jesus, cuja reaparição está marcada para qualquer destes dias, e a vinda do Ante-Christo, que talvez ande por ahi? Quem imaginará cavalheiros distinctos em intimidade com as almas desencarnadas, quem desvendará a conersa com os anjos nas chambergas fetidas?

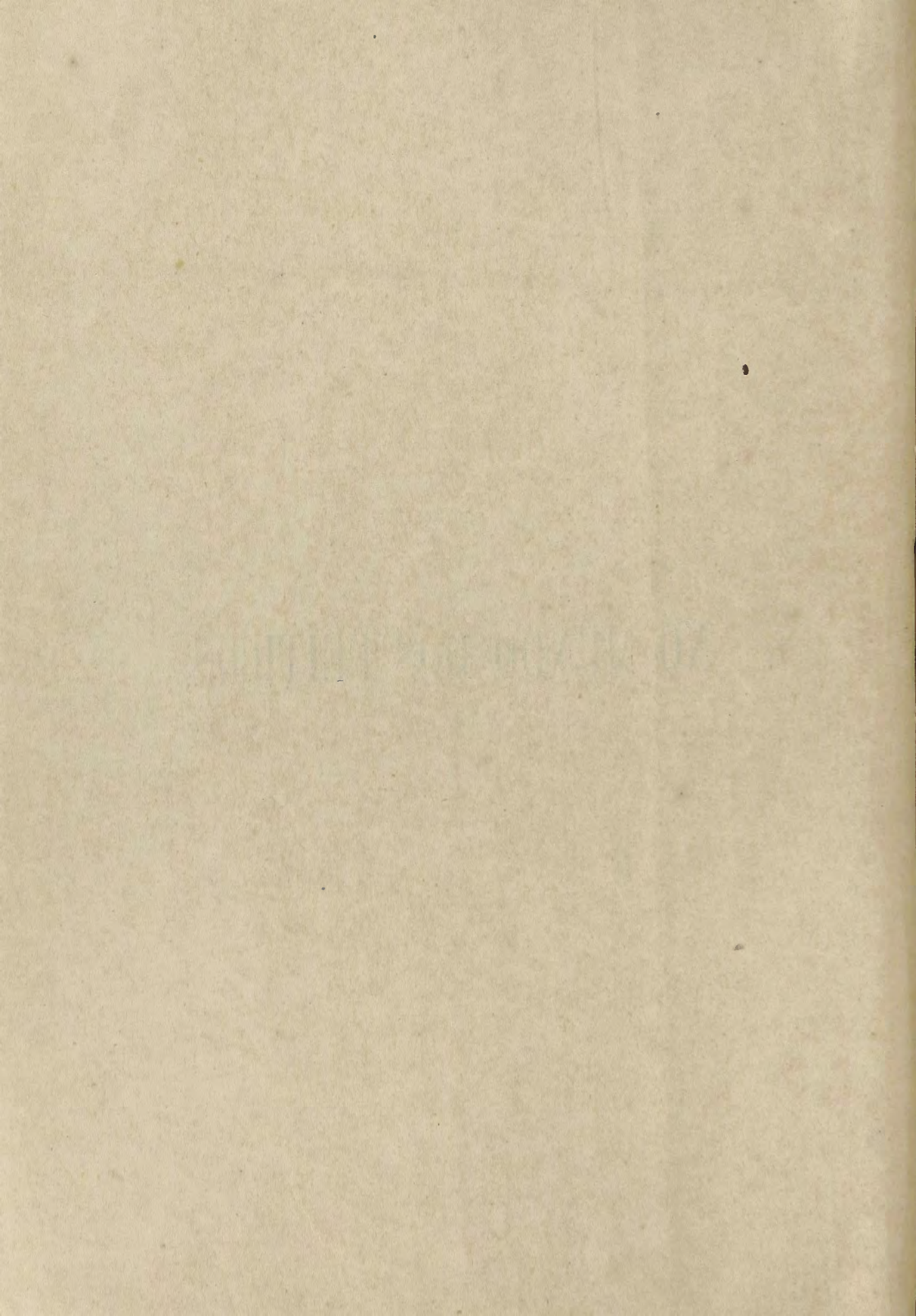
Elles vão por ahi, papas, prophetas, crentes e reveladores, orgulhosos cada um do seu culto, o unico que é a Verdade. Fallai-lhes boamente, sem a tenção de agredil-os, e elles se confessarão: porque só numa cousa é impossivel ao homem enganar o seu semelhante, na fê.

Foi o que fiz na reportagem a que a «Gazeta de Noticias» emprestou uma tão larga hospitalidade e um tão grande ruido; foi este o meu esforço: levantar um pouco o mysterio das crenças nesta cidade.

Não é um trabalho completo. Longe disso. Cada uma dessas religiões daria farta mêsse para um volume de revelações. Eu apenas entrevi a bondade, o mal e o bizarro dos cultos, mas tão convencido e com tal desejo de ser exacto que bem pôde servir de epigraphe a este livro a phrase de Montaigne:

« *Cecy est un livre de bonne foy.* »

NO MUNDO DOS FEITIÇOS



OS FEITICEIROS

Antonio é como aquelles adolescentes africanos de que falla o escriptor inglez. Os adolescentes sabiam dos deuses catholicos e dos seus proprios deuses, mas só veneravam o wiskey e o schilling.

Antonio conhece muito bem N. S. das Dores, está familiarizado com os *orixalás* da Africa, mas só respeita o papel moeda e o vinho do Porto. Graças a esses dous poderosos agentes, gozei da intimidade de Antonio, negro intelligente e vivaz; graças á Antonio, conheci as casas das ruas de São Diogo, Barão de S. Felix, Hospício, Nuncio e da America, onde se realisam os *cândomblés* e vivem os pais de santo. E rendi graças a Deus, porque não ha de certo, em toda a cidade, meio tão interessante.

—Vai V. S. admirar muita coisa! dizia Antonio a sorrir, e dizia a verdade.

Da grande quantidade de escravos africanos vindos para o Rio no tempo do Brazil colonia e do Brazil monarchia, restam uns mil negros. São todos das pequenas nações do interior da Africa, pertencem aos *igésá*, *oié*, *ebá*, *aboumi*, *haussá*, *itaqua*, ou se consideram filhos dos *ibouim*, *ixáú* e dos *gége*. Alguns ricos mandam a descendencia brasileira á Africa para estudar a religião, outros deixam como dote aos filhos cruzados daqui, os mysterios e as feitiçarias. Todos porém, fallam entre si um idioma commum:—o *eubá*.

Antonio, que estudou em Lagos, dizia:

—O *eubá* para os africanos é como inglez para os povos

civilisados. Quem falla *eúbá* pode atravessar a Africa e viver entre os minas do Rio, conversando com os *orixás* e os *alufás*.

—*Orixás, ulufás?* fiz eu, admirado.

—São duas religiões inteiramente diversas. Vai ver.

Com effeito. Os negros africanos dividem-se em duas grandes crenças: os *orixás* e os *alufás*.

Os *orixás*, em maior numero, são os mais complicados e os mais animistas. Litholatrás e phitolatrás. tem um enorme arsenal de santos, confundem os santos catholicos com os seus santos, e vivem a vida dupla, encontrando em cada pedra, em cada casco de tartaruga, em cada herba, uma alma e um espirito. Essa especie de polytheismo barbaro tem divindades que se manifestam e divindades invisiveis. Os negros guardam a idéa de um Deus absoluto como o Deus catholico: *Orixá-alúm*. A lista dos santos é infindavel. Ha o *orixalá*, que é o mais velho, *Axum*, a mãe d'agua doce, *Ye-man-já*, a sereia, *Exú*, o diabo, que anda sempre de trás da porta, *Sapanam*, o santissimo sacramento dos catholicos, o *Irocô*, cuja appareção se faz na arvore sagrada da gameleira, o *Gunocô*, tremendo e grande, o *Ogum*, S. Jorge ou o Deus da guerra, a *Rabá*, a *Orainha*, que são invisiveis, e muitos outros como o santo do trovão e o santo daservas. A juntar a essa colleção complicada, tem os negros ainda os espiritos máos e os *heledás* ou anjos da guarda.

E' natural que para corresponder á hierarchia celeste seja necessaria uma hierarchia ecclesiastica. As creaturas vivem em poder do invisivel e só quem tem estudos e preparo pode saber o que os santos querem. Ha por isso grande quantidade de auctoridades religiosas. A's vezes encontramos nas ruas negros retintos que mastigam sem cessar. São *babalaôs*, mathematicos geniaes, sabedores dos segredos santos e do futuro da gente, são *babás* que atiram o *endilogum*

—Não é possível fallar agora. Elle está rezando e não quer conversar.

Sahimos elogo na rua encontramos o Xico Mina. Esse veste como qualquer de nós ternos claros e usa suissas cortadas rente. Já o conhecia de o ver nos cafés concorridos, conversando com alguma deputados. Quando nos viu, passou rapido.

—Está com medo de perguntas. Xico gosta de fingir.

Entretanto no trajecto que fizemos do largo da Carioca á praça da Acclamação, encontramos, afóra um esverdeado discipulo de Alikali,—*Omancheo*, como elles dizem, duas mãis, de santo, um velho *babalaô* e dous *babaloxás*.

Nós iamos á casa do velho mathematico Oloô-Teté.

As casas dos minas conservam a sua apparencia de outr'ora, mas estão cheias de negros bahianos e de mulatos. São quasi sempre rotulas lobregas, onde vivem com o personagem principal cinco seis e mais pessoas. Nas salas, moveis quebrados e sujos, esteirinhas, bancos; por cima das mesas terrinas, pucarinhos de agua, chapéos de palha, hervas, pastas de oleado onde se guarda o *obelé*; nas paredes atabaques, vestuarios esquisitos, vidros; e no quintal quasi sempre jabotys, gallinhas pretas, gallos e cabritos.

Ha na atmosphaera um cheiro carregado de azeite de dendê, pimenta da Costa e catinga. Os pretos fallam da falta de trabalho fumando grossos cigarros de palha. Não fosse a credulidade, a vida ser-lhes-ia difficil, porque em cada um dos seus gestos revela-se uma lombeira secular.

Alguns velhos passam a vida sentados a dormir.

—Está pensando! dizem os outros.

De repente, os pobres velhos ingenuos accordam, com um sonho mais forte nessa confusa existencia de pedras animadas e hervas com espirito.

—Sango diz que eu tenho de fazer sacrificio !

Sango, o deus do trovão, ordenou no somno, e o *obelé*, feito de cascas de tartaruga e baptisado com sangue, cai na mesa enodoada para dizer com que sacrificio se contenta Sango.

Outros, os mais malandros, passam a existencia deitados no sofá. As filhas de santo, prostitutas algumas, concorrem para lhes descançar a existencia, a gente que os vai procurar dá-lhes o superfluo. A preocupação destes é saber mais cousas, os feitiços desconhecidos e quando entra o que sabe todos os mysterios, ajoelham assustados e beijam-lhe a mão, soluçando :

—Diz como se faz a cantiga é eu te dou todo o meu dinheiro !

A' tarde, chegam ás mulheres, e as que por acaso trabalharam em alguma pedreira. Os feiticeiros conversam de casos, criticam-se uns aos outros, falam com intimidade das figuras mais salientes do paiz, do imperador, de que quasi todos tem o retrato, de Cotegipe, do barão de Mamanguape, dos presidentes da Republica.

As mulheres ouvem mastigando *obi* e cantando melopéas sinistramente doces. Essas melopéas são quasi sempre as preces as evocações e repêtem sem modalidade, por tempo indeterminado, a mesma phrase.

Só pelos *candomblés* ou sessões de grande feitiçaria em que os *babalaôs* estão attentos e os pais de santo trabalham dia e noite nas camarinas ou fazendo evocações deante dos fogareiros, com o *tessubá* na mão, é que a vida dessa gente deixa a sua calma amollecida de acassá com azeite de dendê.

Quando entrámos na casa de Oloô-Teté, o mathematico macrobio e sensual, uma velha mina, que cantava sonambulicamente, parou de repente.

—Pode continuar.

Ella disse qualquer cousa de incomprehensivel.

—Está perguntando se o senhor lhe dá dous tostões, ensina-nos Antonio.

—Não ha duvida.

A preta escancara a bocca, e, batendò ás mãos, põe-se a cantar :

«Baba ôumioô, ô xocotám, ô ilélé»

—Que vem a ser isso?

—E' o final das festas, quando o santo vai embora. Quer dizer : papai já foi, já fez, já acabou ; vai embora !

Eu olhava a restea estreita do quintal onde dormiam jabotys.

—O jaboty é um animal sagrado?

—Não diz-nos o sabio Antonio. Cada santo gosta do seu animal. Sango por exemplo come jaboty, gallo e carneiro. Obaluaié, pai da variola, só gosta de cabrito. Os pais de santos são obrigados pela sua qualidade a fazer criação de bichos para vender e tel-os sempre a disposição quando precisam de sacrificio. O jaboty é apenas um bicho que dá felicidade. O sacrificio é simples, Lava-se bem, ás vezes até com *champagne*, a pedra que tem o santo e põe-se dentro da terrina. O sangue do animal escorre : algumas das partes são levadas para onde o santo diz e o resto a roda come.

—Mas ha sacrificios maiores para fazer mal ás pessoas ?

—Ha ! para esses até se matam bois.

—Feitiço pega sempre, sentencia o illustre Oloô-Tetê com a sua pratica veneravel. Não ha corpo fechado. Só o que tem é que uns custam mais. Feitiço para pegar em preto é um instante, para mulato já custa, e então para cahir em cima de branco a gente sua até não poder mais. Mas pega sem-

pre. Por isso preto usa sempre o *assiqui*, a cobertura, o breve, e não deixa de mastigar *obi*, noz de kola preservativa.

Para mim, homem amavel, presentes alguns companheiros seus, Oloô-Tetê tirou o *opelé* que ha muitos annos foi baptisado e prognosticou o meu futuro.

Esse futuro vai ser interessante. Segundo as cascas de tartaruga que se voltavam sempre aos pares, serei felicissimo, ascendendo com a rapidez dos automoveis a escada de Jacob das posições felizes. E' verdade que um inimigozinho malandro pretende perder-me. Eu porém, o esmagarei viajando sempre com cargos elevados e sendo admirado.

Abracei respeitoso o mathematico que resolvera o quadrado da *hypothenus*a do desconhecido.

—Põe dinheiro aqui, fez elle.

Dei-lhe as notas. Com as mãos tremulas, o sabio a apalpou longamente.

—Pega agora nesta pedra e nesta concha. Pede o que tiveres vontade á concha, dizendo sim, e a pedra dizendo não.

Assim fiz. O *obelé* cahiu de novo no encerado. A concha estava na mão direita de Antonio, a pedra na esquerda, e Oló tremia falando ao santo, com os negros dedos tremulos no ar.

—Abra a mão direita! ordenou.

Era a concha.

—Se acontecer, ossumcê dá presente a Oloô?

—Mas de certo.

Elle correu a consultar o *obelé*. Depois sorriu.

—Dá, sim, santo diz que dá. E receitou-me os preservativos com que eu serei invulneravel.

Tambem eu sorria. Pobre velho malandro e ingenuo! Eu perguntara apenas, modestamente, á concha do futuro se seria imperador da China...

Emquanto isso, a negra da cantiga entoava outra mais alegre, com grande gestos e risos.

O lo rêxa la rê ca um ra ridê
O lo rêxa la rê ca um ra ridê

—É esta, o que quer dizer ?

—É' uma cantiga de *Orixalá*. Sgnifica : O homem do dinheiro está ahí. Vamos erguel-o...

Apertei-lhe a mão jubiloso e reconhecido. Na allusão da ode selvagem a lisonja vivia o encanto da sua vida eterna...

«AS IAUÕ»

A recordação de um facto triste — a morte de uma rapariga que fôra á Bahia fazer santo—deu-me animo e curiosidade para estudar um dos mais barbaros e inexplicaveis costumes dos fetiches do Rio.

Fazer santo é a renda directa dos *babatoxás*, mas ser filha de santo é sacrificar a liberdade, escravisar-se, soffrer, delirar.

Os trausentes honestos, que passeiam na rua com indifferença, não imaginam siquer as scenas de Salpetière africana passadas por trás das rotulas sujas.

As *yauô* abundam nesta Babel da crença, cruzam-se com a gente diariamente, sorriem aos soldados ébrios nos postibulos baratos, mercadejam doçes nas praças, as portas dos estabelecimentos commerciaes, fornecem ao Hospicio a sua quota de loucura, propagam a hysteria entre as senhoras honestas e as *cocottes*, exploram e são exploradas, vivem da credice e alimentam o castismo inconsciente. As *yauô* são as demoniacas e as grandes farcistas da raça preta, as obsecadas e as delirantes. A historia de cada uma dellas, quando não é uma sinistra pantomima de alcool e mancebia, é um tecido de factos crueis, anormaes, ineditos, feitos de invisivel, de sangue e de morte. Nas *yauô* está a base do culto africano. Todas ellas usam signaes exteriores do santo, as vestimentas symbolicas, os rosarios e os collares de contas com as côres preferidas da divindade a que pertencem; todas ellas estão ligadas ao rito selvagem por mysterio que as obri-

gam a gastar a vida em festejos, a sentir o santo e a respeitar o pae de santo.

Fazer santo é collocar-se sobre o patrocínio de um fetiche qualquer, é ser baptisado por elle, e por expontanea vontade delle. As negras, insenciveis a quasi todas as delicias que produzem ataques na *haute-gomme*, são, entretanto, de uma impressionabilidade morbida por tudo quanto é abusão. Da convivencia com os maiores nesse horisonte de chumbo, de atmospherá de feitiçarias e pavores, nasce-lhes a necessidade inilludível de fazer tambem o santo; e não é possível demovel-as, umas porque a miragem da felicidade as cega, outras porque já estão votadas á loucura e ao alcoolismo. Entre as tribus do interior da Africa ha o sacrificio do *agunum* em que se esmagam vivas as creanças de seis mezes. Ao Moloch das vesanias a raça preta sacrifica aqui uma quantidade assustadora de homens e de mulheres.

Antonio, que me mostrara a maior parte das casas de santo, disse-me um dia:

— Vou leval-o hoje a ver o 16º dia de uma *yauó*.

Para que uma mulher saiba a vinda do santo, basta encontrar na rua um fetiche qualquer, pedra, pedaço de ferro ou concha do mar. De tal maneira estão suggestionodas, que vão logo aos *babalaós* indagar do futuro. Os *babalaós*, a troco de dinheiro, jogam o *edilogun*, os busios, e servem-se tambem por approximação dos signos do zodiaco.

—O mez do Capricornio, diz Antonio, comprehende todos os animaes parecidos, a cabra, o carneiro, o cabrito, e segundo o calculo do dia e o animal preferido pelo santo, os mathematicos descobrem quem é.

Quando já sabe o santo, *babalaó* atira a sorte no *obelé* para perguntar se é de dever fazel-o. A natureza mesmo do culto, a necessidade de conservar as cerimoniaes e a avidez de

ganho da propria indolencia fazem o sabio obter uma resposta affirmativa.

Algumas creaturas pauperizas batem então nas faces e pedem:

—Eu quero ter o santo assentado!

E' mais facil. Os pais de santo dão-lhe hervas, una pedra bem lavada, em que está o santo, um rosario de contas que se usa ao pescoço depois de purificado o corpo por um banho. Nessas occasiões o vadio invisivel contenta-se com o *cbó*, despacho, algumas comedorias com azeite de dendê, hervas e sangue, deixadas na encrusilhada dos caminhos.

Quasi sempre, porém, as victimas sujeitam-se, e não é raro, mesmo quando são pobres os pais, o aceitarem o trabalho com a condição de as vender em leilão ou serem servidos por ellas durante longo tempo. Como as despesas são grandes, as futuras *yauô* levam mezes fazendo economias, poupando, sacrificando-se. E' de obrigação levar comidas, presentes, dinheiro ao pai de santo para a sua estadia no *ylé ache-ó-ylé-orixá*, estadia que regula de 12 a 30 dias.

Antes de entrar para camarinha, a mulher, predisposta pela fixidez da attenção a todas as suggestões, presta juramento de guardar o segredo do que viu, toma um banho purificador e á meia-noite começa a cerimonia. A *yauô* senta-se numa cadeira vestida de branco com o *ojá* apertando a cintura e um leque de metal que serve de chocalho. Todos em derredor entoam a primeira cantiga a Echú.

Echú tiriri, lô-nam bará ô bebé

Tiriri lo-nam Echú tiriri.

O *babaloxá* pergunta ao santo para onde deve ir o cabello que vai cortar á futura filha e, depois de ardente meditação, indica com apparato a ordem divina. Essas descobertas são fatalmente as mesmas no centro de uma cidade populosa com

como a nossa. Se o santo é a mãe d'agua doce. *Oxum*, o cabello vai para a Tijuca, a Fabrica das Chitas; se é *Ié-man-ja* fica na praia do Russell; se é outro santo qualquer, basta um trecho de praça em que as ruas se cruzem.

As rezas começam então; o pai de santo molha a cabeça da *yauô* com nma composição de ervas e com afiadissima navalha faz-lhe uma corôa, enquanto a roda canta triste.

orixalâ otô ô yauô!

Essa parte do cabello é guardada eternamente e a *yauô* não deve saber nunca onde a guardam, porque lhe acontece desgraca. Em seguida, o lugubre barbeiro raspalhe circularmente o craneo e quando a carapinha cai no alguidar a operada já perdeu a razão.

Babaloxà lava-lhe ainda a cabeça com o sangue dos animaes esfaqueados pelos *ogans*, e as *yauô* antigas levan-na a mudar a roupa, enquanto se preparam com ervas os cabellos do alguidar.

D'ahi a momentos a iniciada apparece com outros factos, pega no alguidar e sae acompanhada das outras, que a amparam e cantam baixo o offertorio ao sanc. Em chegando ao logar indicado, a hypnotisada deixa o vaso, volta e è recebida pelo pai, que entorna em frente á porta um copo d'agua.

A nova *yauô* vai então descancar enquanto os outros rezam na camarinha em frente ao estado-maior.

—O estado maior? indago eu, assustado com o exercito mysterioso.

O estado-maior é a collecção de terrinas e sopeiras collocadas numa especie de prateleiras de bazar. Nas sopeiras estão todos os santos pequenos e grandes. Ha desde as terrinas de granito ás de porcellanas com frisos d'ouro, rode-

andoarmações de ferro onde se guarda o *Ogum*, o São Jorge da Africa.

No dia seguinte á cerimonia a *yauô* lava-se e vai á presença do pai para ver se tem espiritos contrario.

Se os espiritos existem, o pai poderoso afasta a influencia nefasta por meio de *ebôs* e *ogunguns*. A *yauô* é obrigada a não falar a ninguem : quando deseja alguma cousa, bate palmas e só a ajuda nesses dias a mãe pequena ou *Iaque-que-rê*. As danças para preparo de santo realisam-se nos 1º 3º. 7º 12º, e no 16º dia o santo revela-se.

—Mas que adeanta isso ás *yauô*?

—Nada. O pai de santo domina-as. O *erô* ou segredo que lhes dá pode retiral-o quando lhe apraz, o poder de as transformar e fazer-lhes mal esta em virar o santo sempre que tem vontade.

—E quando essas creaturas morrem?

—Faz-se a obrigação raspando um pouco de cabello para saber se o santo tambem vai, e o *babaloxá* procura um collega para lhe tirar a mão do finado.

Quando a *yauô* não tem dinheiro, ou o pai vende-a em leilão ou a guarda como serva. Desta convivencia é que algumas chegam a ser mãis de santos. para o que basta dar-lhe o *babaloxá* uma navalha.

—E ha muita mãis de santos?

—Umás cincoenta, contando com as falsas. Se agora lembro a Josepha, a Calú Boneca, a Henriqueta da Praia, a Maria Marota, que vende á porta do *Glacier*. a Marido do Bomfim, a Martinha da rua do Regente, a Zebinda, a Xica de Vava, a Aminam pé-de-boi, a Maria Luiza, que é tambem seductora de senhoras honestas, a Flora Coco Podre, a Dudú do Sacramento, a Bitaiô, que está agora guiando seis ou oito filhas, a Assiata.

Esta é de força. Não tem navalha, finge de mãe de santo e trabalha com trez *ogans* falsos, João Ratão, um moleque chamado Macario e certo cabra pernóstico, o Germano. A Assiata mora na rua da Alfandega 304. Ainda outro dia houve lá um escândalo dos diabos porque a Assiata metteu na festa de *Iéman-já* algumas *yauó* feitas por ella. Os pais de santo protestaram, a negra damnou, e teve que pagar a multa marcada pelo santo. Essa é uma das feiticeiras de embromação.

Nesse mesmo dia Antonio veio buscar-me a tarde.

—A casa a que vae V. S. é de um grande feiticeiro; verá se não ha factos verdadeiros.

Quando chegámos, a sala estava enfeitada. Em derredor sentavam-se muitos negros e negras mastigando *olobó*, ou kola amargosa, com as roupar lavadas e as faces reluzentes. A um canto, os musicos, *physionomias* extranhas, faziam soar, com sacolejos compassados, o *xequerêe*, *alabaques* e *ubatás*, com movimentos de braço desvairadamente regulares. Não se respirava bem.

A cachaça, circulando sem cessar, ensanguentava os olhos amarellos dos assistentes.

—A's vezes tudo é mentiras á custa de cachaça e fingimento, diz Antonio. Quando o santo não vem, o pai fica desmoralisado. Mas aqui è de verdade...

Olhei o celebre pai de santo, cujas filhas são sem conta. Estava sentada á porta da camarinha, mas levantou-se logo e a negra iniciada entrou, de camisola branca, com o leque de metal. Fula, com uma extraordinaria fadiga nos membros lassos, os seus olhos brilhavam satanicos sob o capacete de pinturas bizarras com que lhe tinham brochado o craneo. Diante do pai estirou-se a flo comprido, bateu com as faces no asoalho, ajoelhou e beijou-ihe a mão. *Babaloxá* fez um gesto de benção e ella foi, rojou-se de novo diante de ou-

tras pessoas. O som do *agogó* arrastou no ar os primeiros batuques e os arranhados do *xequeré*. A negra ergueu-se e, estendendo as mãos para um e para outro lado, começou a traçar passos, sorrindo idiotamente. Só então notei que tinha na cabeça uma exquisita especie de cone.

— E' o *ado-chú*, que faz vir o santo, explica Antonio. E' feito com sangue e hervas. Se o *ado-chú* cai, santo não vem.

A negra parecia aos poucos animar-se sacudindo o leque de metal chocalhante.

Em derredor, a musica acompanhava as cantigas, que repetiam indefinidamente a mesma phrase.

A dança dessas cerimoniaes é mais ou menos precipitada mas sem os pulos satanicos dos Cafres e a vertigem diabolica dos negros da Luiziania. E' simples, continua e insistente, horrendamente insistente. Os passos constantes são o *alujá*, em roda da casa, dando com as mãos para a direita e para a esquerda, e o *jéguedé* em que ao compasso dos *tabaques*, com os pés juntos, os corpos se quebram aos poucos em remexidos sinistros. Não sei se o enervante som da musica distillando aos poucos desespero, se a cachaça, se o exercicio. o facto é que, em pouco, a *yauó* parecia reanimar-se, perder a fadiga numa raiva de louca. De cada *xequexé*, *xequexé* que a mão de um de negro sacudia no ar, vinha um espicaçamento de urtiga, das boccas cusparinhentas dos assistentes escorria a allucinação. Aos poucos, outros negros, não podendo mais, saltaram tambem na dança, e foi então entre as vozes, as palmas e os instrumentos que repetiam no mesmo compasso o mesmo sem, uma theoria de cara bebedas cabriolando precedidas de uma cabeça colorida que ergareíava lugubrememente. A loucura propagou-se. No meio do pandemonico vejo surgiro *babaloxá* com um desses vasos furados em que se assam castanhas, cheio de brasas.

—Que vai elle fazer?

—Cala, cala... é o pai, é o pai grande, balbucia Antonio.

As cantigas redobram com um furor que não se apressa. São como uma ancia de desesperado essas cantigas, como a agonia de um mesmo gesto arrancado dos olhos a mesma lamina de faca, são atrozes! O *babaloxá* colloca o cangirão ardente na cabeça da *yauô*, que não cessa de dansar delirante, insensível, e, alteando o braço com um gesto dominador e um sorriso que lhe prende o beijo aos ouvidos, entorna nas brasas fumegantes um alguidar cheio de azeite de dendê.

Ouve-se o chiar do azeite nas chammias, a negra, bem no meio da sala sacoleja-se num *jeguedê* lancinante, e pela sua cara suada, do cangirão ardente, e que não lhe queima a pelle, escorrem fios amarellos de azeite...

Ye-man-já atô uàuô

continuava a turba.

—Não queimou, não queimou, elle é grande, fez Antonio.

Eu abrira os olhos para ver, para sentir bem o mysterio da inaudita selvageria. Havia uma hora, a negra dançava sem parar; pela sua face o dendê quente escorria benefico aos santos. De repente, porém, ella estacou, cahiu de joelhos, deu um grande grito.

—*Emim oiá bonmim!* bradou.

—E' o nome della, o santo disse pela sua bocca o nome que vai ter.

A sala rebentou num delirio infernal. O *babaloxá* gritava, com os olhos arregalados, palavras gutturaes.

—Que diz elle?

—Que é grande, que vejam como é grande!

Creaturas rojavam-se aos pés do pai, beijando-lhes os dedos; negras uivavam, com as mãos empoladas de bater

palmas; dous ou tres pretos aos sons dos *xequerês* sacudiam-se em danças com o santo, e a *yauô* revirava os olhos, idiota, como se acordasse de uma grande e estranha molestia.

— Que vai ella fazer agora, Deus de misericordia! murmurei sahindo.

— Vai trabalhar, pagar no fim de tres mezes a sua obrigação, *ochú-meta*, dar dinheiro a pai de santo, ganhar dinheiro...

— Sempre o dinheiro ! fiz eu olhando a velha casaria.

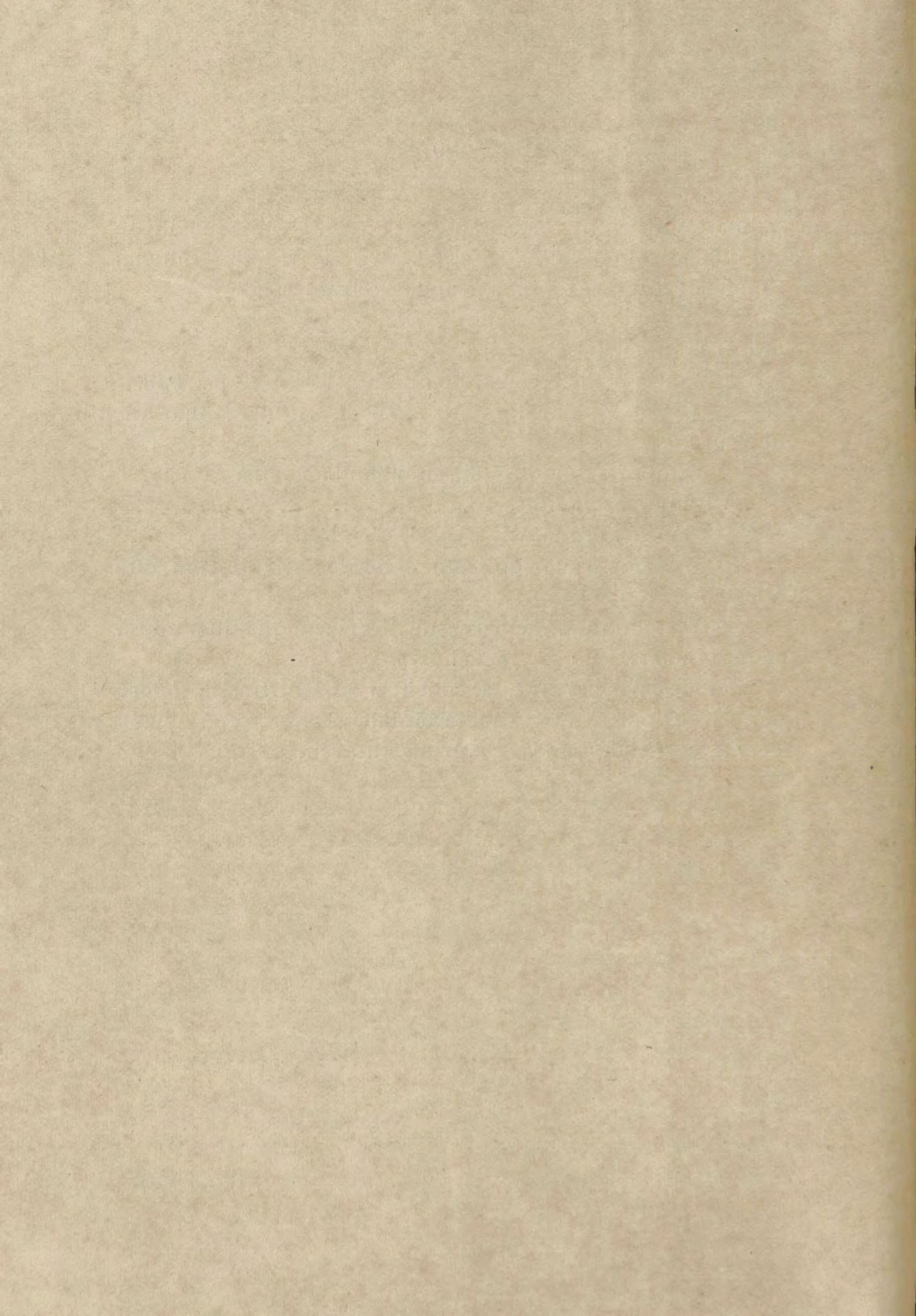
Antonio parou e disse:

— Não se engana V. S.

E limpando o suor do rosto. o negro concluiu com esta reflexão profunda:

— Neste mundo, nem os espiritos fazem qualquer cousa sem dinheiro e sem sacrificio !

Fomos pela rua estreita com a visão snistra da pobre martyr aos pulos, dessa cabeça pintada, entre os chocalhes e os *atabaques*, que dançava e gritava horrendamente...



O FEITIÇO

Nós dependemos do Feitiço. Não é um paradoxo, é a verdade de uma observação longa e dolorosa. Ha no Rio magos estranhos que conhecem a alchimia e os filtros encantados, como nas magicas de theatro, ha espirito que incomodam as almas para fazer os maridos incorrigiveis voltarem ao thálamo conjugal, ha bruxas que abalam o invisivel só pelo prazer de ligar dous corpos apaixonados, mas nenhum desses homens, nenhuma dessas horrendas mulheres tem para este povo o indiscutivel valor do Feitiço, do mysterioso preparado dos negros.

E' provavel que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não ha ninguem cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolencia malandra dos negros e das negras. E' todo um poblema de hereditariedade e psychologia essa attracção morbida. Os nossos ascendentes acreditaram no arsenal complicado da magia da idade média, na pompa de uma sciencia que levava á forca e ás fogueiras sabíos estranhos, derramando a loucura pelos campos; os nossos avós, portuguezes de boa fibra, tremeram diante dos encantamentos e amuletos com que se presenteavam os reis entre diamantes e esmeraldas. Nós continuamos fetiches no fundo, como dizia o philosopho, mas rojando de medo diante do Feitiço africano, do Feitiço importado com os escravos, e indo buscar tremulos a sorte nos antros, onde gorrillas manhosos e uma sucia de pretas cynicas ou hyste-

rica; desencavam o futuro entre kagados estrangulados e pennas de papagaio! Vivi tres mezes no meio dos feitiçeiros, cuja vida se finge desconhecer mas que se conhece na allucinação de uma dór ou da ambição: e julgo que seria mais interessante como patologia social estudar de preferencia aos mercadores da paspalhiçe, os que lá vão em busca do consolo.

Vivemos na dependencia do Feitiço, dessa caterva de negros e negras, de *babaloxás* e *yaôu*, somos nós que lhe asseguramos a existencia, com o carinho de um négociante por uma amante actriz. O Feitiço é o nosso vicio, o nosso goso, a degeneração. Exige, damos-lhes; explora, deixamo-nos explorar, e, seja elle *maitre-chanteur*, assassino, larapio, fica sempre impune e forte pela vida que lhe empresta o nosso dinheiro.

Os feitiçeiros formigam no Rio, espalhados por toda a cidade, do cáes á Estrada de Santa Cruz.

Os pretos, *alufás* ou *orixás*, degeneram o mahometismo e o catholicismo no pavor dos *aligenum*, espiritos mãos, e do *echu*, o diabo, e a lista dos que praticam para o publico não acaba mais. Conheci só num dia a Izabel, a Leonor, a Maria do Castro, o Tintino, da rua Frei Caneca; o Miguel Pequeno, um negro que parece os anões de *D. Juan* de Byron; o Antonio, mulato conhecedor do idioma africano; Obitaiô, da rua Bom Jardim; o Juca Aboré, o Alamijo, o o Abede, um certo Mauricio, *ogan* de outro feitiçeiro—o Brilhante, pai macumba dos santos cabindas; o Rodolpho, o Virgilio, a Dudú do Sacramento, que mora tambem na rua do Bom Jardim; o Hygino e o Breves, dous famosos typos de Nictheroy, cuja chronica é sinistra; o Oto Ali, Ogan-Didi, jogador da rua da Conceição; Armando Ginja. Abubaca Caolho, Egidio Aboré, Horacio, Oiabumin, filha

e mãe de santo actual da casa de Abedé; Ieusimin, Torquato Arequipá, Cypriano, Rosendo, a Justa de Obaluaei, Apotijá, mina famoso pelas suas malandragens, que mora na rua do Hospicio 322 e finge de feiticeiro fallando mal do Brazil; a Assiata, outra exploradora, a Maria Luiza, seductora reconhecida, e até um empregado dos Telegraphos, o famoso pai Deolindo...

Toda essa gente vive bem, á farta, joga no bicho como Oloô-Teté, deixa dinheiro quando morre, ás vezes fortunas superiores a cem contos de réis, e achincalha o nome de pessoas eminentes da nossa sociedade. entre conselhos ás meretrizes e goles de paraty. As pessoas eminentes não deixam, entretanto, de ir ouvir-os ás baiucas infectas, porque os feiticeiros que podem dar riqueza, palacios e eternidade que mudam a distancia, com uma simples mistura de sangue e de hervas, a existencia humana moram em casinhas sordidas, de onde emana um nauseabundo cheiro.

Para obter o segredo do feitiço fui a essas casas, estive nas salas sujas, vendo pelas paredes os elephantes, as flechas, os arcos pintados, tropeçando em montes de hervas e lagartos seccos, pegando nas terrinas sagradas e nos *obelês* cheios de suor.

— V. S. se deseja saber quaes são os principaes feitiços é preciso acostumar-se antes com os santos, dizia-me o africano.

Acostumei-me. São innumeraveis. As velhas que lhes discutem o preço em conversa, até confundem as historias. Em pouco tempo estava relacionado com Egum, o guerreiro, Obaluaiê, o santo da varíola, Oehá-ousy, Euilê, Oboraqué, o santo das altitudes, o ar, os montes, Obalufaz, Ochu-maré, Orisá-oglinhan, Orixá-olou, Sangô, Orixá-lá, Baynhan, e conhecida as mulheres e as mães desse farrancho de divin-

dades beijudas:— Obi-am, esposa de Orixá-lá; Oraíña, O gango, que se chama também Airá; Jená, mulher, de Eló-quê; lo-mão-já, a dona de Orixáocó; Oxum de Sango e até Obá, que, príncipe neste mundo, é no ether hetaira do formidável santo Ogodo.

Os fetiches contaram-me a historia de Orixá-alum, o maior dos santos que apparece raras vezes só para mostrar que não è de brincadeiras, e eu assisti ás cerimoniaes do culto, em que quasi sempre predomina a farça pueril e sinistra. Diante dos meus olhos de civilisado, passaram negros vestidos de Sango, com calça de cõr, saiote encarnado enfeitado de buzios e lantejoulas, avental, babadouro e gorro; e esses negros dansavam com Oxum, varias negras fantasiadas, de ventarolas de metal na mão esquerda e espadinha de páo na direita. Concorri para o sacrificio de Obaluaié, o santo da variola, um negro de bigode preto com a roupa de Polichinello e uma touca branca orlada de urtigas. O santo agitava uma vassourinha, o seu *xaxará*, e nós todos em deredor do *babaloxá* viamos morrer sem auxilio de faca, apenas por estrangulamento, uma bicharada que faria inveja ao Jardim Zoologico.

Os africanos porém continuavam a guardar o mysterio da preparação.

— Vamos lá, dizia eu, camarario, como é que faz para matar um cidadão qualquer ?

Elles riam, voltavam o rosto com uns gestos quasi femininos.

— Sei lá!

Outros porém tagarelavam:

— V. S. não acredita? E' que ainda não viu nada. Aqui está quem fez um deputado! O...

Os nomes conhecidos surgiam, tumultuavam, empre-

gos na policia, na Camara, relações no Senado, interferencias em desaguisados de familias notaveis.

— Mas como se faz isso?

— Então o senhor pensa que a gente diz assim o seu meio de vida?

E immediatamente aquelle com quem eu lallava descoupunha o visinho mais proximo—porque, membros de uma maçonaria de defesa geral, de que é chefe o Ojó da rua dos Andradas, os pretos odeiam-se intimamente, formam partidos de feitiçeiros africanos contra feitiçeiros brasileiros e empregam todos os meios imaginaveis para afundar os mais conhecidos.

Acabei julgando os *babaloxás* sabios na sciencia da feitiçaria como o Papa João XXII e não via negra mina na rua sem recordar logo o bizarro saber das feitiçeras de d'Annunzio e do Sr. Sardou. A lisonja porém e o dinheiro, a moeda real de todas as machinações dessa opera pregada aos incautos, fizeram-me sabedor dos mais complicados feitiços.

Ha feitiços de todos os matizes, feitiços lugubres, poeticos, risonhos, sinistros. O feitiçeiro joga com o Amor, a Vida, o Dinheiro e a Morte, como os malabaristas dos circos com objectos de pesos diversos. Todos entretanto são de uma ignorancia absoluta e affectam intimidades superiores, collocando-se logo na alta politica, no clero e na magistratura. Eu fui saber, aterrado, de uma conspiração politica com os feitiçeiros: nada mais nada menos que a morte de um passado presidente da Reublica. A principio achei impossivel. mas os meus informantes citavam com simplicidade nomes que estiveram publicamenle implicados em conspirações, homens a quem tiro o meu chapéo e aperto a mão. Era impossivel a duvida.

— O presidente está bem com os santos, dissi-me o fei-

ticeiro, mas bastava vel-o ã janella do palacio para que dous mezes depois elle morresse.

— Como ?!

— E' difficil dizer. Os trabalhos dessa especie fazem-se na roça, com orações e grandes matanças. Precisa a gente passar noites e noites a fio diante do fogareiro, com o *tessubá* na mão, a rezar. Depois matam-se os animaes, as vezes um boi que representa a pessoa e é logo enterrado. Garanto lhe que dias depois o espirito vem dizer ao feiticeiro a doença da pessoa.

— Mas porque não matou ?

— Porque os caipóras nao me quizeram dar sessenta contos.

— Mas se você tivesse recebido esse dinheiro e um amigo do governo desse mais ?

— O feitiço virava. A balança peza tudo e peza tambem dinheiro. Se Deus tivesse permittido a essa hora, os sumiticos estariam mortos.

Esse é o feitiço maior, o *envoulement* solemne e caro. Ha outros, porém, mais em conta.

Para matar um cavalheiro qualquer basta torrar-lhe o nome, dal-o com algum milho aos pombos e soltar-os n'uma encruzilhada. Os pombos levam a morte... E' poetico. Para ulcerar as pernas do inimigo um punhado do terra do cimiterio é sufficiente. Esse mysterioso serviço chama-se *etu*, e os *baboloxás* resolvem todo o seu methodo depois de conversar com os *iffá* uma colecção de 12 pedras. Quando os *iffá* estão teimosos, sacrifica-se um cabrito mettendo as pedras na bocca do bicho com alfavaca de cobra.

Os homens são em geral voluveis. Ha o meio de os reter *per eternum* sujeitos á mesma paixão. o *effifá* uma torquilha de pão preparada com besouros, algodão, linhas eervas,

sendo que durante a operação não se deve deixar de dizer o *ojó*, oração. Se eu amanhã desejar a desunião de um casal, enrolo o nome da pessoa com pimenta da costa, malagueta e linha preta, deito isso no fogo com sangue, e o casal dissolve-se; se resolver transformar Catão, o honesto, no mais desbriado gatuno, arranjo todo esse negocio apenas com um bom *tira*, um rato e algumas hervas! E' maravilhoso.

Ha tambem feitiços porcos, o *mantucá*, por exemplo, preparado com escremento de varios animaes e cousas que a decencia nos salva de dizer e feitiços comicos como o terrivel *xuxúguruxú*... Eese faz-se com um espinho de Santo Antonio besuntado de ovo e enterra-se á porta do inimigo, batendo tres vezes e dizendo:

— *Xuxú-guruxú io le bará* ..

Para o homen ser absolutamente fatal, D. Juan, Rotschild. Nicoláo II e Morny recolhi com carinho uma receita infalivel: E' mastigar *orobó* quando pragueja, trazer alguns *tira* ou breves escriptos em arabe na cinta, usar do *ori* para o feitiço não pegar, ter além do *xorá*, defesa propria, o *es-siqui*, cobertura e o *irocó*, defumação das roupas num fogareiro em que se queima azeite de dendê cabeças de bicho e hervas, visitar os *babaloxás* e jogar de vez em quando o *ité* ou a praga. Se apesar de tudo isso a amante desse homem fugir, ha um supremo recurso: espera-se a hora do meio-dia e crava-se um punhal de trás da porta.

Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros e que a base o fundo de toda a sua sciencia é o *Livro de S. Cypriano*. Os maiores alufás, os mais complicados pais de santo, tem escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada phantastica do S. Cypriano. Emquanto creaturas canoras esperam os quebrantos e as misturadas fatias os negros soletram o S. Cypriano, á luz dos candieiros... O feitiço

compoe-se apenas deervas arrancâdas ao campo depois de lá deixar dinheiro para o sacy, de sangue, de orações, de gallos, cabritos, kagados, azeite de dendê e do livro idiota. E' o desmoronamento de um sonho!

Os feiticeiros porém, pedem retratos, exigem dos clientes coisas de uma depravação sem nome para agir depois fazendo o *egum*, ou evocação dos espiritos, o maior mysterio e a maior pandega dos pretos: e quasi todos roubam com descaro, dando em troco de dinheiro sardinhas com pó de mico, cebollas com quatro pregos espetados, cabeças de pombo em salmora para fortalecer o amor, uma infinita serie de extravagancias. Os trabalhos são tractados como nos consultorios-medicos, a simples cousulta de seis a dez mil réis, a morte de homem segundo a sua importancia social e o recebimento da importancia por partes. Quando é doença, paga-se no acto—porque os babaloxas são medicos, e curam com cachaça, urubús, pennas de papagaio, sangue e ervas.

A policia visita essas casas como consultante. Soube nesses antros que um antigo delegado estava amarrado a uma paixão, graças aos prodigios de um gallo preto. A policia não sabe pois que alguns desses covis ficam defronte de casas suspeitas, que ha um tecido de patifarias inconscientes ligando-as. Mas não é possivel a uma segurança transitoria acabar com o grande Vicio, com o Feitiço. Se um inspector vasculhar amanhã os jabotys e as figas de uma das baiucas, á tarde, na delegacia os pedidos choverão...

Eu vi senhoras de alta posição saltando, ás escondidas de carros de praça, como nos folhetins-romance, para correr, tapando a cara com véos espessos, a essas casas; eu vi sessões em que mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas e notas aos gritos dos negros malcriados que bradavam.

— Bota dinheiro aqui!

Tive em mãos, com susto e pezar, fios longos de cabellos de senhoras que eu respeitava e continuarei a respeitar nas festas e nos bailes como as Deusas do Conforto e da Honestidade suave. Um *babaloxá* da costa da Guiné guardou-me dous dias ás suas ordens para acompanhal-o aos logares onde havia serviço e eu o vi entrar mysteriosamente em casas de Botafogo e da Tijuca, onde, durante o inverno ha recepções e *conversations* as 5 da tarde como em Paris e nos palacios de Italia. Alguns pretos bebendo comigo informavam-me que tudo era embromação para viver, e, noutro dia, tilburys paravam á porta, cavalheiros saltavam, pelo corredor estreito desfilava um resumo da nossa sociedade desde os homens de posição ás prostitutas derrancadas, com escala pelas criadas particulares. De uma vez mostraram-me o retrato de uma menina que eu julgo honesta.

— Mas para que isso?

— Ella quer casar com este.

Era a photographia de um advogado.

— E vocês?

— Como não quer dar mais dinheiro, o servicinho está parado. A pequena já deu tresentos e cincoenta.

Tremi romanticamente por aquella ingenuidade que se perdia nos poços do crime á procura do Amor...

Mas esse caso é commum. Encontrei papelinhos escriptos em cursivo inglez, puro Coração de Jesus, cartões bilhetes, pedaço de seda para misteres que a moralidade não pode desvendar. Elles diziam os nomes com reticencias sorrindo e eu acabei humilhado, envergonhado, como se me tivessem insultado.

— A curiosidade tem limites, disse a Antonio que desaparecera havia dias para levar ao suburbios umas negras. Se eu dissesse metade do que vi, com as provas que tenho !...

Continuar é descer o mesmo abysmo vendo a mesma cidade mysteriosamente rojar-se diante do Feitiço... Basta!

— V. S. não passou dos primeiros quadros da revista. E preciso ver as loucuras que o Feitiço faz, as beberagens que matam, os homicidios nas camarinhas que nunca a policia soube, é preciso chegar á apotheose. Venha...

E Antonio arrastou-me pela rua General Gomes Carneiro.

A CASA DAS ALMAS

A CASA DAS ALMAS

Os negros cabindas do Rio guardam com terror a historia de um branco, que lhes appareceu certa vez em pleno sertão africano. Quando o rei deu por elle, que por alli vinha calmo, com as suas barbas de sol, precipitou-se mais a tribu em attitude feroz. O branco tirou da cinta um pequeno feitiço de metal e prostou morto, golphando sangue, o *babalão*.

— *Echú! Echú!* ganiu a tribu recuando de chofre.

— Quem és tú, santo que eu não conheço? fez tremulo o poderoso rei.

— Sou o que póde tudo, bradou o branco. Vê.

Estendeu a mão de novo e matou outros negros.

— Só te deixarei em paz se me mostrares todos os teus feitiços.

Sua Magestade, apavorada, levou-o á tenda real e durante o dia e durante a noite, sem parar, lhe deu tudo quanto sabia.

— Perdóo-te, fez o branco. Adeus! Levo para o mysterio a rainha. Aconchegou o feitiço, qua parecia *ogum*, o deus da guerra, no seio da preferida, deixou-a cahir, e partiu de vagar pela estrada a fóra...

Não precisei dos meios violentos do Caramurú da Africa, para sabar do mais terrivel mysterio da religião dos minas: — o *ogum* ou evocação das almas. Naquella mesma noite em que encontrara Antonio, o negro serviçal levou-me a uma casa nas immediações da praia de Santa Luzia.

— Em tudo é preciso mysterio dizia elle. V. S. vai á

casa do *babaloxá*, finge acreditar e depois é convidado para uma cerimonia na casa das almas. Poderá então ver o segredo da pantomima. Quem descobre o segredo do *ogum*, morre. Eu me arrisco a morrer.

A sua voz era tremula.

— Tens medo?

— Não, mas se morrer amanhã todos os feiticeiros dirão que foi o feitiço. Do *ogum* depende toda a traficancia. O negro parou. Não imagina! Abubáca Caolho, que mora na rua do Rezende, é um dos taes. Quando ha uma morte, vai logo dizer que foi quem a fez. Se fossemos acreditar nas suas mentiras, Abubáca tinha mais mortes no costado que cabellos na cabeça. V. S. já o viu. E' um negro que usa gravata do lado e *pontas*, — as roupas velhas dos outros... Apotijá é outro.

— Mas ha desse genero de morte, Antonio? fiz eu accendendo o cigarro com um gesto shakespearano.

— Ora se ha! Vou provar quando quizer. De morte mysteriosa lembro a Maria Rosa Duarte, sogra do *mama* Pão Balthazar, *alufã* muito amigo de um politico conhecido; o Salvador Tápa, a Esperança Laninia, Larê-quê, Fantunchê, o Jorge da rua do Estacio, Ougu-olusaim... Todos morreram por ter descoberto o *ogum*. Na Bahia, então, esses assassinatos são communs. Hei de lembrar sempre do velho feiticeiro Aguidy. Coitado! Era dos que sabem. Um dia farto de viver, descobriu a traficancia e logo depois morria no incendio do Tabão, com os braços cruzados, impassivel e a sorrir. Aguidy na minha lingua significa: — o que quer morrer... Elle quiz.

Pela praia de Santa Luzia o luar escorria silenciosamente, e de leve o vento sacudindo as folhas das arvores em melancolico sussurro, entristecia Antonio.

— Ah! meu senhor. Não é só por causa do *ogum* que

negro mata. Quando as *Yauô* não andam direito, quando não fingem bem, quasi nunca escapam de morrer. Ha varios processos de morte: a morte lenta, com beberagens e feitiços directos; a morte na camarinha por suffocação... Muitos negros apertam uma veia que a gente tem no pescoço e dentro de um minuto qualquer pessoa está morta. Outros dependuram as creaturas e ellas ficam bracejando no ar com os olhos arregalados.

A Morte e a Loucura nem sempre se limitam ao estreito meio dos negros. As beberagens e o pavor actuam sufficientemente nas pessoas que os frequentam. A Assiata, uma negra baixa, fula e presumptuosa, moradora á rua da Alfandega, dizem os da sua roda que poz doida na Tijuca uma senhora distincta dando-lhe misturadas para certa molestia do utero. Apotija, o malandro da rua do Hospicio, que aproveita os momentos de ocio para descompor o Brasil, tem tambem uma vastissima colleção de casos sinistros.

A Morte e todas as vesanias não são apenas os sustentaculos dos seus ritos e das suas transacções religiosas, são tambem o meio de vida extra-cultural, o processo de apanhar heranças. Alikali, *lemamo* actual dos *alufás*, je Amando Ginja, cujo nome real é Fortunato Machado, quando morre negro rico vão logo á policia participar que não deixou herdeiros. Alikali é testamenteiro de quasi todos e bicho capaz de fazer *amuré* com as negras velhas só para lhes ficar com as casas. A certidão de obito é dada sem muitas observações.

— Mas, você conhece mais feiticeiros, Antonio ?

— Pois não! O João Mussê, *alufá* feiticeiro tremendo, que mora na rua Senhor dos Passos 222 e é respeitado por todos; Obalei-yé, Obá Jamin, Ochu-Toqui, Ochu Bumin, Emin-Ochun, Oumigy, Obitaíó-homem, Obitaíó-mulher, Ochu Tayodé, a Ochu boheio da rua do Cattete, Syé, Shan-

go-Logreti, Ajagum-barú, Echu-hemin, Angelina, o *ogum* Conrado... Mais de cem feiticeiros, mais de cem...

— Quasi todos com os nomes dos santos...

— Os negros usam sempre o nome do santo que têm no corpo...

Mas de repente Antonio parou entre as arvores.

— Temos *ebó* de *Ié-man-já*. A negralhada vem ahí... Se quer ver, esconda-se detrás de algum tronco.

Com effeito. Sentiam-se vozes surdas ao longe cantando.

O despacho, ou *ebó*, da mãe d'agua salgada, é um alguidar com pentes, alfinetes, agulhas, pedaços de seda, dedaes, perfumes, linhas, tudo o que é femenino.

Detrás da arvore, pouco depois eu vi apparecer no plenilunio a theoria dos pretos. A' frente vinha uma com o alguidar na cabeça e cantavam baixo

Baô de ré se equi je-man-já
Pelé bé auo yo tô toro fým la chá
Ere...

Era o offertorio. Ao chegar á praia, na parte em que ha uns rochedos, a negra desceu, depositou o alguidar. Uma onda mais forte veio, bateu, virou o vaso de barro, quebrou-o, levou as linhas, e todos balbuciarão, rojando:

— *Yé-man-já!*

A santa apparecera na phosphorecencia lunar, agrandecendo...

Depois os sacerdotes ergueram-se, reuniram e nós ficámos de novo sós, emquanto o oceano rugia e ao longe tristemente a canzoada ladrava.

— Ainda apanhamos o *candomblé*, fez Antonio. E' preciso que o *babaloxá* convide V. S. para o *ogum*...:

Noutro dia, pouco mais ou menos á meia-noite, estávamos no *ilé-saim* ou casa das almas.

O *ogum* é uma cerimonia quasi publica, a que os feiticeiros convidam certos brancos para presenciar a pantomima do seu extraordinario poder. Esses curiosos fetiches, que para fazer o guincho de santo Ossaim amarram nas pernas bonecas de borracha, com assobio; cujos santos são um producto de bebedeiras e de hypnose, têm na evocação dos espiritos a maxima encenação da sua força sobre o invisivel. Quando morre alguem, quando todos estão diante do corpo, um dos pretos esconde-se e dá um grito. No meio da confusão geral, então, mudando a voz, esse negro grita:

— *Emim, toculámi mopé, cá-um-pé. emim!* Eu que morri hoje, quero que chamem por mim.

Os donos do defunto arranjam o dinheiro para a evocação, pessoas estranhas ajudam tambem com a sua quota para aproveitar e saber do futuro. O *babaloxá* não faz o *ogum* emquanto não tem pelo menos tresentos mil réis. Arranjada a quantia, começa a cerimonia.

Quando entramos na sala das almas, á luz fumareta dos candieiros, a scena era estranha. Havia brancas, mer trizes de grandes rodellas de carmim nas faces, mulatas em camisa, mostrando os braços com desenhos e iniciaes em azul dos proprietarios do seu amor, e negros, muitos negros. Esses ultimos, sentados em roda do assoalho, estavam quasi nus, e algumas negras mesmo inteiramente nús com os seios pendentes e a carapinha cheia de banha.

— Por que estão elles assim?

— Para mais facilmente receber o espirito.

Junto á porta do fundo, tres negros de vara em punho quedavam-se extaticos. Eram os *annichans*, que faziam

guarda ao *saluin* ou quarto dos espiritos. Ouvi dentro do *saluin* um barulho de pratos, de copos tocados, de garrafas desarrolhadas; um momento pareceu-me ouvir ate o estouro forte da *champagne* barata.

— Ha gente lá dentro ?

— As almas. Estão se banquetando. O banquete foi pago pelos presentes. Mas, psiu ! Daqui a pouco começarão as cantigas, que ninguem comprehende. Os africanos inventam nomes para a scena parecer mais fantastica,

Com effeito, minutos depois, aos primeiros sons dos atabaques, as negras bradaram :

— *Aluá!* o espirito ! e romperam uma cantiga assustada e tropega.

Anu-ha, a o ry au od á

San-ná elé-o ou baba

Locá-aló.

A porta continuava fechada, mas eu vi surgir de repente um negro vestido de dominó com os pés amarrados em pannos. Os tres *annichans* ergueram as varas, o dominô macabro começou a bater a sua no chão, os *xeguedês* saudiram-se, e outra cantiga estalou medrosa :

Lou-â gége ou-rou ó uá

Xó la-ry la-ry lary

Que qué oura ó uchô

La-ry la mamau rú nam babá

— Vão apparecer as almas, fez Antonio, a cantiga diz : Procuramos a alma de Fulano e de Cicerano e não a encontramos dormindo. Cançámos sem saber o mysterio que a envolvia. A alma está aqui e entrou pela porta do quintal.

— Mas quem é este dominó ?

— E' *Baba-Ogum*. As almas têm varios cargos. O que traz uma gamela chama-se *Ala-lé-orum*, o 2º *Opocó-echi*, o 3º *Eguninhansan*, e no meio de sete espiritos apparece o invocado. Entretanto o domiuó *Babagum* batia furiosamente no chão com a sua vara de marmello, e no alarido augmentado appareceu aos pulos outro dominó, o *Alabá*, que por sua vez tambem se poz a bater. Era o ritual da entrega das almas. Por fim appareceu *Ousaim*, enfiado numa fantasia de *bebê*, de xadrez variado, com duas mascaras: uma nas costas, outra tapando o rosto.

— Quem é esse ?

— O Bonifacio da Piedade, um malandro de *cavaignac*, que faz sempre de *Eruo-saim*.

Eruosaim tambem dansava. Entre as cantigas, os *annichans* ergueram de novo as varas, aporta abriu-se, dous negros ficaram um de cada lado, o *atafim*, ou confidente, e o *anuxam*, scretas. De dentro sahiram mais tres dominós cheios de figas e espelinhos, com os pés embrulhados nos trapos. As negras aterrorisadas, uivavam, com o amarello dos olhos virados e os espiritos, naquella algazarra, pareciam cambalear. Havia gente porém que os reconhecia.

— Elles fingem os gestos dos mortos, segredou-me Antonio.

Palmas resoavam estridentes saudando a chegada do invisivel, as varas de marmello lanhavam o ar e as almas, e naquelle circulo silvante, ao som dos *xeguedês* e dos *atabaques* batiam surdamente no chão aos pulos da dança demoniaca.

Um dos espiritos, porém, sentou-se numa especie de throno de magica. Como por encanto a dança cessou e naquella pavida athmosphera, em que o medo gemia, as mulheres de borco, os homens contorcionados, o negro fantasiado guinchou do alto.

— Guilhermina ocê percisa gostá de Antonho... José tem que fazê *ebô* para espirito máo.

Xica, um home ha de vi ahi, ocê vai com elle...

— Veja V. S. o *chantage*, murmurou Antonio. Os negros recebem dinheiro antes dos homens e obrigam as creaturas pelo terror a tudo quanto quizerem. Por isso quem descobre o *ogum*, morre.

A Xica, uma mulatinha, coitada! tremia convulsivamente mas já outras, nuas, em camisa, sacudindo os membros lassos, ganiam de longe batendo as varas num terror exaustivo.

— E eu? e eu?

— Ocê tá direita, sua vida vai p'ra frente.

— E eu? e eu? gargolejaram outras boccas em estertores.

— Ocê está pra traz, percisa *ebô*.

Approximei-me de um dos espiritos; cheirava a espirito de vinho; estava litteralmente bebedo.

Quando a cerimonia attingia ao desvario e já os espiritos tinham pastosidades na voz, cahiu na sala como um bendegó *Inhansam*, um negro fingindo de santo materializado, e em meio do pavor geral, ao som das cantigas, esticou a mão sinistra, foi pedindo a cada creatura 16 *o bis*, 16 *orobôs*, 16 gallos, 16 gallinhas, 16 pimentas da Costa, 16 mil réis, um cabrito, um carneiro. Ao chegar ás meretrizes brancas *Inhansam* ferozmente exgia peças de chita, fazendas e objectos caros. A turba gritava toda: *Inhausam! Inhansam!* gente nova entrava na sala, e de repente, como todos se voltassem a um grito da porta, os espiritos desapareceram... Tinham fugido tranquillamente pelo corredor.

— Está acabado, fez Antonio. Os espiritos vão e despir, e voltam dahi a pouco para ver se o pessoal acreditou mesmo...

A scena mudara entretanto. Dissipado o sudario apavorado, todas aquellas carnes hyperestisadas erguiam-se ainda vibrantes para a bacchanal. O alcool e a quéda na realidade estabeleciam o desejo. Negros arrastavam-se para o quintal, para os cantos, longos sorrisos lubricos abriam em bocejos as boccas espumantes, risinhos rebentavam e negros fortes, estendidos no chão, rolavam as cabeças numa séde de gozo.

Ha entre as negras uma propensão sinistra para o tribalismo. Em pouco, naquella casinhola suja e mal cheirosa, eu via como uma caricatura horrenda as scenas de deboche dos romances historicos em moda. Mais dous negros entraram.

— Então *ogum* esteve bom ?

— E eu que não cheguei em tempo..

— Veja, mostrou Antonio, lá está o Bonifacio *Eruousaim* vendo se causou effeito fantasiado de *bebé*. Venha até o quarto do banquete.

Fomos. Antonio empurrou uma porta e logo nos achámos numa sala com garrafas pelo chão, pratos servidos, copos entornados, rolhas, os destroços de uma fome voraz, Num canto a Xica dizia baixinho.

— E' você que o espirito disse...

Quando reaparecemos, *babaloxa* murmurava:

— A festa está acabada, companheiros... E' não deixar de trazer o que *Inhansam* pediu.

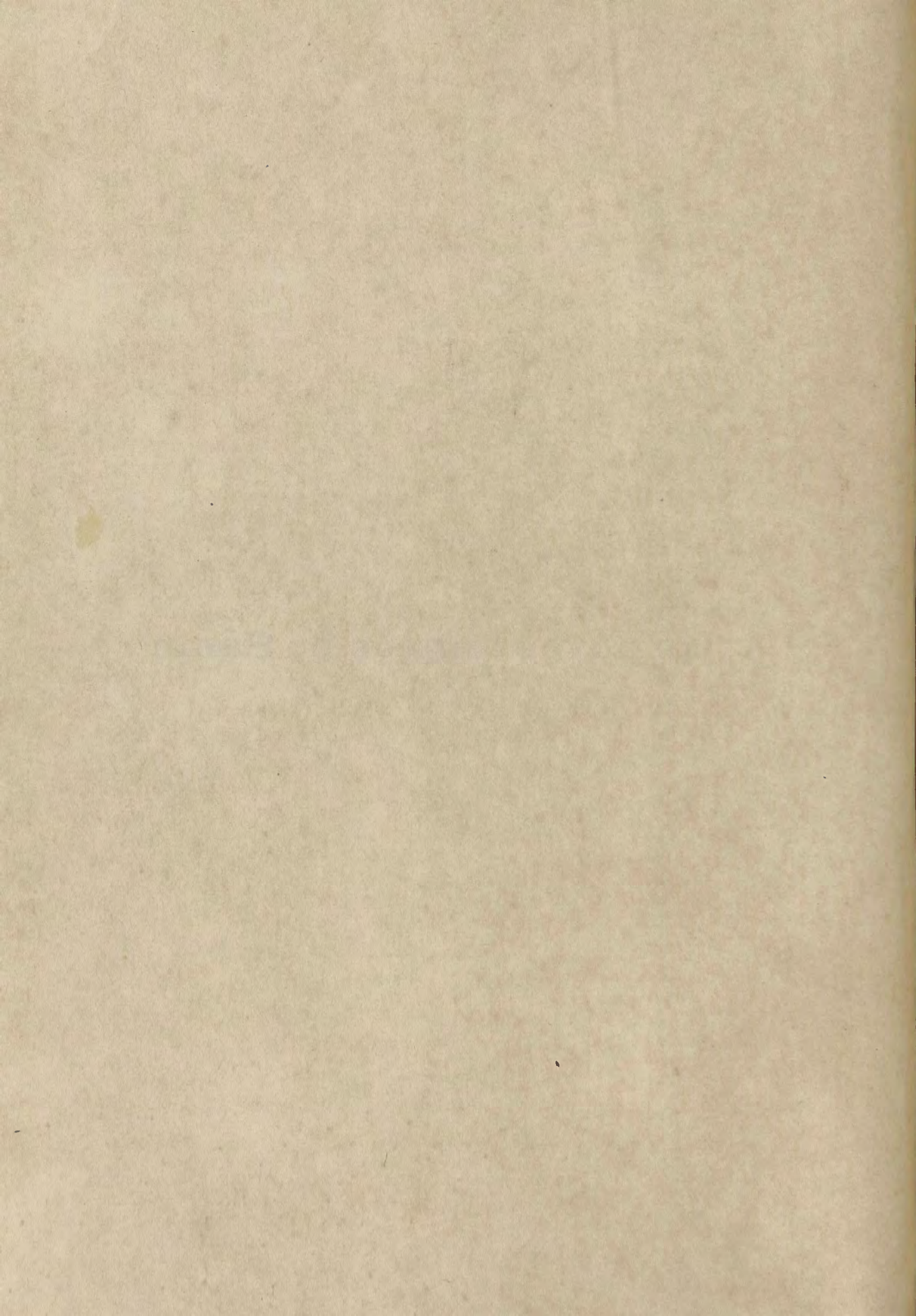
Sahimos então. Vinha pelo céu raiando a manhã Pallidamente nacallote côr de perola as estrellas tremiam e desmaiavam. Antonio cambaleava. Chamei um carro que passava, metti-o dentro. Em torno tudo dizia o mysterio e a incomprehensão humana, o ether puro, os vagalhões do mar, as arvores calmas. Tinha a cabeça ôca, e, apesar dos assassinatos, dos roubos, da louçura, das evocações sinistras,

vinha da casa das almas julgando *babalaôs*, *babaloxás*, mãis de santo e feiticeiros os architectos de uma religião completa. Que fazem esses negros mais do que fizeram todas as religiões conhecidas?

O culto precisa de mentiras e de dinheiro. Todos os cultos mentem e absorvem dinheiro. Os que nos desvendaram os segredos e a machinação morreram. Os africanos tambem matam.

E eu, perdoando o crime desse sacerdocio mina, que se impõe e vive regaladamente, tive vontade de ir entregar Antonio negro e a dormir á casa de Ojó, para que nunca mais desvendasse a ninguem o sinistro segredo da casa das almas.

Os novos feitiços de Sanin



— Pois seja! disse Antonio, tomando coragem. V S. pode ir, mas não cuspa, não fume e não coma nessa casa. Eu não vou.

— Acompanhas-me até a porta.

— Até a esquina, Ficarei de alcatéa. Sanin e Ojô são capazes de me acabar com a vida.

A vida de Antonio é uma vida sob todes os titulos preciosa, e naquelle momento ainda o era mais, porque a sustentava eu. Reflecti e concordei.

— Está direito, ficas á esquina...

Chovia a cantaros. Antonio, sem guarda-chuva, mettido num capote, que lhe ia até aos pés, accendia constantemente um charuto, que apagava.

— Mas, que é esse Sanin, afinal?

— Um feiticeiro damnado!

— Mas *babaloxá*, *babalaô*, traficante?..

— *Babalaô*, não senhor. Para ser *babalaô* é preciso muita cousa. Só de noviciado, leva-se muito tempo, annos a fio, e a cerimonia é difficillima. Quando um iniciado quer ser *babalaô*, tem que levar ao *babalaô* que o sagra dous cabritos pretos, duas galinhas d'Angola, duas galinhas da terra, dous patos, dous pombos, dous bagres, duas preás, um kilo de limo, um *ori*, um pedaço de *ossum*, um pedaço de giz, dous gansos, dous gallos, uma esteira, dous caramujos e uma porção de pennas de papagaio encarnadas.

— E' difficil.

—É não é tudo. Tem que levar também um kilo de sabão da costa que se chama *ochê-i-bulaié*, e não entra para o *ibodo-iffá* ou quarto dos santos sem estar de roupa nova e levar na algibeira pelo menos 200\$000. O futuro *babalaó* fica sete dias no *ibodó*, onde não entra ninguém para não ver o segredo.

— O segredo?

—O segredo é um ovo de papagaio. V. S. já viu um ovo de papagaio? Nunca! E' difficil. E quem vê um ovo desses arrisca-se a ficar cego. O ovo em africano chama-se *odidé* e guardam dentro de uma cuia ou *ybadú*. O iniciado fica inteiramente nú, senta-se na esteira e o velho babala-ô indaga se è de seu gosto fazer o *iffa*. Se a resposta for affirmativa, lavam-se quarenta e dous carços de dendê com diversaservas e nessa agua o *babalaó* novo toma banho.

Depois raspa-se-lhe a carapínha, guardando-a para o grande despacho, pinta-se-lhe o craneo com giz e faz-se a matança.

— Todos os animaes?

— Todos cahem ao golpe das navalhas afiadas, o sangue enche os alguidares, escorre pela casa, mas ninguém sabe, porque lá dentro, de vivos, só ha os dous *babalaós* e o acolyto. O primeiro sacrificio é para *echú*. Mistura-se o sangue do gallo com tabatinga, forma-se um boneco recheiado com os pés, o figado, o coração, e a cabeça dos bichos, mettem-se em forma de olhos, nariz e bocca quatro busios e está feito o *echú*. Em seguida esfaqueiam-se os outros bichos, sacrificando aos *iffá*. O novo babala-ô recebe na cabeça um pouco desse sangue, o acolyto ou *ogibonã* amara-lhe na testa uma penna de papagaio com linha preta e, assim prompto, o novo mathematico fica seis dias aprendendo a pratica de alguns feitiços temiveis e rezando aos *odú iffá*.

Os iffa são dezeseis:—eydy-obé, ojécu-meygy, jory-meygy, ury-meygy, ôrosê-meygy, nany-meygy, obará-meygy, ccairá-meigy, egundà-meygy, osé-meygy, oturá-meygy, oreté-meygy, icá-meygy, eturáfan-meygy, ache-meygy, e ogy-ofum. No fim dos sete dias juntam-se os ossos, as cabeças, os pés dos animaes com os restos de comida, a pena de papagaio do joven professo, as hervas dos serviços anteriores, colloca-se tudo num alguidor para jogar onde o *opelê* disser, no mar, num lago, em qualquer rio. O iniciado é quem leva o alguidar, sem perder arazão, e canta no trajecto tres cantigas...

Estavamos no largo do Capim. A chuva era tanta que nos obrigára a recolher a um botequim qualquer, e Antonio já sentado, bebendo vinho do porto e accendendo pela trigessima vez a horrenda ponta do seu charuto, praparava-se para entoar as maviosas cantigas. Chegou mesmo a perpetrar uma, a segunda, a mais curta.

O-chê-yturá a narê praquê
 Abá gun-nem-gum gebó
 Oury ôcú ou-myn-nan
 Essé ouxy-cá gô-xé-nan lô nan.

Esta apavorada oração significa: sabão da Costa serve para resguardar-se a gente do rei que come urubú e limo da costa. Nós, se comermos limo ou urubú pelo pé, hoje mesmo morreremos. Elle não defende filho como filho.

— Mas o Sanin?

— V. S. não quer aprender mesmo? Deixe o Sanin. Está chovendo tanto!

— O Sanin é ou não um sabio?

— E' malandro.

— Ainda melhor.

Quando sahi, de dentro do botequim, Antonio esticou a mão.

— Orum-my-lá ború ybó, yê, ybó, ybó, xixé!

Negro amavel! Com aquelle seu gesto sacerdotal dizia-me:

— Satisfaz o Deus que faz tudo e tudo entorta, *amem!*

Abri o guarda-chuva e rrspondi já de longe.

— ybó-xixé!

Sanin móra agora na casa do famoso Ojô, o director social da feiticaria. A casa de Ojô fica na rua dos Andradas, quasi no começo, com um aspecto pobre e um cheiro desagradavel. Quando batemos, a chuva rufava em torno um barulho ensurdecador. Não nos responderam. Batemos de novo. Alguem de certe nos espiava. Afinal abriu-se a rotula e uma mulher appareceu.

— Baba Sanin?

— Não está.

— Venho mandado por um conhecido. Sem receio.

— A casa é de Emanuel...

— Ojô, sei bem. Foi o Miguel Pequeno que me mandou.

Abre.

De novo a rotula fechou. A mulher ia consultar, mas não demorou muito que voltasse abrindo de esguelha e dizendo mysteriosamente.

— Entre.

A sala tinha areia no assoalho, os moveis concertados indicavam que Ojô vive bem. Numa cadeira um facto branco engommado, e mais longe o chapéo de palha attestava a presença do feitiçeiro.

— Então Sanin?

— Vem já.

Poucs tempo depois appareceu Sanin, de blusa azul e

gorro vermelho, o typo classico do mina desaparecido, andando meio de lado, com o olhar desconfiado. O pobre diabo vive assustado com a policia, com os jornaes, com os agentes. Para o seu cerebro restricto de africano, desde que chegou, o Rio passa por transformações fantasticas. E' um malandro, orgulhoso do feitiço e com um medo damnado da cadeia. Fôra de certo quasi á força que apparecera, e só muito lentamente o pavor o deixou fallar.

—Baba Sanin, o Miguel Pequeno mandou-me aqui para um negocio muito grave. Baba tem uns feitiços novos.

—Não tem...

—Eu sei que tem. Abria carteira, uma carteira de effeito, como as usam os homens da praça, enorme, com fechos de prata. Não tenha medo. Se o Baba não me faz o trabalho, estou perdido. E' a minha ultima esperança.

—Que trabalho?

Revolvi as notas da carteira, de vagar, para mostral-as; tirei um papelzinho e mysteriosamente murmurei:

—Aqui tem o nome della...

Na cara do feiticeiro deslisou um sorriso diabolico:

—Aha! Aha... Está bom.

—Sanin, eu tenho fé nos santos, mas os outros feiticeiros não dão volta ao negocio.

Você vai acabar. Olhe, pode contar...

Tudo neste mundo é esperança de dinheiro, de felicidade, de paz, e tanto vive de esperança o feiticeiro que a dá como as pobres criaturas que com elle a vão procurar.

Sanin começou a fallar dos feitiços dos outros, lembrou-se dos seus aos bocados, e em pouco, com a esperança de ganhar mais fazia-me revelações.

Cada feiticeiro tem feitiços proprios. Abubaca Caolho, o alcoolico da rua do Rezende, tem o *ibá*, cuia com pimenta

da costa eervas para fazer mal. Quando se falla do *ibá* diz-se simplesmente : o feitiço do Abubaca. *Gya*, cabeça de pato com lesmas e o cabello da pessoa, é uma descoberta de *Ojó* e serve para enlouquecer. Quem quer enlouquecer o proximo arranja ou falsifica a obra de *Ojó*.

—Mas baba Sanin, como é que sabe tudo isso ?

—Então não aprendi ? Eu sei tudo.

E como sabe tudo dá-me receitas. Fico sabendo, sem pasmo, sentado numa cadeira, que giba de camello com corpo de macaco e um cabrito preto em ervas matam a gente e que esta descoberta è do celebrado João Alabá, negro rico e sabichão da rua Barão de S. Felix 76. Não é tudo. Sanin faz-me vagarosamente dar a volta ao armazem do feitiço. Eu tomo notas curiosas dessa medicina moral e physica.

Para matar ainda ha outros processos. O malandrão Bonifacio da Piedade acaba um cidadão pacato apenas com cuspo, sobejos e trese orações ; João Alabá conséguiará matar a cidade com um porco, um carneiro, um bode, um gallo preto, um jaboty e a roupa das creaturas, auxiliado apenas por dous negros nús com o *tessuba*, rosario, na mão, á hora da meia-noite ; pipocas, braço de menino, pimenta malagueta e pés de anjo arrancados ao cemiterio matam em tres dias ; dous jabotys e dous caramujos, dous obis, dous orobóse terra de defunto sob sete orações que demorem sete minutos chamando sete vezes a pessoa, é a receita do Emygdio para expedir desta vida os inimigos...

Ha feitiços para tudo. Sobejo de cavallo com ervas e duas orações, segundo Alufá Guinja, produz ataques hystericos ; um par de meias com o rastro da pessoa, ervas e duas orações, tudo dentro de uma garrafa, fal-a perder a tramontana ; cabello de defunto, unhas, pimanta da Costa e

ervas obrigam o individuo a suicidar-se; cabeças de cobras e de kagado, terra do cemiterio e caramujos atrazam a vida tal qual como os pombos com ervas damninhas, e não ha como pombas para fazer um homem andar para trás...

— Mas para dar sorte, caro tio?

— Ha mão de anjo roubada ao cemiterio em dia de sexta-feira.

— E para tornar um homem ladrão, por exemplo.

— Um rato, cabeça de gato, ervas, o nome da pessoa e orações.

— E para fazer um casal brigar?

— Cabeça de macaco, aranha e uma faca nova.

— E para amarral-os por toda a vida?

O negro pensou, olhando-me fixamente:

— Um *obi*, um *orobô*, unhas dos pés e das mãos, pestanas e lesmas...

— Tudo isso?

— Preparado por mim.

Então Sanin falla-me dos seus feitiços. Sanin é poeta e é phantasista.

Sob dependencia de Ojô, quasi seu escravo, esse negro forte, de quarenta annos, trouxe do centro da Africa a capacidade poetica daquella gente de miolos torrados, as ultimas novidades da phantasia feiticeira. Para conquistar, Sanin tem um breve, que se põe ao pescoço. O breve contem dous *tiras*, uma cabeça de pavão e um colibri, tudo colorido e brilhante; para amar eternamente, cabeças de rola em saqui-nhos de velludo; para apagar a saudade, pedras roxas do mar.

Quando lhe pagam para que torne um homem judeu errante, o preto prepara cabeças de coelho, a presteza assustada; pombos pretos, a dor; ervas do campo, e enterra em

frente á porta do novo Ashaverus; quando pretende prender para sempre uma mulher, faz um breve de essencias que o apaixonado sacode ao avistal-a... Sanin é tambem máu — mas de maneira interessante, sem a malandragem estúpida de João Alabá, e para as maldades tem feitiços imprevistos.

Para fazer barriga dagua, o negro diz dous *ofós* enquanto a victima bebe; para tornar os sãoes em morpheticos, atira-lhes em cima uma mistura de aranhas, ovos, sapos e pimentas da Costa. Os seus trabalhos de morte são os mais difficeis. Sanin ao meio-dia levanta no terreiro uma vara e reza. Pouco tempo depois sae da vara um marimbondo e o marimbondo parte, vai procurar a victima, e não pára enquanto não lhe inocula a morte.

O marimbondo é vulgar a vista do boto vivo metide dentro de uma caveira humana; em presença do feitiço do morcego, a aza que roça e mata, a raposa e o lenço, e eu o fui encontrar pondo em execução o maior feitiço: baiacú de espinho com ovo de jacaré, — que é o *babalaó* da agua, baiacú que faz seccar e inchar a vontade das rezas e domina as almas para todo o sempre.

— Mas por que você, um homem tão poderoso, não me queria receber?

— Porque andam a fallar de nós, porque a policia vem ahi. Fizemos outro dia até um despacho no campo de Sant'Anna com os dentes, os olhos de um carneiro, jabotys, hervas e duas orações para quem falla de nós deixar de fallar.

— Mas por que um carneiro?

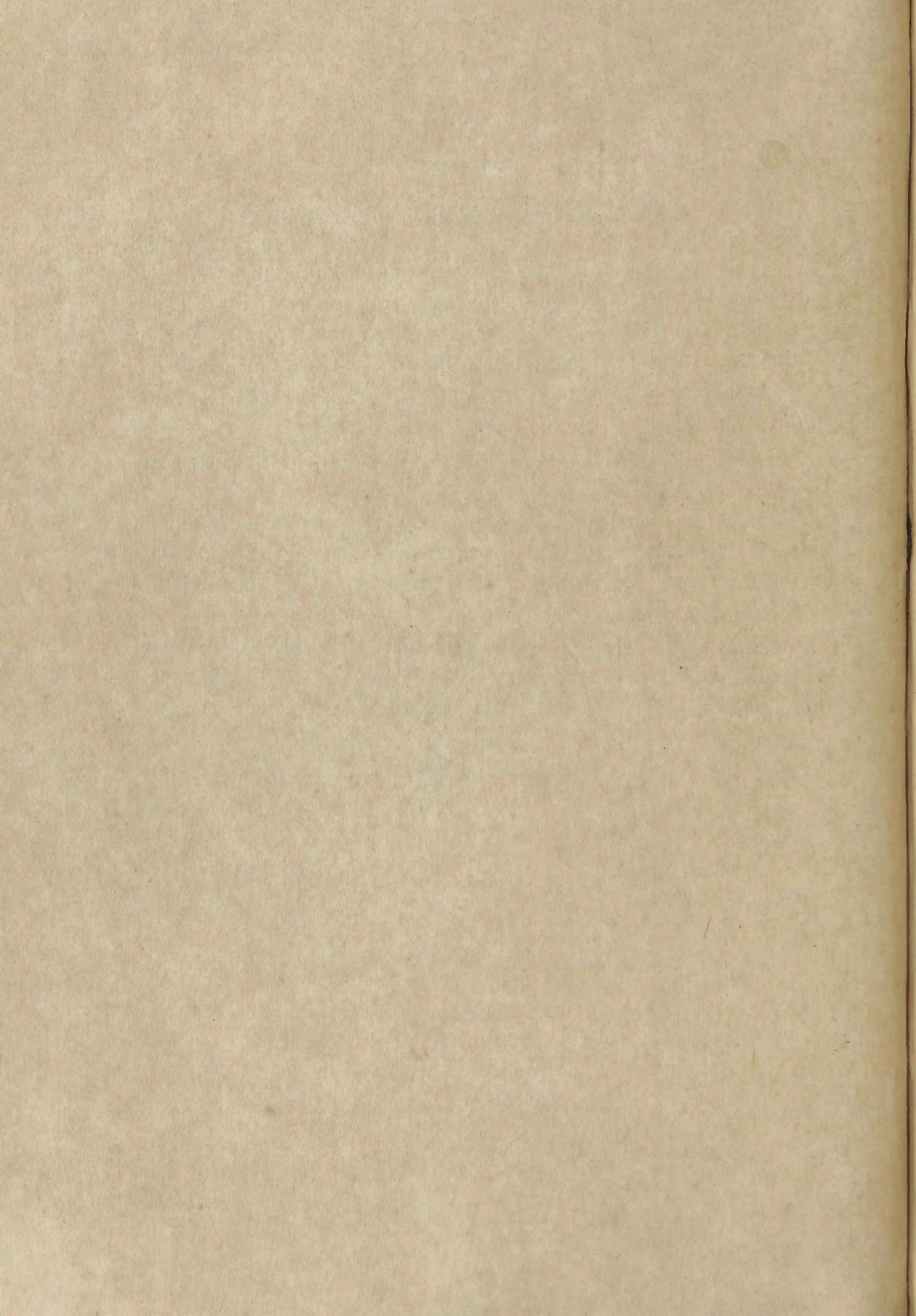
— Porque o carneiro morre calado. Foi o Antonio Mina quem fez o despacho e todos nós rezamos de bruços e todos nós demos para o despacho, que custou cento e oitenta e tres mil rês.

Então eu apanhei o meu chapéo, apertei a mão do fantasta Sanin.

— Pois fez mal, baba, fez muito mal em dar o seu dinheiro, porque quem falla de vocês sou eu.

E como o negro atterrado abrisse a bocca enorme, eu abri a carteira e convenci de que todas as suas fantasias, arrancadas ao certão da Africa, não valem o prazer de as vender bem.

Dinheiro, mortes, e infamia as bases desse templo formidavel do feitiço!



O SATANISMO

Os satanistas

— Satanaz! Satanaz!

— *Que voi?*

— Não o sabes tu? Quero o amor, a riqueza, a sciencia, o poder.

— Como as crianças, as bruxas e os doidos—sem fazer nada para os conquistar.

O philosophico Tinhoso tem nesta grande cidade um ululante punhado de sacerdotes, e, como sempre que o seu nome apparece, arrasta comsigo o galope da luxuria, a ancia da volupia e do crime, eu, que já o vira *Echü*, pavor dos negros feiticeiros, fui encontral-o poluindo os retabulos com o seu deboche emquanto a theoria bacchica dos depravados e das demoniacas estorca-se no paroxismo da orgia... Satanaz é como a flecha de Zenon, parece que partiu mas está parado—e firme nos corações. Surgem os cultos, desaparecem as crenças, esmaga-se a sua recordação, mas, impalpavel, o Espirito do Mal espalha pelo mundo a mordacidade de seu riso cynico e resurge quando menos se espera no infinito poder da tentação.

Conheci alguns dos satanistas actuaes na casa de Sayão, o exotico herbanario da rua Larga de S. Joaquim, o tal que tem á porta as armas da Republica. Sayão é um doente. Atordoa-o a loucura sensual. Faceirando entre os molhos de hervas, cuja propriedade quasi sempre desconhece, o ambiguo homem discorre, com gestos megalomanos, das mortes e das curas que tem feito, dos seus amores e do assedio das

mulheres em torno da sua graça. A conversa de Sayão é um coleio de lesmas com urtigas. Quando fala cuspinhando, os olhitos atacados de satyriasis, tem a gente vontade de espancal-o. A casa de Sayão é, porém, um centro de observação. Lá vão ter as cartomantes, os magos, os negros dos *ebôs*, as mulheres que partejam, todas as gammas do crime religioso, do sacerdocio lugubre.

Como uma certa vez, uma negra estivesse a contar-me as propriedades mysteriosas da cabeça do pavão, eu recordei que o pavão no Kurdistan é venerado, é o passaro maravilhoso, cuja cauda em leque reproduz o schema secreto do deus unico dos iniciados pagãos.

— O senhor conhece a magia ? fez a meu lado um homem esqualido, com as abas da sobrecasaca a adejar.

Immediatamente Sayão apresentou-nos.

— O Dr. Justino de Moura.

O homem abancou, olhando com desprezo para o herbario, limpou a testa inundada de suor e murmurou lyricamente.

— Oh ! a Asia ! a Asia...

Eu não conhecia a magia, a não ser algumas formas de satanismo. O Dr. Justino puxou mais o seu banco e conversámos. Dias depois estava relacionado com quatro ou cinco frustes, mais ou menos instruidos, que confessavam com descaros vicios horrendos. Justino, o mais exquisito e o mais sincero, guarda avaramente o dinheiro para comprar carneiros e chupar-lhes o sangue; outro rapaz magrissimo, que foi empregado dos Correios, satisfaz appetites mais inconfessaveis ainda, quasi sempre cheirando a alcool; um outro moreno, de grandes bigodes, é uma figura das praças, que se póde encontrar ás horas mortas... Se de Satanaz elles fallavam muito, quando lhes pedia para assistir á missa negra, os

homens tomavam attitudes de romance e exigiam o pacto e a cumplicidade.

A religião do Diabo sempre existiu entre nós, mais ou menos. Nas chronicas documentativas dos satanistas actuaes encontrei casos de *envoutement* e de maleficios, anteriores aos feitiços dos negros e a Pedro I. A Europa do seculo XVII praticava a missa negra e a missa branca. E' natural que algum feiticeiro fugido plantasse aqui a semente da adoração do mal. Os documentos—documentos esparsos sem concatenação que o Dr. Justino me mostrava de vez em quando—contam as evocações do papa Aviano em 1745. Os avianistas deviam ser nessa tempo apenas clientes como é hoje a maioria dos frequentadores dos espiritas, dos magos e das cartomantes. No seculo passado o numero dos fanaticos cresceu, o avianismo transformou-se adaptando correntes estrangeiras. A principio surgiram os palladistas os luciferistas que admiravam Lucifer, igual de Adonai, inicial do Bem e deus da Luz.

Esses faziam uma franco-maçonaria, com um culto particular, que explicava a vida de Jesus dolorosamente. Guardam ainda os satanistas contemporaneos alguns nomes da confraria que insultava a Virgem com palavras stercorarias:—Eduardo de Campos, Hamilcar Figueiredo, Theopompo de Souza, Teixeira Werneck e outros, usando pseudonymos e compondo um rosario de nomes com significações occultistas e symbolicas. Os palladistas não morream de todo, antes se transfusaram em formas poeticas. No Paraná, onde ha um movimento occultista accentuado—como ha todas as formas da crença, sendo o povo de poetas impressionaveis,—existem actualmente escriptores luciferistas que estão *dans le train* dos processos da crença na Europa. A franco-maçonaria, morto o seu antigo chefe, um padre italiano Victorio Sen-

gambo, fugido da Italia por crimes contra a moral, desapareceu. No Brasil não andam assim os apostatas e, apesar do desejo de fortuna e de satisfações mudanas, é difficil se encontrar um caso de apostasia no clero brasileiro. Os luciferistas ficaram apenas curiosos relacionados com o supremo directorio de Charleston, donde partirá o novo dominio do mundo e a sua deschristianisação.

Os satanistas ao contrario imperam, sendo como são mais modestos.

Sabem que Satan é o proscripto, o infame, o mal, o conspurcador, fazem apenas o catholicismo inverso, e são supersticiosos, depravados mentaes, ou ignorantes apavorados das forças occultas. O numero de crentes convictos é curto; o numero de crentes inconscientes é infinito.

Seria curioso, neste acordar do espiritualismo, em que os philosophos materialistas são abandonados pelos mysticos, ver como vive Satan, como goza saude o Tentador.

Nunca esse espirito interessante deixou de ser adorado. No inicio dos seculos, na idade-media, nos tempos modernos contemporaneamente, os cultos e os incultos veneram-no como a incarnação dos deuses pagãos, como o poder contrario á cata de almas, como o Renegado. As almas das mulheres tremem ao ouvir-lhe o nome, as creações litterarias fazem-no de idéas frias e brilhantes como floretes d'aço, no tempo do romantismo o Sr. Diabo foi saliente. Hoje Satanaz dirige as litteraturas perversas, as pornographias, as philosophias avariadas, os mysticismos perigosos, assusta a égreja Catholica, e cada homem, cada mulher, por momentos ao menos, tem o desejo de o chamar para ter amor, riqueza, sciencia e o poder. Bem dizem os padres: Satanaz é o Tentador; bem o pintou Tintureto na Tentação, bonito e loiro como um anjo...

A nossa terra soffre cruelmente da credence dos negros, agarra-se aos feiticeiros e faz a prosperidade das seitas desde que estabeleçam o milagre. Satanaz faz milagres a troco d'almas. Quem entre nós ainda não teve a esperanca ingenua de fallar ao Diabo, á meia noite, mesmo acreditando em Deus e crendo na trapaça de Fausto? Quantos por conselhos de magos falsos, em noites de trovoada, não se agitaram em logares desertos á espera de ver surgir o Grande Rebelde? Ha no ambiente uma predisposição para o satanismo, e como, segundo o Apocalypse, é talvez neste seculo que Satanaz vai apparecer, o numero dos satanista authenticos conhecedores da Kabbala, dos fios imantados, prostituidores da missa, augmentou. Ha hoje para mais de cincoenta.

Quarta-feira santa encontrei o Dr. Justino no Sayão. O pobre estava mais pallido, mais magro e mais sujo, levando sempre o lenço á bocca, como se sentisse gosto de sangue.

— Continua nas suas scenas de vampirismo, sussurrei eu.

Nos olhos do Dr. Justino uma luz de odio brilhou.

— Infelizmente o senhor não sabe o que diz! Deu dous passos agitados, voltou-se, repetiu : infelizmente não sabe o que diz! O vampirismo! alguem sabe o que isto é? Não se faça de sceptico. Emquanto ri, a morte o envolve. Agora mesmo está sentado num molho de solanéas.

Eu o deixara dizer, subitamente penalizado. Nunca o vira tão nervoso e com um cheiro tão pronunciado de alcool.

— Não ria muito. O vampirismo como a sua philosophia cooperam para a victoria definitiva de Satan... Conhece o Diabo?

A pergunta feita num *restaurant* bem illuminado seria engraçada. N'aquelle ambiente de herbanario, e na noite em que Jesus soffria, fez-me mal.

— Não. Tambem como o conhecer, sem o pacto?

— O pacto é o conhecimento de causa.

Passeou febrilmente, olhando-me como a relutar com um desejo sinistro. Por fim agarrou-me o pulso.

— E se lhe mostrasse o Diabo, guardaria segredo?

— Guardaria! murmurei.

— Então venha.

E bruscamente sahimos para o luar fantastico da rua. Esta scena abriu-me de repente um mundo de horrores. O Dr. Justino, medico instruido, era simplesmente um louco. No bond, aconchegando-se a mim, a extranha creatura disse o que estivera a fazer antes do nosso encontro. Fora beber o seu sanguezinho, ao escurecer, num açouque conhecido. Como todos os degenerados, abundou nos detalhes. Mandava sempre o carneiro antes; depois, quando as estrellas luziam, entrava no pateo, fazia uma incisão no pescoço do bicho e chupava, sorvia gulosamente todo o sangue, olhando os olhos vitreos do animal agonisante.

Não teria eu lido nunca o livro sobre o vampirismo, a possessão dos corpos? Pois o vampirismo éra uma consequencia fatal dessa legião de antigos deuses pagãos, os satyros e os faunos, que Satan atirava ao mundo com a forma de succubos e incubos. O Dr. Justino era perseguido pelos incubos, não podia resistir, entregava-se... Já não tinha espinha, já não podia respirar, já não podia mais e sentia-se varado pelos symbolos fecundos dos incubos como as feiticeiras em extase, nos grandes dias de sabbat.

Sacudi a cabeça como quem faz um supremo esforço para não sossobrar tambem.

O cidadão com que fallava era um doido atacado do solitario vicio astral! Elle, entretanto, febril, continuava a descrever o poder de Satan sobre os cadaveres, a legião que acompanhou o Supremo e o inebriamento sabbatico.

— Mas, doutor, comprehendamos. O sabbat em plena cidade? As feiticeiras de Shakspeare no Engenho Novo?

— Satan continua cultuado, por mais que o mundo se transforme. O sabbat já se fez até nos telhados. Os gatos e os morcegos, animaes de Satan, vivem entre as telhas.

Lembrei-me de um caso de loucura, um estudante que recebia o diabo pelos telhados, e morrera furioso. Não me pareceu de todo falso. O sabbat, porém, o sabbat classico, a festa horrenda da noite, o delirio nos bosques em que as arvores parecem demonios, a ronda detestavel das mulheres núas, subindo aos montes, descendo as montanhas, a furia necrophila que desenterrava cadaveres e bebia alcool com sangue extinguiu-se. A antiga orgia, a communição immunda com o Diabo não passa de contos de demographos, de fantasias de curiosos. Satan vive hoje em casa como qualquer burguez. Esse cavalheiro poderoso, o Tinhoso, não vai mais para traz das ermidas officiar, as furias desnudas não espremem mais o suco da vida, rolando nas pedras, sob a ventania do cio. Todo o mal que a Deus fazem é em casa, nos deboches e na prostituição da missa.

E que vida a delles! Agora que o bond passava pello canal do Mangue e a lua batia na coma das palmeiras, o pobre homem, tremendo contava-me as suas noites de agonia. Sim, o Dr. Justino temia os lémuras e as larvas, dormia com uma navalha debaixo do travesseiro, a navalha do Cambucá, um assassino que morrera de um tiro. As larvas são fragmentos de idéas, embryões de coleras e odios, restos de raivas damnadas que sobem do sangue dos criminosos e do sangue regular das esposas e virgens aos astros para envolver as creaturas, são os desesperos que se transformam em toiros e elephants, são os animaes da luxuria. E esses ani-

maes esmagavam-no preparando-o para o grande escandalo dos incubos.

— Mas certamente, fiz para acalmal-o, Satan, desde que se faz com o inferno um pacto e uma aliança com a morte, dá o supremo poder de magia, o quebranto, a bruxaria, o maleficio, o envolver das vontades...

Elle sorriu tristemente, tiritando de febre.

A magia está muito decaida, eivada de costumes africanos e misturadas de pagés. Conhece o maleficio do odio, a boneca de cera virgem? Esmagava-se a cera, modelava-se um boneco parecido com o odiado, com um dente, unhas e cabellos seus. Depois vestiam-lhe as roupas da pessoa e no baptismo dava-se-lhe o seu proprio nome. Por sobre a boneca o magno estendia uma corda com um nó, symbolo da sua resolução e exclamava:— Arator, Lepidator, Tentador, Somniator, Ductor, Comestor, Devorator, Seductor, companheiros da destruição e do odio, semeadores da discordia que agitam livremente os maleficios, peço-vos e conjuuro-vos que admittais e consagreis esta imagem...

— E a cera morria...

— Animado do seu odio, o mago dominava as particulas fluidicas do odiado, e praguejando acabava atirando a boneca ao fogo, depois de trespassal-a com uma faca. Nessa occasião o odiado morria.

— E o choque de volta?

— Quando o enfeitado percebia, em logar de consentir nas perturbações profundas do seu ser, aproveitava os fluidos contra o assassino e havia conflagração.

O magico, porém, podia envenenar o dente da pessoa, distender-se no ether e ir tocá-la.

Havia ainda o *envoulement* rectangular...

Hoje, os feiticcios são negros, os fluidos de uma raça infe-

rior destinados a um dominio rapido. Os maleficios satanicos estão inundados de azeite de dendê e deervas de caboclos.

Então encostados a mim, com máo halito, enquanto o bond corria, o Dr. Justino deu-me varias receitas. Como se estuda nesse receituário macabro o temor de varias raças, desde os ciganos bohemios até os brancos assustadiços! O sangue é o seu grande factor: cada feitiço é um mixto de imundicie e de infamia. Para possuir, para amar, para vencer, os satanistas usam, além das receitas da clavicula, de morcegos, porcos da India, pós, ervas, sangue mensal das mulheres, ratos brancos, producto de espasmos, camondongos, rabos de gatos, moedas de ouro, fluidos, carnes, bolos de farinha com oleos, e para abrir uma chaga empregam, por exemplo, o acido sulphurico...

— Com o poder do Horrendo, fez subitamente o medico numa nova crise, é lá possivel temer esse idiota que morreu na cruz? Sabe que os talmudistas negam a ressurreição?

Levantou-se titubeante, saltamos. O bond desapareceu. Em baixo, no leito do caminho de ferro, os rails d'aço branquejavam, e no ar, morcegos faziam curvas sinistras. O Dr. Justino ardia em febre. De repente ergueu os pulsos.

— Impostor! Torpe! Salafrario! ganiu aos céos estrellados.

— Onde vamos?

— A' missa negra...

— Onde?

— Alli.

Estendeu a mão, veio-lhe um vomito, emborcou no meu braço que o amparava. golphando num estertor pedaços de sangue coagulado.

Ao longe ouviu-se o silvo da locomotiva. A lua no alto ceo,

a lua da semana santa que parece de uma luz mais nitida entre sombras mais negras, deslisava na doçura do céu como uma hostia de tristezas.

Então, com o possuido do Diabo nos braços eu bati a porta dos satanistas, ouvindo a sua desgraçada vida e a dor infundavel da morte:

A missa negra

Atravessámos uma aléa de sapucaias. O terreno enlameado pegava na sóla dos sapatos. Justino ia á frente, com um preto que assobiava dous cães sujos e magros. Por entre os canteiros incultos crescia a herva damninha, e os troncos das arvores, molhados de luar, pareciam curvar-se.

— Entramos no inferno?

— Vamos ao sabbat moderno.

Tinhamos chegado ao velho predio, que emergia da sombra. O negro empurrou a porta e todos tres, mysteriosamente, penetramos numa saleta quasi escura, onde não havia ninguem. Justino lavou as mãos, respirou forte e, abrindo uma outra porta, sussurrou :

— Entra.

Dei numa vasta sala cheia de gente. Candieiros de kerosene com reflectores de folha pregados ás paredes pareciam uma fileira de olhos, de fócios de locomotiva golpeando as trevas numa pertinaz interrogação. A atmospheria, impregnada de cheiros mãos de pó de arroz e de suor, suffocava. Encostei-me ao portal indeciso. Remexia e gania entre aquellas quatro paredes o mundo estercorario do Rio. Velhos viciados á procura de emoções novas, fufias hystericas e nynphomaniacas, mulatas perdidas, a ralé da prostituição, typos ambiguos de calças largas e meneios de quadris, caras lividas de *rodeurs* das praças, homens desbriados, toda essa massa heteroclita cacarejava impaciente para que começasse a orgia. Os velhos tinham olhares cupidos, melosos, os typos

dubios tratavam-se entre si de comadres, com as faces pintadas, e a um canto o empregado dos Correios, esticando o pescoço depennado de condor, fixava na penumbra a presa futura. Não era uma religião ; era um começo de saturnal.

Senti que me tocavam no braço. Voltei-me. Era um poeta muito vermelho, que cultivara outr'ora, numa revista de arte, o satanismo litterario. Desequilibrado. mattoide, o Carolino estava alli em parada intima de perversão poetica.

— Tambem tu ? fez apertando-me a mão entre as suas viscosas do suor. Curioso. hein ? Mas palhaçada, filho, palhaçada ! E' a segunda a que eu assisto. Uma missa negra de jornal de Paris com illustrações ao vivo... Imagina que nem ha padres. O officiante é o degenerado que anda á noite pelas praças.

— E as hostias ?

— As hostias, essas ao menos são authenticas roubadas ás igrejas. Dizem até... Esticou-se, collou a bocca ao meu ouvido como quem vai fazer uma espantosa revelação : dizem até que ha um sacristão na cidade a mercadejal-as. E' para quem quer... hostias a dez tostões E' boa ?

Mas que differença, meu caro, da missa antiga, da verdadeira !

— Não se mata ninguem ?

— E' lá possivel ! E a policia ? Já não estamos no tempo de Gilles de Rais nem da Montesperan... Bom tempo esse !

Pousou os dedos no peito, revirou os olhos saudosos. Era como se tivesse tido relações pessoaes com o Gilles e a Montesperan.

A turba entretanto continuava a piar. Todas as janellas fechadas faziam da sala um forno. Carolino encostou-se tambem e deu-me informações curiosas. Estava vendo eu uma rapariga loura, com uma fistula no queixo e oculos

azues? Era uma *troteuse* da praça Tiradentes. Certo homem pallido, que corcovava abanando-se, era artista peladanista, outro gordo e flacido fazia milagres e intitulava-se membro da Sociedade de Estudos Psychicos. Havia de tudo... Uma senhora, vestida de negro, passou por nós grave, como cansada.

— E esta?

— E' a princeza... Uma mulher original, estranha, que já adorou o fogo...

— Mas você está fazendo romance. Isso é litteratura.

— Tudo é litteratura! A litteratura é o mirifico agente do vicio. Por que estou eu aqui? A litteratura, Huysman, o conego Docre do *La Bás*, os livros enervadores. Os que arranjaram estas scenas, o rapaz dos Correios, o Justino, o Bóde...

— O Bóde?

— E' o nome satanico do sacerdote... tem o cerebro como uma sandwiche de litteratura.

— Mas o resto, estas quarentas pessoas que eu vejo, tenho a certeza de ver e que encontrarei talvez amanhã nas ruas?

— Em ruas más... São depavrados, pervertidos, doentes, endemoinhados! Satan, meu amigo, Satan, que os padres arrancam dos corpos das mulheres no Rio de Janeiro, a varadas.

— E' sempre o melhor meio.

— O unico efficaz—mas que nos tira a illusão e a fantasia... Confesse. E' um gozo a descida ao abysmo da perdição com o Deus do Mal, este banho de gosma em que, de de irreaes as scenas, não as acreditam os nossos olhos, ao vel-as nem os nossos ouvidos ouvindo-as. Começa a cerimonia... Entremos. Só falta aqui o fallécico coronel...

Abrira-se uma porta, a da casa de jantar, e a crápula en-

trava aos encontrões dando-se biliscões, com o olhar guloso e devasso. Entrámos tambem.

Como era rasoavel a desillusão de Carolino! A missa negra que eu assisti era uma parodia carnavalesca e sadica, uma mistura de varias missas com invenções pessoases do sacerdote. Havia phrases do officio da Observancia, trechos sacrilegos do abbade Guibourg, a missa de Vintras, esse doido formidavel, aparatos copiados aos Ansariés da Syria e um desmedido deboche, o deboche do theatro S. Pedro em noite de carnaval, se a policia não contivesse o desejo e as portas se fechassem. Carolino tinha razão.

O erotismo ambicioso de outr'ora devia ser mais interessante. Guibourg aspergindo d'agua benta o corpo nú da Montespan deitada nos evangelhos dos reis, os pombos queimados, a paixão de Nossa Senhora lida com os pés dentro d'agua, o ciborio cheio de sangue innocente no centro das sensações, tinham um fim. A missa de Ezequiel, o officio supremo em que, além de Satan, apparecem Belzebuth, As-tarob, Asmodeu, Belial, Moloch e Baal-Phagor, era religiosamente terrivel. A que os meus olhos viam não passava de phantasia de debochadas e hystericas necessitando do reflexo policial e do chicote.

A casa de jantar estava transformada numa capella. Ao fundo levantava-se o altar-mór, ladeado de um pavão empalhado com a cauda aberta—o pavão symbolo do Vicio Triumphal. Nos quatro cantos do tecto, morcegos deitados em corações de papelão vermelho, pareciam assustados. Pannos pretos com cruces de prata voltadas cobriam as janellas e as portas.

Do altar-mór, que tinha tres degraus cobertos por um pellego encarnado, descia, abrindo em fórmula de leque, um duplo renque de castiças altas, sustentando tochas accésas

de côra vermelha. Era essa toda a luz da sala. O bando tomou posições. Alguns riam; outros, porém, tinham as faces pallidas, olheirentas, dos apavorados. Nós, eu e o poeta, ficamos no fim. Um silencio cahiu. Do alto, pregado a cruz tosca, uma escultura infame pretendia representar Christo, o doce Jesus! Era um boneco torpe, de bigodes retorcidos, totalmente excitado, que olhava os fieis com um olhar trocista e o beicinho revirado.

— E' horrendo.

— Se estamos na casa do horrendo! Guarde a sua emção. Tudo isso é religião. O mesmo fazem com Iskariote no sabbado de Alleluia os meninos catholicos.

Guardei. Vinham apparecendo aos saltinhos, num andar de marrecos presos, quatro sacristães com as sotainas em cima da pelle. Esses ephebos diabolicos, de faces carminadas e sorrisinhos equivocos, passeavam pela sala como *menagères* preocupadas com um jantar de cerimonia, dando a ultima de mão á mesa. Depois surgiu um negrinho de batina amarella com os pés nús e as unhas pintadas de oiro. Trazia os brazeiros para o incenso e quando passava pelos homens erguia de vagar o balandrau côr de enxofre. A princeza, adoradora do fogo, olhou-o com gula e ia talvez falar quando appareceu o Sacerdote acompanhado de um outro sacristão exotico. A' luz dos cirios que estalidavam, nessa luz vacillante e agonica, o mulato era theatral. Alto, grosso, com o bigode trincado, as olheiras papudas, os beiços sensuaes pendentes, fez a apparição de capa encarnada e baculo de prata, com os symbolos de Shiva potente.

— Esse homem é doido?

— Um sadico intelligente. Tem como prazer unico o crime de um principe que ha um anno agitou a moral archiduvidosa de Londres... Ainda não conversou com elle?

Muito interessante. Ha tempos inventou a divina junção dos sexos num typo unico, o androgyno satanico. E' admiravel...

— A litteratura! fiz.

— O Mal! retrucou o poeta cynico, e apontou o Dr. Justino.

O pobre medico encostado a uma das cruzes batia palmas clamando.

— Satanaz! Satanaz! Nosso Senhor! Accode!

O sacerdote virou-se. A cauda estrellada de um pavão cobria-lhe o peito da tunica.

Curvou-se, juntou as mãos, e a parodia da missa catholica começou, em latim, mudando apenas Deus pelo Diabo. Era tal qual, curvaturas, gestos, toques de campainha, respostas de sacristães, tudo. De repente, porém, o homem desceu os tres degráus, os sacristães surgiram com thurybulos enormes, e elle, despregando a casula surgiu inteiramente nú, com o cavaignac revirado, a mão na anca, cruel como o proprio Rebelde. As mulheres, os pequenos equivococ, o occulista arrancaram as roupas, rasgaram-se emquanto o seu dorso reluzente e suado curvava-se deante dos incensos. Depois de novo, com uma voz do metal bradou:

— Senhor! Satan! Gloria da terra! Tu que aclaras os pobres homem, Fonte do ouro, mysterioso Guarda das criptas e dos antros; Tu que moras na terra onde o ouro vive; Causa dos peccados; Amparo da carne; Delirio unico; Fim da vida;— deixa que te adoremos! Não te exterminaram as soitanas baratas, não te perdeu o Outro, não se acabará nunca o teu poderoso imperio, ó Logica da Existencia! Satanaz, estás em toda a parte; és o Desejo, a Razão de Ser, o Espasmo! Ouve-nos, apparece, impéra!

Não vêz na cruz o larapio que roubou a tua labia e o teu saber?

— Deus! murmurei.

— Guarde a sua emoção meu amigo. E' do rito. Elles dizem que Jesus, foi a principio, de Lucifer...

— E' preciso encarnar o magico, continuava o homem, neste pedaço de pão; é preciso magoal-o, fazel-o soffrer, mostrar-lhe que és unico, impassivel e admiravel. Que seria da humanidade se não fosse o teu Auxilio, ó Portadôr dos gozos, ó Desmascarador das hypocrisias? Todo o mundo soluça o teu Nome, a Persia, a Kaldea, o Egypto, a Grecia, a Roma dos roubadores da tua Pompa. Olha pelo mundo a victoria, os philosophos, os sabios, os medicos, as mulheres. Os philosophos desviam o amor do Outro, os sabios alugam a crença, os medicos arrancam dos ventres a maternidade, fazem as axesuadas delirantes, esmagam as crianças, as mulheres escorrem a lasciva e o ouro! Nós todos prostrados adoramos-te, diante do impostor, do mentiroso, desse que aconselha a renunciar á Carne! Que venha o dinheiro, que venha a Carne! Que se esmague os seios das mulheres e se lhes crave o punhal da luxuria em frente ao impostor... Jesus ha de descer á hostia; tu queres!

Deixou cahir o braço. Na face dos erotomanos a loucura punha rictus de angustia.

O sacerdote espumava, e a fumaça dos incesarios de tão espessa, parecia envolver-lhe a indecorosa nudez n'uma chlamyde de cinza, estrellada de cirios.

— O Rei poderoso das satisfações, os que te acreditam abandonam as covardias da vergonha, as pregras do pavor e a estupidez da resignação. Envia-nos Astaroh, da-nos o amor, faz-nos gozar o prazer, faz-nos...

Um palavrão silvou, sagrado como na Biblia. Houve um complexo de urros e guinchos.

— Amen / cacarejaram os pequenos.

— Tu que és o Vicio Amplo ajuda-nos a violar o Nazareno para a gloria immensa...

Outro palavrão estalou. Metade do grupo não comprehendia o *galimatias* blasphemo, mas as phrases indignas cahiam como varadas accendendo a lubricidade, e a gentalha então, com o gesto lubrico dos macacos, cuspinhava improperios.

O sacerdote não descançou. Atirada a palavra, trepou os degrãos, collocou uma mitra immoral no craneo, e, estendendo entre os dedos uma hostia branca de neve encostou-se ao altar vacillante.

— Que vai elle fazer ?

— Vai ao sinistro banal...

Que Deus seria esse ? la perguntar ao poeta, mas não tive tempo. Um dos sacristães trepara ao altar, com o calice na mão. Como coroado pelos pés do Christo, o pequeno com tremores pelo corpo, tics bruscos, garrões de nervos, o olhar embaciado sujeitava-se a extripação do baptismo da hostia, e enquanto o braço do Sacerdote num movimento cruel saccudia-o, a sua voz ia dizendo :

— Que Satan o faça encarnar...

De repente o braço estacou. O pequeno tombara babando. Houve então a apotheose. Com a hostia poluida, o homem nú desceu gritando; os brazeiros cahiram por terra, os homens ambiguos com gargalhadas infames rolavam; mulheres strabicas trepavam pelo altar do quatro pés, querendo comer as migalhas da hostia humida. A rapariga de oculos azues com os cabellos presos a um cirio estendia o corpo convulsionado; o occultista gordo gania, em torno do malandro nú, o *sacerdos*; uma theoria de satyros e furias hydrophobas mastigava enojada os pedaços da hostia que o rapaz de pes-

coço de condor cuspinhara. A fumaça dos cirios suffocava, alguns castiçaes tinham cahido.

— Hein? fez o poeta. por *pose*. Mas tinha os olhos injectados e tremia.

Então, agarrei-o, passamos a sala em que os corpos redomoinhavam promiscuamente no mais formidavel dos deboches entre os cirios tombados. Dous synetas puxaram-n'o. Claudino amparou-se no pedestal do pavão, o Vicio Triumphal rolou. Demos na sala dos reflectores, desesperados. A sala parecia na sua solidão uma *gare* de crime deserta. Entrámos na outra em que o Justino rolava num canapé sob a pressão de incubos sufficientes e reaes. O negro abriu meia porta :

— Não querem a agua maldita?

— Não.

— V. S. vai assustado. Não diga nada, meu senhor. Deus lá em cima é que lhes dá esse castigo.

Deixei-o a fallar, deitei a correr como um doudo, na noite enluarada. Ouro, prostituição, infamia, canalhice, sacrilegio, vergonha ! Mas que é tudo isso diante da castidade immaculada dos elementos? Dos altos céos immensos que as estrellas cravejavam de gloria, a lua derramava por sobre a calma da noite um manto inconsutil de crystal e ouro, e a terra inteira, cheia de paz e de doçura, abria em perfume sob o sudario de luz, infinitamente casta...

E foi como se, arrancado ao inferno de um pesadelo lobrego de nojo e perversão, eu voltasse á realidade misericordiosa de bondade da vida...

Os Exorcismos

— « Houve um grande combate nos céos. Miguel e os anjos combatiam contra o dragão que luctava com os seus. Estes, porem, não tiveram a victoria e desde então foi impossivel reachar o logar nos céos. O dragão, a antiga serpente chamada diabo ou seductor do universo, foi precipitado com os maus anjos sobre a terra. E esse dragão tinha sete cabeças, dez cornos, sete diademas e a sua cauda arrastou a terça parte das estrellas...»

Assim falla S. João de Pathmos. O dragão e as estrellas fazem o mundo diabolico, inspiram o mal, arrastam a theoria furiosa das hystericas e mais dô que em qualquer outra terra fazem aqui as endomoninhadas. Pela classe baixa, nas ruas escusas, as possessas abundam. De repente creaturas perfeitamente boas cahem com ataques, escabujam, arquejam, cusparam uma baba espessa, com os cabellos tezos e os olhos ardentes. Vêm os medicos chamam a isso hysteria, vem os espiritas, dão outra explicação, mas as creaturas só tornam á vida natural quando um sacerdote as exorcisma. Já vi na Gamboa uma mulher que ficava dous palmos acima do sólo com os braços em cruz gargolejando injurias ao Creador; tenho a historia de uma outra que babava verde e passava horas e horas enrodilhada, com soluços seccos, e atirava punhadas aos crucifixos numa ancia incrível. São sem conta os casos de possessas.

— E toda essa gente é exorcismada ?

— A's vezes.

O amigo com quem eu fallava era um medico catholico.

— O exorcismo póde ser feito por qualquer?

— Hoje não. Actualmente é preciso ser um homem destituido das vaidades do mundo, é preciso ser velho e puro dotado de uma força imperecivel. O bispo faz tocar ao padre exorcista o livro das formulas dizendo « Accipe et commenda memoræ, et habem potestatem imponendi manus super energumenos...» Aqui no Rio ha exorcistas falsos, malandros exploradores, ha os jesuitas, alguns lazaristas e o superior da ordem dos Capuchos que tem licença do bispo. Conheço frei Piazza? E' uma excellente creatura, feita de bondade e de paz. Nunca recebe mal Para cada injuria tem um carinho e guarda como maxima a grande verdade de que um frade vale por um exerto. Que figura! Elle pelo menos vale por um exercito com a sua caricia e a sua força. E' um destes entes que não param, um militante. Anda, sai, indaga, conversa, protege, ajuda, converte, exorcisma. Já o vi uma vez vaiado por alumnas de uma escola e rapazes grosseiros, á toa, sem razão de ser, apenas porque era frade. Frei Piazza, muito calmo, agradecia com beijos a vaia e cada beijo seu no ar petrificava a bocca de um dos impudentes insultadores. E' o nosso primeiro exorcista, o grande combatente dos Diabos. Vã interrogal-o de preferencia a outro qualquer.

— Mas ha diabos?

— Um recrudescimento apenas. O catholicismo explica o inexplicavel. Quem faz a cosmolatria? Satanaz! a necrolatria, o sabe mo, o mal de Deus. em m? Sat u naz, sem-

pro Satanaz! Qual o meio de acabar com o Diabo ? o exorcismo.

O Rio de Janeiro é uma tenda de feiticeiros brancos e negros, de religiões de animaes, de pedras animadas, o rojar de um povo inteiro diante do amanhã,

*Spectre toujours masqué qui nous suit cote à cote
Et qu' on nomme Dêmain...*

A's scenas da missa negra, dos satanistas, dos magos, é preciso juntar a missa vermelha, e os exorcismos.

— Mas nos estamos no seculo XX!

-- Meu caro, o mundo não varia olhando o invisivel. Ha sempre de um lado os espiritos bons, os anjos que se demonstram pela theurgia, e os espiritos máus, as larvas, os demonios, isto é, de um lado as theophanias, de outro as furias. Ultimamente, porém, casos incriveis, lendas antiquissimas deram para reapparecer. Os agentes do Diabo, as sereias, os faunos, os gigantes, os tritões surgem de novo. O João catraeiro, alli do caes dos Mineiros, já viu passeiando na agua uma dama de vermelho com homens de barbas verdes que riam e assobiavam... Porque havemos de banir factos. Eu, e dou-lhe como testemunha o Dr. Raphael Pinheiro e outras pessoas conhecidas, já tive uma doente que frei Pizza poz boa. A mulher delirava, tinha ataques formidaveis, eu tratava-a segundo Charcot. Uma vez ella disse eu tenho o diabo no corpo. Pois vá ao Castello! Foi e ficou boa

Era um medico que me dizia o assombro. Nesse mesmo dia subi ao Castello.

Pelas pedras do morro iam homens carregando baldes de aguas; mulherias estendiam roupas na relva; em baixo, a cidade num vapor branco parecia uma miragem

sob o chuveiro de luz. Em torno do convento saltavam cabras. Pendurei-me de um cordão á porta carcomida, como um viajante medieval. Muito tempo depois appareceu um frade italiano de barba negra.

— O Superior?

Abriu a porta, fez-me entrar para uma sala pauperrima, onde havia um altar com imagens grosseiras e paramentos de missa. Pelas paredes, ordens do arcebispo, tabellas dos dias de jejum. Atravez das outras portas abertas viam-se salas abobadadas, onde as alpercatas sacerdotaes punham um brando rumor de intimidade.

Dous minutos depois, frei Piazza apparecia. Muito jovial e muito simples. Eu queria uma informação; elle dava-a. Sempre que Deus lhe fazia a graça de poder ser util, ficava contente. A impressão desse homem, com os flocos de neve de sua barba, escorrendo de uma face cheia de vitalidade, é a de um ser definitivamente certo de seu fim, a quem as injurias, as intrigas, os elogios ou os males não attingem. Viu-me um curioso mundano, impoz-me a sua crença com delicadeza.

— O senhor é jornalista ! ah ! os jornalistas !... Se elles dissessem apenas o que vêem, seriam os melhores homens do universo... Mas quasi nunca dizem. O principe de Crayemberg tinha um temor muito justo. Olhe o que ainda ha pouco fizeram com a princeza russa.

Estavamos sentados num duro banco, deante de Deus e dos santos, como em poltronas confortaveis. Elle tinha entre as barbas um sorriso de subtil ironia.

— Superior, confessei eu, tenho nestes ultimos tempos visto de perto os males do Diabo.

Disseram-me que frei Piazza exorcisma.

— Sim filho, ha alguns annos. Todas as sextas-feiras das

4 da manhã as 4 da tarde, trabalho sem descanso. Só no anno de 1903 exorcisei mais de 300 demoniacas. Esses exorcismos são feitos de preferencia na igreja, mas quando me chamam, vou tambem á casa dos pacientes. Satan mais do que nunca ameaça Deus. Esse macaco do Divino, como diz o padre Goud, arrasta as creaturas para as profundas do inferno, que a sciencia considera um centro de fogo no meio da terra, auctor dos vulcões e do abalo das montanhas... Ah! meu filho, é uma vida bem dura!

— O exorcismo é publico ?

— Nem sempre. O diabo pela bocca dos possêssos conta a vida de todos, injuria os presentes. Não é conveniente. Ficam alguns amigos que sejam serios e piedosos.

— E como se praticam os exorcismos ?

— Segundo o *Rituale*.

— Contam tanta cousa...

— É bem simples. Leio-lhe a cerimonia.

Foi-se com o seu passo apressado, voltou trazendo os oculos e um livro de marroquim vermelho com letras de ouro.

— Está escripto que o homem não viverá só de pão, mas das palavras de Deus, disse S. Paulo.

Sentámo-nos. Frei Piazza abriu o *Rituale*, escripto em vermelho e negro...

O officio de exorcismo começa com as litanias normaes e o psalmo LII. Depois, o sacerdote derigi-se ao Energumeno.

— Quem quer que sejas, ordeno-te, espirito immundo, como aos teus companheiros, que obedecam a este servidor de Deus, em nome dos mysterios da Incarnação, da Paixão, da Resurreição e da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Christo, em nome do Espirito Santo, que digas o teu nome e indiques por um signal qualquer o dia e a hora em que entraste neste

corpo. Ordeno-te que me obedeças, a mim, ministro indigno de Deus, e prohibo-te que offendas esta creatura assim como aos presentes.

Depois o exorcista procede á leitura dos Evangelhos, següdo S. João, S. Marcos, S. Lucas, evoca o Christo, faz os signaes do cruz no possêso, envolve-lhe o pescoço num pedaço de estola e com a mão direita na cabeça do rebelde, diz :

— Eu te exorcismo, immundo espirito, phantasma egião, em nome de N. S. J. C., ordeno-te que abandones esta creatura feita por Deus com terra. Deus, o mesmo que do alto dos Céos te precipitou nas profundezas, é quem te ordena, Aquelle quemanda nos mares, nos ventos e na terra. Ouve e treme de pavor, Satan, inimigo da fé, inimigo do genero humano, mensageiro da morte, ladrão da vida, oppressor da justiça, raiz do todos os males, seductor dos homens, traidor de todas as nações, origem da avareza, inventor da inveja, causa das discordias e das dôres. Por que ficas ? por que resistes ? Temes o que te immolou por Isac, vendido por José, morto por um anho e que acabou por triumphar do Inferno ?

E fazendo signaes da cruz na cabeça, no ventre, no peito e no coração do paciente, o sacerdote, com os paramentos roxos, continua :

— Adjuro-te. serpente antiga, em nome dos julgamentos dos vivos e em nome dos mortos, em nome do teu Creador e do Creador dos mundos, d'Aquelle que tem o poder de te enviar ao Inferno, —de sahir immediatamente com o teu furor desse servidor de N. S., refugiado no seio da Igreja. Esconjuro-te de novo, não em nome da minha fraqueza, mas em nome do Espirito Santo. Sai desse servidor de Deus, creado a sua imagem ; obdece, não a mim, mas ao ministro

de Christo. A força d'Aquelle que te submeteu a sua cruz, ordena-te. Teme o braço do que conduz as almas á luz, após ter vencido os gemidos do inferno. Que o corpo dessa creatura te cause medo, que a imagem de Deus te apavore. Não resistas. Apressa-te, porque Christo deseja habital-o. Deus, a magestade do Senhor, o Espirito Santo, o sacramento da cruz, a fé dos santos apóstolos Pedro e Paulo e dos outros santos, o sangue dos martyres, a intervenção dos santos e das santas, os mysterios da fé cristã, ordena-te que obedças. Sai, violador da lei, sai, seductor cheio de manhas e de enganõs, inimigo da virtude, perseguidor dos innocentes. Por que resistes? Por que temerariamente recusas?

A imprecação continúa formidavel até o hiato suave de uma nova oração. Depois o padre lê o ultimo e mais tremendo exorcismo.

— Adjuro-te *omnis immundissime, dirissime*, fantasma, enviado de Satan, em nome de J. C. o Nazareno, que foi conduzido ao Deserto depois do Baptismo de S. João e que te venceu na tua habitação. Cessa de obcedar esta creatura, que Deus, para sua honra, tirou do limo da terra. Treme, não da sua fragilidade humana, mas da imagem do Todo Poderoso. Cede a Deus que te precipitou no abysmo a ti e a tua infamia, na pessoa de Pharaó, por intermedio do seu servidor Moysés; cede a Deus que te condemnou no traidor Iskariote...

A imprecação torna-se de uma solemnidade colossal. O sacerdote ergue o livro sobre o desventurado possuido:

— Os vermes esperam-te a ti e aos teus. Um fogo devorador está preparado por toda a eternidade, porque tu és a causa do homicídio maldito, o organisador do incesto, o organisador dos sacrilegios, o instigador das peiores acções, o que ensina a heresia, o inventor de tudo quanto

é obsceno. Sai, impio, sai, scelerado, sai com as tuas mentiras, porque Deus quiz fazer seu templo deste corpo. Obcede ao Deus deante do qual se ajoelham os homens: cede o logar a N. S. J. C. que derramou o seu sangue sagrado pela humanidade; cede ao Espirito Santo, que pelos seus bemaventurados apóstolos venceu-te no mago Simon, que condemnou as tuas infamias em Ananias e Saphira, que te curvou em erodes, que te cegou no mago Elyma. Sai agora, sai, seductor. O deserto é a tua morada, a serpente a tua habitação. Eis que apparece Deus, o Senhor: o fogo arderá os inimigos se não fugirem. Se pudeste enganar um homem, não poderás embair Deus Escorraçar-te-á O que tem tudo em seu poder, far-te-á sahir O que preparou a gehena eterna, Aquelle de cuja bocca sai o gladio agudo, que virá julgar os vivos os mortos e o seculo pelo fogo.

E, emquanto as endemoninhadas, flexuosas, praguejando, batendo com o craneo, espectoram Satanaz, os *pater*, os psalmos envolvem-na. Quando ella cai prostrada, salva, o triumphador grita:

— Eis-te refeita santa. Deixa de peccar para que te não aconteçam outros desastres. Vai para casa e annuncia aos teus, as grandes cousas que Deus fez por ti e toda a sua misericordia ...

Eu tinha acabado de ler o latim illuminado. Fre Piazza, muito doce, murmurava.

— Ha outras formas de exorcismo que invocam os santos a Virgem ...

— Mas, superior, ha mesmo muitos casos aqui?

— Não imagina! Principalmente nas classes baixas, sem impeza. O diabo ama a immundicie. E' quasi incrivel

Esses phenomenos, que a espiritolatria tem por novos, são nossos conhecidos, ha muito tempo explicados. Ha creaturas que se dobram em dous, que se tornam sabias de repente, gritam em linguas desconhecidas, têm uma força enorme. Ainda ha dias tive dous casos. Não acredita.

— Se eu conheço o caso da Gamboa em que um sacerdote não se pôde approximar da possessa de tal modo ella colleava!

— A mim aconteceu facto identico. Era uma virgem. Cuspia no Cruxificado, com os braços em cruz, dobrava em dous, dizia a vida dos outros e de repente começou a arregalar os olhos... Ficaram como duas brasas os olhos, as palpebras dilataram-se, dilataram-se. Eu estava-as vendo arrebentar, mas tão horrivel era o quadro que não tive coragem... Cada palavra do *Ritual* arregalava-lhe mais o olhar pavoroso. E' um capitulo infindavel a peregrinação pelos bairros pobres. Casos estranhos! Não conhece a *Cabloc*, uma mulher que commanda 250 espiritos? Esta creatura, onde está, os moveis cahem, ha rumores, quebram-se os vasos. Tambem não pára. Ellã diz que já nasceu com os espiritos e não os quer tirar. Ainda outro dia encontrei-a em Catumby...

Eu já conhecia esse ser satanico e inedito, a *Cabocla*, já a vira escabujando emquanto os moveis cahiam e as portas fechadas abriam-sé com estridor. Era verdade.

—Mas ha amuletos perservativos do Diabo? perguntei tremendo.

—Basta a cruz de S. Bento, As iniciaes da medalha dizem ao alto: *Ipse Venena Bibus*; do lado esquerdo: *sunt mal, quæ libas*; do lado direito: *vade retro, Satanas*; em baixo: *non*

suads mihi vana. Ao centro a phrase: *non draco sit mihi dux* —da esquerda para a direita, em fórma vertical, de cima para baixo: *crux sancta mihi lux*, e nos quatro cantos: *crux, sanctis, patris, benedicti...*

Estava dando uma hora. Atravéz do convento os relogios repetiam interminavelmente a hora sollitaria. Erguemos, e ainda algum tempo ouvi embevecido a pureza da crença.

Na sexta-feira, porém, de madrugada, fui outra vez ao Castello certificar-me. Vinha nascendo o dia. No ether puro os sinos desfiavam as notas claras e era como se os sons fossem acórdando pela montanha os echos da vida. Cabras surgiam das sombras, mastigando a relva humida, e no alto uma estrella ardia a morrer. Vi então subindo a encosta, desde essa hora, a theoria das beatas, homens anparando mulheres de face maceradas, mantilhas pretas escondendo rostos dolorosos, corpos dobrados em dous, tremendo, o bando das possessas modernas galgando o cimo do monte para arrancar a alma á Satanaz; o delirio diabolico, a fê a angustia, o mal... E na côr suave da aurora, aquelle convento simples, donde sahia a harmonia dos sinos, surgiu-me como o balsamo do Bem, o gladio do Senhor solitario e unico em meio da Descrença Universal,—ultimo auxilio de Deus ás almas do Diabo...

Quando descia, outros crentes, outras demoniacas iam subindo na luz do sol para a Lourdes espiritual que os sinos proclamavam. E, recordando a visào tenebrosa desse turbilhão angustioso que escabuja nas casas espiritas e nas igrejas sob o dominio de Satanaz, ergui os olhos ao céu, e louvei a gloria de Deus no seu imperecível fulgor...

A EGREJA POSITIVISTA

O amor por principio
E a ordem por base.
O progresso por fim.

Era domingo, á porta do templo da Humanidade, na rua Benjamin Constant .

Com o céu luminosamente azul e o sol tepido, havia muita concurrencia pela rua, de ordinario deserta:—senhoras, cavalheiros de sobrecasaca, militares, crianças. Uns subiam logo as escadas do templo, cuja fachada recorda um templo grego; outros, mais intimos, seguiam para o fundo, pelo lado direito. Teixeira Mendes fazia a sua predica dominical.

Tinhamos ido a conversar com um velho positivista. A principio elle annunciara que desprezava a frivolidade jornalística e a imprensa. Mas depois, como eu risse sem rancor, permittiu-se levar-me até a Igreja e foi tão bondoso, que nós estávamos alli, tagarelando de cousas superiores enquanto ao templo continuava a affluir a onda de fardas e de senhoras.

— Não é possível negar a influencia positivista na nossa politica, sobre os brasileiros cultos, ia eu dizendo, mas o publico...

— Os jornaes...

—... o grande publico não comprehende e irrita-se.O

meu amigo pôde fallar em Spencer, de Kant, de outros philosophos. Passa por erudito e é respeitado. Basta porém fallar de Comte para que o tomem por um exquisitão e perguntem injuriosamente se essa é a religião de Clotilde de Vaux.

— E' natural. Essa gente não conhece o culto, adulterado por espiritos anarchicos. Mas você vê que muita gente já comprehende a doce religião que submetteu a intelligencia ao sentimento.

— Tem lhes custado.

— O positivismo tem quarenta annos de propaganda no Brasil. Em 1864 o Dr. Barreto de Aragão publica uma arithmetica dando a hierarchia scientifica de Comte e o Dr. Brandão escrevia a *Escravidão no Brasil*. Foram esses os primeiros livros positivistas, hoje quasi desconhecidos. Depois é que o positivismo começou a ser fallado entre mathematicos e que os professores da Central e da Escola Militar deram em citar a *Astronomia* e o primeiro volume da *Philosophia*

— Era o tempo em que se considerava a *Politica* um livro impio...

— Ainda não se fizera sentir a necessidade de dispensar os serviços provisorios de Deus. O character religioso do positivismo não era conhecido. Isso não impedio que Benjamin Constant, fazendo concurso na Escola Militar, declarasse ser positivista orthodoxo e republicano, e que o proprio Benjamin, com os Drs. Oliveira Guimarães e Abreu Lima, constituísse o nucleo dos orthodoxos em 1872.

— A influencia foi nulla... interrompi eu, olhando uma senhora loura que entrava com o cathecismo encadernado em velludo verde.

— Nada se perde. Oliveira Guimarães deixou um dis-

cipulo, Oscar de Araujo; Benjamin levou ás escolas a palavra religiosa do mestre. regenerou o ensino da mathematica e foi o primeiro brasileiro que teve no seu quarto o retrato de Clothilde de Vaux. Os trabalhos adoptados na Escola Militar são quasi todos de discipulos seus. No meio intelligente desses ultimos surgiram Raymundo e Miguel Lemos: era um momento de agitação. Pereira Barreto publicava o 1.º volume da obra *As tres philosophias* e tanto Miguel como Teixeira Mendes eram littréistas, considerando a parte religiosa de Comte como obra de louco...

Foi com elles que Oliveira Guimarães fez alliança para fundar a bibliotheca positivista e abrir cursos scientificos.

— Era a philosophia da Academia...

— Sem jardins. O começo do positivismo no Brasil é absolutamente academico. Em 1876 a Escola de Medicina manifestou-se com a these *Da Nutrição*, de Ribeiro de Mendonça, e a primeira sociedade positivista foi feita de professores orthodoxos e de estudantes littréistas.

— Seria curioso saber como estes mudaram.

— Apenas uma censura ao director da escola, o que motivou serem suspensos por dous annos. Teixeira Mendes e Miguel Lemos foram para a Europa. e emquanto só, Benjamin propagava aqui, os dous em Pariz *littréisavam*. Mendes veio o mesmo, achando o Comte da *Politica* maluco. Miguel ficou, e lá, *sponte sua*, abandonou Littré e relacionou-se com Laffite.

— E converteu-se ?

— A 4 de julho de 1879.

Solememente o meu amigo positivista apanhava sol. Leveio-o com carinho para o jardim, onde devia estar o bos-

que sagrado com as sepulturas dos homens dignos. Não havia bosques, nem sepulturas. Apenas algumas arvores. O positivista accendeu o cigarro depois de o fazer com um forte fumo Rio Novo. Eu perguntei pasmado :

— Toma café ?

Elle rio

— Como toda a gente ! Essa historia de não tomar café e não fumar é apenas uma léria. Então você pensa que Augusto Comte imaginasse, de máo, fazer o mundo deixar o café e o fumo, só para arruinar o Brasil? O facto é outro. O grande philosopho não fumava nem bebia excitantes porque lhe faziam mal; Miguel Lemos, doente como é, não se atira a esses excessos ; Teixeira Mendes, um homem que reflecte dezeis horas a fio, não se póde dar aos desvaneios da fumaça.. Não ha prohibições formaes para o horrendo vicio ; ha apenas medo...

Puxei com vigor uma baforada.

— A propaganda desapareceu com a estada de Miguel Lemos em Pariz ?

— Não. A sociegade passou a chamar-se Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, sendo acclamado presidente o Dr. Ribeiro de Mendonça, que se filiou a Laffite.

— Começou a éra do laffitismo ?

— E com tal excesso que concorriamos pecuniariamente para o subsidio sacerdotal da igreja em Pariz. Lemos influio de tal modo sobre Teixeira Mendes que pouco tempo depois este tamhem se convertia. Foi, ligada a Laffite que a nossa igreja iniciou as commemorações da character religioso com a festa de Camões em 1886 ; que se commemorou o 22.º passamento de Comte e a festa da Humanidade; e é dèssa época que data a primeira procissão civica no Rio de Janeiro,

com andores e o busto de Camões esculpido por Almeida Reis.

Quando Miguel voltou, aspirante ao Apostolado, a reuniões tornaram-se regulares aos domingos, na rua do Carmo n. 14, e Ferreira de Araujo abriu uma secção na *Gazeta* com o titulo *Centro Positivista*, cujo primeiro artigo dava a theoria, scientifica do calendario. Em 1881, já presidente Miguel Lemos, o Centro passou para a rua Nova do Ouvidor, as exposições da religião tornaram-se regulares e Raymundo fez no Lyceu um curso do cathecismo interrompido pelas suas celebres conferencias de antigo littreista contra o sophisma de Littré.

— Era a prosperidade.

— Nesse anno, em que se commemorou a Tomada da Bastilha, Lemos foi a S. Paulo, fez nove conferencias, fundou uma filial com Ferreira Souto, Carvalho de Mendonça, Oliveira Marcondes, Godofredo Martins e Silva Jardim, e as intervenções do Centro na nessa vida politica accenturam-se contra a immoralidade da colonisação chineza, traçando o programma do candidato positivista, protestando contra as loterias, exigindo o registro civil, a abolição, oppondo-se ás universidades...

— Já nesse tempo ?

— Os artigos foram publicados na *Gazeta de Noticias* e fizeram com que o imperador se oppuzesse á idéa, aconselhando ao ministro que reformasse o ensino por outro qualquer meio que não fosse as universidades.

O meu velho amigo andou alguns passos pelo futuro bosque sagrado. Acompanhei-o.

Ouvia-se lá dentro o som multiplo de uma orchestra. Raros retardatarios entravam.

— Neste anno tambem, continuou com calma, uma cir-

cular instituiu o subsidio sacerdotal, o que deu logar á retirada de Benjamin Constant, e foram conferidos os primeiros sacramentos aos filhos de Miguel Lemos, Teixeira Mendes e do Dr. Coelho Barreto.

— Hoje esses sacramentos são communs?

— Como os do matrimonio, em grande numero.

— A ruptura com Laffite deu-se logo depois?

— Em 1883. Lemos ficou o unico responsavel do positivismo no Brasil, continuando a ingerir-se na vida publica da sua patria.

— Mas este templo como foi feito?

— O Apostolado deixou a sêde da rua Nova do Ouvidor para a rua do Lavradio. A mudança determinou o lançamento de um emprestimo em 1891 para a construcção do templo, no que muito concorreram Pereira Reis, Ottero, Rufino de Almeida, Decio Villares. A inauguração foi em 1894 e a igreja custou 250 contos.

— E' mais uma prova da importancia do Centro no regimen republicano.

— A nossa intervenção no inicio da Republica foi de primeira ordem. Basta citar a bandeira nacional, a separação da igreja do Estado, a liberdade dos professores, a reforma do codigo no caso da tutella de filhos menores.

— O Centro tambem tem uma casa em Pariz?

O semblante do positivista annuviou-se.

— Sim, a casa em que morreu Clotilde. Foi comprada por 70 mil francos. E' triste. Em Paris não estavam preparados para comprehender Teixeira Mendes. Era tarde para a campanha... Mas venha ver a nossa typographia.

• Caminhamos com intimidade pela avenida estreita. De vez em quando ouvia-se o som de uma voz acre. Era a predica.

A typographia fica em baixo, correspondendo a toda a extensão da nave em cima. E' completa. Pergunto respeitoso o numero de publicações dessa officina.

— As obras de maior valor são o Anno sem Par, a Biographia de Benjamin Constant, a Visita aos Logares Santos do Positivismo, a Chimica Positiva, as Ultimas Concepções de A. Comte (onde se acha a theoria dos numeros sagrados) todas obras de Raymundo Mendes. A publicação de folhetos é talvez superior a 600.

— Mas os subscriptores são muitos?

— São sufficientes. A Igreja do Brazil tem recebido tambem auxilios de Londres.

O pavimento em baixo não é só occupado pela typographia. Ha tambem o gabinete luxuoso de Miguel Lemos e a sala Daniel Encontre onde Teixeira Mendes expõe aos jovens discipulos da humanidade, e a quem quizer ouvir-o, as sete sciencias. Ouvem-no lentes de academias e professores notaveis.

— E' grande o numero de positivistas?

— No Brasil os orthodoxos devem ser uns 700. Os sympathicos não se póde mais contar. As gerações que saem da nosso Escola Militar são quasi que compostas de sympathicos...

— E a influencia moral augmenta?

O positivista confessou com tristeza.

— Vai se tornando fraca. Não se admire. Será por fraqueza dos apostolos? Será porque o publico se afasta da realidade, corrompido moralmente? O facto é patente. Ainda ha pouco o *privilegio funerario* umacampanha perdida... Mas entremos.

Com o chapéo na mão, nós entramos. Havia luxo e conforto. De um lado a secretaria, onde se vendem as obras editadas pela igreja, de outro, a sala onde está a escada para

o côro, com orchestra e uma rica bibliotheca de carvalho lavrada. Degrãos atapetados dão accessõ á nave.

O tempo da humanidade é lindo. Ao alto, junto ao tecto correm janellas que arejam o ambiente. Todo pintado de verde mar, está-se lá dentro como num suave banho de esperanza. Sentam-se os homens na nave que tem quatorze capellas; — columnas de páo negro sustentando em portaes abertos bustos esculpturados por Decio Villares. Os bustos representam os mezes do calendario: Moysés ou a Theocracia inicial, Homero, Aristoteles, Archimedes ou a poesia, philosophia e a sciencia antiga; Cesar, ou a civilisação militar; S. Paulo, ou o catholicismo; Carlos Magno, ou a civilisação feudal: Dante, Gutenberg, Shakspeare, Descartes, Frederico Bichat, ou a epopéa, a industria, o drama, a philosophia, a politica, a sciencia moderna, e Heloisa, a santa entre as santas que fica na ultima capella voltando o seu semblante maguado para a porta.

Na capella-mór, rica de tapetes e de madeiras esculpidas. Ha uma cathedra, onde se senta Teixeira Mendes com as vestes sacerdotaes negras com vivos verdes. Por traz fica um busto de bronze de A. Comte, e, dominando toda a sala, o quadro de carvalho lavrado e lettras de oiro, de onde surge a figura delicada de Clotilde, a humanidade symbolisada por Decio numa das suas mirificas athmospheras sonhadoras.

A voz de Raymundo corre com a continuidade de uma quéda de aguas; na nave cheia scintillam galões e lunetas graves; na capella-mór senhoras ouvem com attencção essa palavra, que não deixa de ser demolidora.

— O que é o positivismo ? sussurro eu sentando-me.

— E' uma religião que respeita as religiões passados e

substitue a revelação pela demonstração. Nasceu da ruptura do catholicismo e da evolução scientifica do seculo 17° para cá. De Maistre dizia que o catholicismo ia passar por muitas tranformações para ligar a sciencia á religião. Comte descobriu a lei dos tres estados, a chave da sociologia, e quando era o grande philosopho, Clotilde appareceu e ensinou que a intelligencia é apenas o ministro do coração.

Agir por affeição
Pensar para agir

Comte proclamou que o homem e a mulher se completam sob o triplice aspecto : sentimento, intelligencia e actividade. A religião divide-se em Culto, Dogma e Regimen, o que vem a ser bem amar, bem conhecer e bem servir a humanidade, o Grande Ser, o conjuncto das gerações passadas e futuras pela geração presente. A existencia do Grande Ser está ligada á terra, o Grande-Felicite, e ao espaço, o Grande Meio...

— Mas quantas senhoras !

— As mulheres devem amar o positivismo. Comte dignificou-as. A mulher é a força moderadora, o sentimento puro do amor que faz a sociabilidade, é a sacerdotisa espontanea da Humanidade que modifica pela affeição o orgulho vão e o reino da força : a mulher é a humildade, o fóco do culto no lar, é Beatriz, é Clotilde, é Heloisa, mãe, esposa e filha, a Veneração, a Doçura e o Bem. As mulheres deviam ser todas positivistas.

Emquanto isso, Raymundo Mendes do alto da cathedra, relampejava. Na catadupa das palavras faltavam *rr*, havia repetições do pensamento, de phrases, mas na explicação

cultural, de repente, iconoclastamente, o azorrague partia contra os factos, contra a anarchia actual.

Fiquei enlevado a ouvil-o. Esse mesmo homem, puro como um christal, que tem o saber nas mãos, eu já o vira uma vez, de manhã, carregando com dignidade um embrulho de carvão...

As mulheres sorriam, em todá a translucida claridade parecia vibrar a alma do grande philosopho terno e bom, e do alto, Clotilde, a Humanidade, abria como um lirio a graça suave do seu labio.

AS SYNAGOGAS

Hontem, 14 de Hadar de 1664 eu assisti às ceremonias do carnaval nas synagogas da Sion fluminense. O esperto Mardocheu, que tudo conseguira com a perfumada belleza de Esther, ao communicar de Suza a sua luminosa victoria, ordenara para todo o sempre diversões e alegria nesse dia. Os filhos de Israel obedecem e, como a patria de Israel é o mundo, nenhuma cidade ainda soffreu por não festejar data tão preciosa. No Rio, tambem hontem, cerca de quatro mil familias divertiram, riram e beberam. Divertiram com discreção, é certo, beberam sem violencia, riram com calma, exactamente porque a gente do paiz de Judá tem a tristeza n'alma e a tenacidade na vida.

As festas do *peisan* foram copiadas dos persas pelos romanos. Os povos modernos copiaram dos romanos, augmentando os dias de prazer e destruindo a intenção cultual da cerimonia. Quem assistiu á orgia continua dos batuques carnavalescos, talvez não possa comprehender como cerca de dez mil judeus commemoram 14 de Hadar, com tanta modestia e tanta correcção.

Esses dez mil judeus divertiram-se, trocaram presentes, cantaram, ouviram mais uma vez a historia da linda Esther, lida pelo *hhasan* nos sagrados livros, e cada um recolheu um momento o espirito para pensar em Mardocheu, no rei Assuéro e na maneira por que 60 milhões de antepassados foram salvos da morte e do patibulo.

Entretanto, pela vasta cidade, ninguém desconfiou que tanta gente tivesse a alegria n'alma.

E' que os filhos de Israel são receiosos, sempre curvados ao sopro das perseguições, sempre sabios. Festejaram sem que ninguém dêsse por tal...

O Rio tem uma vasta colonia semita ligada a nossa vida economica, presa ao alto commercio, com differentes classes sem relações entre ellas e differentes ritos.

Ha os judeus ricos, a colonia densa dos judeus arménios e a parte exotica, a gente ambigua os centros onde o lenocinio, mulheres da vida airada e *castens* cresce e augmenta, ha israelitas francezes, quasi todos da Alsacia Lorena, marroquinos, russos inglezes, turcos, arabes, que se dividem em seitas diversas, e ha os *Asknenaxi* communs na Russia, na Allemanha, na Austria, os *falachas* da Africa, os *rabanitas*, os *Karaitas*, que só admittem o Antigo Testamento, os argonicos e muitos outros.

Os semitas ricos não têm no Rio ligação com os humildes nem os protejem como em Paris e Londres os grandes banqueiros da força de Hirsch e dos Rottchids. São todos negociantes, jogam na Bolsa, veraneiam em Petropolis, vestem bem.

Muitos são joalheiros, com a arte de fazer brilhar mais as joias e de serem amaveis. Francezes, inglezes, allemães, o culto desses cavalheiros apresentaveis e mundanos reveste-se de uma discreção absoluta. Uns praticam o culto intimo, outros não precisam do *hhasan* e fazem juntos apenas as duas grandes ceremonias: a *Ion-Kipur* ou dia das lamentações e do perdão, e o anno novo ou *Rasch-Haschana*.

Algumas synagogas já têm sido estabelecidas nas salas de predios centraes para receber esses senhores. Actu-

almente não ha nenhuma, estando na Europa quem mais se preocupava com isso.

As riquezas das nações estão nas mãos dos judeus, brada o anti-semita Drumont, ao vociferar os seus artigos. A nossa tambem está, não porém nas dos judeus daqui, que são apenas homens ricos bem installados nos bancos e na vida.

O outro meio, extraordinariamente numeroso é onde vicejam o vicio e a inconsciencia, os rufiões e as simples mulheres que fazem profissão de meretricio. Essa gente vem em grandes levas da Austria, da Russia, de Marseilha, de Buenos Ayres, e habita em maior parte na praça Tiradentes, nas ruas Luiz de Camões, Tobias Barreto, Sete de Setembro, Espirito Santo, Senhor dos Passos e nas ruelas transversaes a rua da Constituição. Comem quasi todas numas pensões especiaes dessas ruas equivocas, pensões sujas em que se reúnem homens e mulheres discutindo, bradando, gritando. O alarido é ás vezes infernal porque, quasi sempre numa briga de casal, ella explorada por elle, todos intervem, dão razão, estabelecem contendas. Nestas casas guardam não raro uma sala para costura e outra destinada á synagoga.

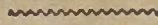
Ha mais mulheres do que homens. Os homens são intelligentes, espertos, sabem e explicam com clareza, as mulheres são profundamente ignorantes da propria crença. Quasi nenhuma sabe a data exata das festas, a sua duração, a sua razão de ser. E' interessante interrogal-as, gastar algumas horas visitando as alfurjas apertadas desta babel americana.

-- Então vai á synagoga?

— Oh! aqui não ha nada direito; em Buenos Ayres sim.

— Mas você vai sempre a estas reuniões?

— Vou. Então podia deixa de ir?



— Por que vai ?

— Porque tenho que ir. Quando saio de casa deixo uma vela acesa.

— Por que ?

— E' costume.

— A festa do anno novo quantos dias dura ?

Uma nos diz trez dias, outra oito, outras respondem vagamente. Entretanto russas, inglezas, francezas, fazem questão de se dizer judias e obedecem á fé. No dia do *Kipur*, ou dia do perdão, do arrependimento e das lamentações, fecham-se os prostibulos, todas ellas vão á synagogas improvisadas soluçar os peccados do anno inteiro, os peccados sem conta. As 4 da tarde fazem uma refeição sem pão sem carne e desde que no céu palpita a primeira estrella, até o outro dia quando de novo Lucifer brilha, não se alimentam mais, limpas de todos os desejos e de todas as necessidades humanas...

Estes judeus reúnem-se em qualquer parte, o mais letrado lê a historia no topico necessario, e choram e riem ou cantam, conforme é necessario, crentes ignorantes. As synagogas ambulantes estão cada anno numa rua. As ultimas reuniões deram-se na rua do Espirito Santo, na rua da Constituição, e na rua do Hospicio. E' chefe do culto derigindo os convites e organisando as festas, uma meretriz, a Norma, que ultimamente introduziu no Rio a *entolage*, o roubo aos freguezes.

A outra sociedade, a mais densa, é a dos armenios e a dos marroquinos. Esse fez-se de grandes levadas de imigração para o amanho de terra. em que o Brasil gastou muito dinheiro. Os agentes em Gibraltar aceitavam não só familias como homens solteiros. As colonias não deram resultados; no Iguassú os colonos fugiam aos

poucos e em outros logares foi impossivel estabelecer os porque o povo até os julgava com chifres de luz como Moysés.

Os judeus arabes appareceram por aqui na miseria, mas aos poucos pela propria energia, tomaram o commercio ambulante, viraram *camelots*, montaram armarinhos e acabaram prosperando. Ha ruas inteiras occupadas por elles, naturalmente ligados aos turcos mahometanos, aos gregos scismaticos e a outras religiões e ritos degenerados que pullulam nos quarteirões centraes.

Nas levas de imigrantes vieram homens intelligentes e cultos. O *hhasan* David Hornstein é um exemplo. Esse homem cursou doze annos a Universidade Talmudica, é polyglotta, professor, correspondente de varios jornaes escriptos em hebreu e rabbino diplomado da religião judaica. David estava na Palestina, na colonia Rishon l' Sion uma especie de companhia que o fallecido barão B. Rotschild installara em terrenos comprados ao sultão, com grande odio dos beduinos. Nessa colonia havia medicos, advogados, russos nihilistas. O resultado foi a sublevação que o amavel barão, depois da morte do administrador, acabou, dispersando os amotinados. Vinte dous desses homens, entre os quaes David e o erudito Kulekóf, que acabou rico em S. Paulo, partiram para Beyreuth, depois para Paris. Hirsh deu-lhe 500 francos fazendo um discurso camarario.

Os judeus revolucionarios foram para Gibraltar e ahi embarcaram para o Brasil. Todos acabaram com fortuna, menos o rabbino, que ficou ensinando linguas, porque o sacerdote judeu não vive do seu culto.

E' esta parte densa da colonia judaica que tem duas synagogas estaveis, nma na rua Luiz de Camões 59 e outra na rua da Alfandega 369.

A synagoga da rua Luiz de Camões é do rito argonico. Entra-se num corredor sujo, onde crianças brincam. Aos fundos fica a residencia da familia. Na sala da frente está o templo, que quasi sempre tem camas e redes por todos os lados.

As taboas de Moysés negrejam na parede; a um canto está o altar, e na extremidade opposta fica a arca onde se guarda a sagrada historia, resumo de toda a sciencia universal, escripta em pelle de carneiro e enrolada em formidaveis rolos de carvalho. Só nos dias solemnes se transforma o templo. David Hornstein faz as cerimoniaes no meio da sala, no altar, envolto na sua tunica branca riscada nas extremidades de vivos negros, com um gorro de velludo enterrado na cabeça. Muito myope, o *hhasan* é acompanhado por trez pequenos que entoam o coro.

No altar David retira a capa de velludo roxo dos rolos, abre-os da esquerda para a direita. Ao lado guiam-lhe a leitura com uma mão de prata. Ahi, immovel, sem se mexer, faz a oração secreta para que Deus o attenda e o perdoe de ser enviado e ousar rogar pelo seu povo.

Jeovah naturalmente attende e perdôa. O *hhasan* infatigavel já tem desenhado cento e cincoenta sepulturas, já praticou á circumscisão em cerca de setecentos pequenos, já baptisou, mergulhando em tres banhos consecutivos, muitas meninas, já casou muitos judeus e prospera fallando dos nossos politicos e citando os deputados com familiariedade.

A synagoga da rua da Alfandega é muito mais interessante. Occupa todo o sobrado do predio 363, que é vulgar e acanhado como em geral os do fim daquela rua. Sobbe-se uma escada ingreme, dá-se num corredor que tem na parede as taboas de Moysés.

Ahi vive um outro Moysés, o *hhasan*, com uma face hespanholada e um ar bondoso. Na sala de jantar estão as paredes ornadas de symbolos, representando as doze tribus de Judá, e ahi passam Moysés ella de lenço na cabeça, elle com com um chapéo de palha velho.

A sala da frente é destinada ás cerimoniaes. Quasi não se póde a gente mover, tão cheia está de bancos. No meio collocam o altar de vinhatico envernizado, em que o *hhasan* fica de pé lendo ou cantando.

Nas paredes apenas as taboas, ao fundo a arca, com cortinas de seda onde se guarda o sagrado livro. Do tecto pendem presos de correntes brancas vasos de vidros, cheios d'agua onde lamparinas colossaes queimam crepitando. Sobre o altar desce o lustre de chrystal, chispando luzes nos seus multiplos pingentes. Além de Moysés, ha um outro sacerdote, Salomão, tão devoto que é o *hhasidim*...

Foi nesta synagoga, indicada por um negro falacha, cuja origem vem dos tempos de Salomão e da rainha de Sabá, que eu assisti ao *peisan*.

—Oh! elles são bons e se protegem uns aos outros, dizia o negro assombroso. A vida do judeu pobre é a do pouco comer, do pouco gosar, do muito soffrer. Agora, fizeram a *Irmandade de Protecção Israelista*.

Eu olhava a turba colorida, a serie de perfis exóticos, de caras hespanholas e arabes, de olhos luminosos brilhando á luz dos alampadarios. Havia gentes morena, gente clara, mulheres vestidas a moda hebraica de tunica e alpercata, mostrando os pés, homens de chapéos enterrados na cabeça caras femininas de lenço amarrado na testa e crianças lindas. O *hhasan*, paramentado, lia solemnemente e toda aquella exquesita illuminação de baldes de vidro, fazendo halos de luz e mergulhando n'agua translucida as mechas da lam-

parinas, aquelle lustre, onde as luzes ardiam, eram como um visão de sonho estranho.

Emquanto o *hhasan* lia, com os pés juntos, sem mover sequer os olhos, com uma voz acida tremendo no ar, todos tinham nas faces sorrisos de satisfação.

As cidades serão destruidas a ferro e fogo se não festejarem este dia do mez de Hadar. Nós festejamos. E diante das lampadas, para aquelle punhado de judeus, a historia desenrolava a maravilha de Assuero, que reinou desde a India até a Ethiopia sobre cento e vinte cidades. Era Suza, a capital maravilhosa, Esther suave e candida, substituindo a rainha Vashi, Mardocheo sentado á porta do templo sem adorar Aman, a quem Assuero tudo dava, Aman forçado a levar Mardocheo em triumpho, tudo por causa de uma mulher tremula e timida, que desmaiava, salvando 60 milhões de judeus e mandava matar quinhentos inimigos, pedindo concessões identicas para as provincias.

Era a data dessa matança; festejava-se o dia em que Aman foi para a patibulo que preparára para Mardocheo, e o momento em que se espatifara Arisai, Phrasandata, Delphon, Ebhata, Foratha, Adalia, Aridatha, Phermesta, Aridai e Jeratha.

Mas daquelle livro sagrado, entre aquellas illuminações, a fé destillava a suprema dilicia. Era como se cada palavra recordasse os banquetes dados aos principes nos atrios do palacio decorado de pavilhões da côr do céu, da côr do jacintho e da côr da assucena; era como se cada periodo abrisse a visão das columnas de marmore, dos leitos de prata e ouro e dos pavimentos embutidos, onde esmeraldas rolavam...

Nós estavamos apenas numa sala estreita que fingia de de synagoga, no fim da rua da Alfandega.

A NOVA JERUSALÉM

A séde da nova Jerusalém, annunciada pelo Apocalipse, fica na rua Maria José n. 10. E' uma casa de dous pavimentos, muito alta. pintada de vermelho escuro, que assenta á beira da rua Collina como uma fortaleza.

De longe parece formidavel aos reflexos do sol, que queima todas as vidraças, e reverbera nas escadas de pedra; de perto é solemne. Abre-se um portão, sobe-se uma das escadas, abre-se outro portão, dá-se num pateo que termina para a frente em estreitas arcarias ogivaes e perde-se ao fundo num jardim obumbroso. Desse pateo vê-se o declive viride das ruas que descem, e vagos trechos da cidade.

Antes de bater, olhamos ainda a casa alta. Detrás daquelles muros viceja a religião de Swedenborg, a nova igreja, a verdadeira comprehensão da Biblia; detrás daquelles muros, illuminados da luz da tarde, guarda-se a chave com que tudo se póde explicar neste mundo. «Eu sou o Deus, disse Jesus a Swedenborg, o Senhor, o Creador e o Redemptor, e te elegi para explicares aos homens o sentido interior e espirital das Escripturas Santas. Dictar-te-ei o que escreveres!»

Subimos mais uma escada de pedra núa, no patamar da qual nos recebe o sr. Frederico Braga. Esse cavalheiro amavel é uma especie de «dilettante» dos cultos. Dizem que já foi até fakir fazendo crescer bananeiras de um momento para outro. Neste momento porém limita-se a fazer-nos entrar para uma sala simples e, emquanto nós vagamente o interrogamos, passeia da porta para a janella.

— O pastor está ahi, diz de repente. Ninguem melhor do que elle o póde informar.

O pastor é o sr. Levindo Castro de la Fayette, que apparece logo. Homem de physionomia intelligente, fallando bem, com o ar de quem está sempre na peroração de um discurso interrompido por apartes, o pastor agrada. Ha de certo nos seus gestos um pouco de *morgue*, o intimo orgulho de ser o propheta de uma religião de intellectuaes, de espalhar pela terra a palavra do maior homem do mundo, que tudo descobrira na sciencia terrestre e vira Deus na terra celeste.

O sr. la Fayette consulta o oculo brilhante, falla da conquista da Nova Igreja através do mundo, falla torrencialmente. E' a historia do *swedenborgismo* desde a morte de grande visionario, desde a defeza de Thomaz Wright e Roberto Hindmarsh que demonstraram o perfeito estado mental do mestre, até a reunião dos adeptos de Swedenborg em Londres em 1788, donde começou a expansão do culto novo que agora augmenta diariamente na Austria, na França, na Inglaterra, na Australia, nos Estados Unidos, com igrejas novas e novos adeptos. Póde-se calcular em cento e vinte mil o numero de crentes.

O Sr. Frederico Braga mostra-nos as revistas allemães e inglezas, o *New Church Messenger*, a *New Church Review*, onde vêm reproduzidas em photogravura as fachadas dos novos templos através do mundo.

— A verdade caminha ! diz o pastor, e leva-nos á sala onde se realisam as reuniões dos *swedenborgeanos*. E' no 1º pavimento, na frente, uma sala núa. Ao centro uma grande mesa, rodeada de cadeiras com uma cadeira mais alta para o pastor. Ao lado a bibliotheca, onde se empilha a

obra interminavel de Swedenborg desde os *Arcania Coeestia* até o *Tratado do Cavallo Branco do Apocalypse*.

A Nova Jerusalém do Brasil data de 1898. Foi seu fundador o proprio Sr. de la Fayette, e isto devido a revelações que recebera em Paris alguns annos antes. E' o caso que o pastor, nesse tempo simples professor de portuguez num instituto parisiense, foi nomeado chanceller do consulado geral do Brasil na França. Essa funcção fel-o desejoso de conhecer a verdade espiritual, e, para que a verdade brilhasse, de la Fayette observou logo um rigoroso regimen de temperança em todas as cousas... Swebenborg, cavalleiro da ordem equestre da Suecia, que de tudo escrevera e fallara, só em 1745 teve a revelação de que estava talhado para explicar os symbolos da Biblia. Mas Swedenborg comia muito. A primeira vez que os espiritos invisiveis lhe fallaram foi durante um jantar. O philosopho engulia vorazmente no quarto reservado de um hotel, onde á vontade devorava e pensava, quando sentiu a vista se lhe empanar e reptis horriveis arrastarem-se pelo soalho. Os olhos pouco tempo depois recobriram a visão perfeita e Swedenborg viu, distinctamente, no angulo da sala, um homem com o seio em luz, que lhe dizia, paternalmente :

— Não comas tanto, meu filho!

De la Fayette não precisou desse celeste conselho. Practicou-o antes da revelação; — e foi por isso que, mezes depois, começou, durante o somno, a receber ensinamentos do mundo espiritual a respeito da palavra de Deus. Desde esse tempo o Sr. Levindo foi guiado pelo céu, e chegou até a Bibliotheca Nacional.

— Que livro hei de pedir? interrogou aos seus botões o homem feliz.

— Pede Swedenborg ! bradaram os espiritos bons de dentro do sr. Levindo.

O illuminado pediu os *Arcania Cælestia*, em latim, porque além de cinco linguas vivas, lê correntemente a lingua em que Catullo escreveu tão bellos versos e tão suggestivas patifarias. Leu os *Arcana*, foi a igreja da rua Thouin, conversou com Mme. Humann que o recebeu ineffavelmente doce, e mezes, depois, era baptisado na nova igreja.

Em agosto de 1893, o sr. de la Fayette, que é mineiro, veio para o Rio, mas quando aqui chegou a revolta estalára, havia estado de sitio, e não teve remedio senão abalar para as montanhas do seu Estado. A cidade de Lamim, em Minas, foi onde primeiro se fallou no Brasil da Nova Jerusalém.

De volta ao Rio, o pastor fez um adepto, o sr. Carlos Frederico Braga, tambem mineiro. A adhesão foi rapida. O sr. Carlos concordou logo com o sr. de la Fayette, como concordava naquelle instante em que eu os ouvia. Dahi por diante Levindo foi o texto do credo e Carlos Frederico o commentario entusiasmado. Esses dous homens atrairam-se pela cidade a explicar a Nova Jerusalém, a fazer comprehender pelos homens intelligentes as sagradas interpretações do prolixo Swedenborg, escriptas sob as vistas de Christo Deus, que é um só. Quatro annos depois reuniram na rua Minervina cincoenta *swedenborgianos*, fundando duas sociedades: — a Associação de Propaganda da Nova Jerusalém, pela imprensa, conferencias e leitura das obras do mestre, e uma sociedade de beneficencia para auxiliar os irmãos brasileiros.

Um jornal, a *Nova Jerusalém*, foi logo publicado e existe ha oito annos; o circulo da propaganda augmentou, amigos em viagem levaram a noticia ao Pará, ao Rio Grande do Sul,

á Minas e, afóra esses adeptos, cerca de duzentos *swedenborgianos* reúnem-se aos domingos para ouvir de la Fayette narrar o symbolo de Adão, explicar o sentido unico de cada palavra em todos os livros da Biblia e louvar Swedenborg.

— Swedenborg ! eu não preciso dizer-lhe quem foi esse extraordinario espirito que tudo descobriu da terra e do céu. Na sua época, chamou a attenção de grandes cerebros como Goethe, Kant, Wesley, de Wieland, Klopstok...

Nós batemos as palpebras, gesto que Swedenborg considera signal de entendimento e sabedoria. Goethé puzera o philosopho no *Fausto* com o pseudonymo de Pater Seraphicus, Kant fallando delle recorda e cumprimento do seu cocheiro a Tycho Brahe: « o Sr. póde ser muito entendido nas cousas do céu, mas neste mundo não passa de um doído ». Os outros não tinham sido mais amaveis. Mas para que discutir ? O ministro da Nova Jerusalém continuava contado a attenção e curiosidade dos povos modernos pelo extraordinario propheta do Norte. Depois parou.

— O que é, em synthese, a Nova Jerusalém ? perguntou.

Swedenborg ao morrer em casa de um barbeiro, achava desnecessario receber os sacramentos por ser de ha muito cidadão do outro mundo. A respeito dessa região o cidadão escreveu enormes volumes *ex auditis et visis*, isto é, sobre o que vira e ouvira.

Os *Arcania*, o tratado do Céu e do Inferno, o tratado das Representações e Correspondencias, a Sabedoria Angelica sobre o divino Amor e a divina Sabedoria, a *Doutrina Novæ Hierosalymæ*, as terras do nosso mundo solar e no céu astral, até o *Amor Conjugal*, com umas maximas arriscadas sobre o amor scortatorio, explicaram bem as suas extraordinarias viagens.

Swedenborg esteve no inferno e conversou com tanta

gente que Matter para simplificar fez uma lista chronologica desde os déuses gregos até os contemporaneos ; teve relações intimas com os espiritos de Jupiter, de Mercurio, de Marte e até da Lua, apezar de não sympathisar muito com esses que eram pequenos e faziam barulho. Não foi só. O extraordinario homem viu o paraíso, ouviu os anjos, esteve com Deus Nosso Senhor em pessoa que lhe appareceu pelo olho direito como um sol e pelo esquerdo como uma lua cercada de luazinhas. Era natural que comprehendesse o sentido das correspondencias entre os espiritos dos planetas e o maximo homem, que revelasse ao mundo o sentido intimo espiritual ou celeste das revelações que até então ficara ignorado.

« A doutrina da Igreja actual é viciosa, deve desaparecer » e Sœedenborg, com os olhos espirituaes abertos não innovou, elucidou os textos sagrados.

A nova igreja tem um catechismo que explica e resume a Nova Jerusalém e a sua doutrina celeste. Assim o homem foi creado por Deus para amar a Deus e fazer o bem ao proximo. Quem faz mal vai para o inferno, quem faz bem vive com luxo e conforto no reino do céu que, segundo Swedenborg, tem edificios magnificos, parques encantadores e vestidos bonitos. O homem aprende a fazer o bem nos dez mandamentos. E' simples e facil.

O Senhor, deve o homem julgal-o o unico Deus, em que está encarnada a Santissima Trindade do Pai, do Filho e do Espirito Santo. A trindade perfaz numa só pessoa a alma, o corpo e o acto da obra. Na Trindade Divina, o Pai é a alma o Filho o corpo, o Espirito Santo a operação condensados numa só pessoa : — Jesus. E' esta a divergencia capital do Catholicismo. A Nova Jerusalém é o christianismo primitivo. Os seus membros não têm ambições e ajudam-se uns aos

outros, praticando a caridade, o unico amor capaz de nos desprender de nós mesmos para nos approximar de Deus. A regeneração vem da oração. O homem ora só a Jesus porque o mais é idolatria. Todas as sciencias e religiões nada são sem o conhecimento de Deus. Possuidores desse conhecimento, os *swedenborgeanos* têm a chave da interpretação exacta de tudo e explicam com harmonia espiritual todas as sciencias e todas as religiões...

— Não se podia voltar ao Christianismo, ao tempo em que começou a ser falsificado, diz-nos o sr. de la Fayette. Seria desconhecer as leis da ordem divina que teria desse modo perdido quinze seculos, quando esse periodo serviu para a execução das suas obras sempre misericordiosas. O Senhor annunciou que, na consumação dos seculos, isto é, no fim da igreja actual, viria, «nas nuvens do céu, com poder e gloria» fundar outra igreja que não terá fim. Esta igreja é a Nova Jerusalém, que o Senhor instaurou, retirando o véo que occultava o Verbo...

Escurecia. As trevas entravam pela sala onde o Verbo é revelado. Em de redor, quanto abrangia o olhar, via-se a cidade reclinada por valle e monte, preguiçosamente. No céu purissimo as estrellas palpitavam de vagar; pela terra estrellavam os combustores um infinito recamo de luzes.

— Vou aos Estados Unidos, disse o ministro, comprar livros, editar obras minhas para franquear a bibliotheca ao povo. A regeneração far-se-á!

E nós descemos o monte, onde, naquella casa de pedra, dusentcs homens compenetrados do secreto sentido das correspondencias, louvam todos os domingos Swedenborg que gozou o Céu, e Jesus, que é a caridade e o supremo Amor.

O CULTO DO MAR

O culto do mar é praticado pelos pescadores das nossas praias. E' um culto variado, cosmolatra e fantasista, em que entram a lua e alguns elementos divinizados.

Não conheces os nossos pescadores? Gente tranquillissima. Raramente se aggridem e sempre por questão de pesca.

Os pescadores formam um corpo distincto, diverso dos catraeiros, dos maritimos, dessa população ambigua e viciada que anda no cães á beira das ondas perturbadoras. Não ha canto da nossa bahia que não tenha uma colonia de pescadores. Vivem todos muito calmos, sem saber do resto do mundo. Emfim uma classe á parte, com festas proprias, que não se afasta do oceano e é unida pelo culto do mar. Os pescadores são os ultimos idolatras das vagas. Conversar com elles é ter impressões absolutamente ineditas de moral, de philosophia e de religião.

— Mas essas colonias são brasileiras? indaguei do meu informante.

— Não. Ha colonias só de portuguezes como a de Santa Luzia e de Santo Christo, de portuguezes e brasileiros, como em Sepetiba, de italianos apenas, de brasileiros só. Uma série de nucleos ligados pela crença. São outros homens. Nascem de mais pescadoras, partejadas quasi sempre por curiosas, vivem nas praias, nunca as abandonam. Aos quatro annos nadam aos dez remam e acompanham os parentes ás pescarias, e assim passam a existencia, familiarizados apenas

com as redes, os petrechos de pesca e o calão, o pittoresco calão marítimo

O oceano imprime-lhes um cunho especial, são propriedades do mar. Nunca reparaste nos pescadores? Têm os pés diferentes de todos, uns pés contracteis que se crispam nas pranchas como os dos macacos; andam a bambolear, balouçando como um barco e a sua pelle lustrosa tem o macio grosso dos velludos. A alma dessa gente conserva-se ondeante, maravilhosa e simples.

— Mas os pescadores são christãos?

— Está claro. Mas christãos puros é difficil encontrar hoje, afóra os evangelistas e os syrios.

— Lembro-me da festa de Nossa Senhora, na Lapa.

— E' outra cousa.

— Vi em Santa Luzia a devoção de S. Pedro.

— Era promessa de um rapaz, que, por falta de meios não a continúa. Deixemos N. Senhora e S. Pedro. Fallo de um culto que emana no intimo respeito das ondas. Todos os pescadores das praias e das ilhas proximas festejam, sacrificam ao mar e têm um objecto especial de devoção. Não ha nenhum que não tema a Mãe d' Agua, a Sereia, os Tritões e que não respeite a Lua. Conheço tres manifestações desse culto. A Mãe d' Agua entre os pescadores de Santo Christo e de Santa Luzia, a da Lua e do Mar e a do Arco Ires.

— O arco-ires?

— Em Sepetiba. E' dos mais completos e dos mais bellos, tendo como sacerdote uma mulher...

O arco-ires, a adoração de um deus que se curva nas nuvens polychromo e vago, que ergue das ondas um facho de luzes brandas e desaparece, o terror daquillo que se desfaz, sem que se saiba como! Era uma phantasia! Mas os

cosmolatras inventam tanta cousa para perfumar a sua ignorancia que bem podia ser.

— Não ha duvidas, disse o meu amigo. O arco-ires, é uma antiquissima divindade, um annuncio dos céus. Lembra-te disso e acompanha-me.

Acompanhei-o, durante um inverno, muito humido e muito estrellado. Os pescadores têm um temor incalculavel da policia. Desde que um curioso apparece, guardam segredo das suas crenças e negam toda e qualquer coparticipação em religião que não seja a catholica. Como são primitivos e rudimentares, porém, a bondade que têm é fundamental, transforma-os e não ha nenhum que não acabe confiante e fallador, exaggerando para espantar os mysterios cosmologicos. Esses mysterios são de uma belleza delicada e antiga, de uma belleza de rhapsodos que relembra as fantasias scandinavas e helenas, um montão de lendas e de ritos enervantes. Ha nas praticas e nas idéas trechos de Hesiodo, de Christo e dos pretos minas e a gente afunda-se, quando os quer guardar, num banho de crystal batido pelo sol.

— Quasi sempre os directores das festas, os sarcedotes não são pescadores. Em Santo Christo é o padeiro Carvalho, homem de pösses, diz o meu amigo. Os sacrificios são feitos geralmente á noite.

Vamos os dous interrogar os pescadores. Essa gente teme a Mai d' Agua, tendo a longigua recordação de que ella apparece vestida de branco, seguida de homens barbados de verde. A apparição feminina grita de repente, apaga as luzes na barca, faz as cerrações, afasta os peixes, e as vezes canta.

— Como a Darclée ?

— Como as sereias meu caro. Os pescadores têm que

cahir no fundo da barca tapando os ouvidos. Ulysses amarrava-se...

Para aplacar a deusa do mar, ser impalpavel e lindo, os pescadores fazem o sacrificio de um carneiro. Matam o bicho á beira do oceano, o sangue cae numa cova aberta na areia. Depois partem canoas levando pedaços do animal com presentes que deixam cahir no fundo da bahia com uma oração votiva.

Um rapazola, lindo como o Apollo do Belveder, responde as nossas perguntas:

— Eu fui baptisado patrão.

— Mas sabe a historia da Mãe d' Agua ?

— Sei sim. Aqui, para Mãe d' Agua ser boa fazem-se despachos. Na ilha do Governador compram tudo do mais fino, põem a mesa á beira da praia, com talheres de prata, copos bonitos, a toalha alva e gallinhas sem cabeça, para a santa comer.

— Que differença ha entre Nossa Senhora e a Mãe d' Agua ? — indago interessado.

— Nossa Senhora está no céu. Mãe d' Agua é differente; é a devoção, é como um santo do Mar... E sopra-me na cara uma baforada de fumo máo.

O meu amigo, cheio de literatura, declama logo.

— Não comprehendes ! A agua é em toda a parte uma religião. O Nilo foi feito das lagrimas de Isis, o Ganges é o factor da crença da immortalidade, os gregos povoaram o mar de habitantes sagrados.

Lembra-te des aryas ao descer do planalto: — « ó mar, grande laboratorio !... » Laboratorio da vida da crença.

E leva-me a uma outra praia, a comprehender como tudo depende do mar e da lua. Elle conhecia um velho

pescador, José Belchior. O velho recebe-o com intimidade e conta-me o que pensa deste mundo. E' curiosissimō.

Para José o mar representa o homem, o principio activo. Por isso o mar é superior em tudo á terra, que como a mulher só serve para o descanso. O oceano circunda a terra num longo abraço. O mar sō soffre uma influencia, a da lua, que mostra a sua face de trinta em trinta dias e o faz inquieto e a arfar. N'ella mora Nossa Senhora com o seu filho, Jesus, e esse doce alampadario de ouro desencadeia os ventos, faz as tempestades, esconde os peixes, baixa as marés e guia as naves. Se Nossa Senhora quizesse, parava a lua quando ella vem cheia e tudo seria então magnifico. Como as cousas não são assim, fazem-se promessas, pede-se aos santos para interceder e, nas noites de luar fazem uma passeata em barcações com velas de cera accesas na mão e rezando baixinho.

Todas essas pequenas modalidades reúnem-se em Setpetiba no culto geral do Arco Iris. Ha festas de tres em tres mezes, despachos simples e uma grande solemnidade que já foi feita a 2 de fevereiro e actualmente se realisa em junho, no dia de S. Pedro.

Estive la nesse dia. A sacerdotisa é uma portugueza reforçada, que se chama Maria Mattos da Silva. Só são permittidos na festa pescadores e os pescadores vão de toda a parte ao culto singular. A casa de Maria da Silva fica mesmo no ponto dos bonds, e nos dias de festa está toda adornada de folbagens e galhardetes. Todos lavados e de roupas claras, a dona da da devoção manda buscar os negros feiti-csiros para preparar os *ebós* e fazer a matança dos animaes.

Ella propria deita as cartas para saber quem deve ir levar os sacrificios e os desejos subtis do Arco-Iris.

No interior da casa, onde ardem velas, é prohibida a entrada com excepção das que tomam parte nos sacrificios. Em frente os pescadores bebem, cantam e dansam o cate-retê. Se por acaso no céu se curvam as côres do spectro, prosternam-se todos radiosos clamando pelo milagre. O milagre porém, como todo o milagre, é raro.

Maria da Silva tem sempre a seu lado o coronel Rodrigues, velho guarda nacional, que com os pés mettidos em grossos tamancos, sentenciamaximas moraes para a assemblêa. Os pescadores que apanham na rede um boto levam-n'o á mulher do culto para preparo do azeite das festas sagradas.

Vou pela praia, alanhada por um vento algido. No céu apparecem nuvens, na areia descansam tres barcas enfeitadas. Um rapazola guarda-as, E' elle quem nos dá informações a respeito da gente que dança. Reina entre estas creaturas uma perfeita amoralidade. Como não ha barulhos graves, não se vai a policia. Conselhos dão os velhos. A mulher serve para procrear, obedece cegamente ao homem, cose, trabalha, é inferior. O macho domina. O respeito aos anciãos existe porque estes sabem das manhas dos peixes, annunciam as tempestades, ensinam. Quanto ao amor, deve ser muito diverso do nosso...

— E as festas, quem as faz ?

— Para as festas concorrem todos.

Das tres barcas que eu via, a primeira era para o Arco-Iris, a segunda para a Mãi d'agua e a terceira acompanharia as duas formando a trilogia, duas na frente e uma atrás.

O meu amigo, lembrando mythologias diversas, quiz saber a razão desse triangulo. O rapaz respondeu apenas :

— E' costume.

E' costume tambem pagar em todas as religiões. Tanto os feiticeiros, como os conductores das barcas recebem dinheiro. Os remadores pertencentes ao Arco-Iris têm seis mil réis, os da Mãe d'agua tres e os acompanhadores nove. A' noite, já no céu negro o crescente lunar, depois dos buzios e dos baralhos terem indicado os dias em que não se poderá pescar, começa o sacrificio.

Forçado a ficar de longe, embrulhado num paletot em que tiritava, vi sahir da casa da Maria uma theoria de camisolas brancas com as lanternas de azeite de boto na mão, acompanhando dous homens, um vestido de seda outro de setim.

O primeiro era o voga da canoa do Arco-Iris, o segundo ia dirigir a da Mãe d'Agua. As canoas foram arrastadas para o mar. Na do Arco-Iris iam os mais finos presentes com os despachos, na da Mãe d'Agua objectos caros e femininos. Quando as canoas partiram em direção ao Norte, levando aquelles estranhos remadores vestidos de morim branco, os que ficaram na praia levantaram os braços e a Maria da Silva, na turba, sorria como quem se desobriga de uma promessa sagrada.

— E ao voltarem, o que ha ? indaguei ao rapaz.

— Voltam de costas, de frente para o mar, entram assim em casa; os remadores, menos os do Arco-Iris, batem com a cabeça no chão, e a festa continúa.

— Mas que é o Arco Iris, afinal ?

O Arco Iris indica se a gente está bem com Deus. E' um aviso, o signal da união, o unico meio por que o mar se deixa ver... é a crença.

Olhei mais o oceano soluçante sob o vento algado.

As barcas todas accesas de luzes frouxas perdiam-se na phosphorecencia lunar ; os remadores cantavam e eu ouvia como a copla de uma barcarola nostalgica. Em frente da casa de Maria, o *cateretê* delirava e sombras de adolescentes desciam a praia ageis e finas.

A Maria, sentada, sorrindo, era indecifravel.

E para que decifral-a ? O seu culto era o culto de todas as épocas e de todos os homens. O mar continua a ser o grande mysterio. Para os espiritos simples que temem o diabo e guardam na alma crenças accumuladas, só a Lua com a imagem de Nossa Senhora póde explicar a angustia do mar e só as sete cores do arco do céo podem symbolisar o vago mysterio da união do oceano e do homem.

AS SACERDOTISAS DO FUTURO

O futuro é o deus vago e polymorpho que preside aos nossos destinos entre as estrellas, o incomprehensivel e assustador deus dos bohemios nas caravanas da Asia, a Força occulta, o perigo invisivel. Hugo e Alencar acreditavam nessa divindade, e não ha entre os deuses quem maior numero tenha de sacerdotes e de sacerdotizas.

Só os cultores do Futuro podem modificar a fatalidade, afastar a morte, sacudir o sacco de ouro da fortuna, soltar o riso da alegria na tristeza dos seculos. As sacerdotizas do Deus tremendo infestam a nossa cidade, tomam conta de todos os bairros, predizem a sorte aos ricos, compõem um mundo exotico e complexo de cartomantes, nigromantes, somnambulas videntes, chiromantes, graphologas, feiticeiras e bruxas.

Esse gente cura, salva, desfaz as desgraças, ergue o véo da fortuna, faz esperar, faz crer, vive em predio lindos, em tapéras, em casinholas — é o coujuncto das pithonisas modernas, as distribuidoras de oraculos. Em meio tão variado ha de haver ignorantes — a maioria — cartomantes que vêm nas cartas caminhos estreitos e caminhos largos e não sabem nem distribuir o baralho, somnambulas falsificadas, portuguezas e mulatas que se apropriam dos moldes dos africanos, e mulheres intelligentes que conversam e disputem.

Frequentei os templos do futuro. Só em uma semana visitei oitenta, encontrando-os sempre cheios de fieis. O kalendescopio allucinante das advinhas faz a vida livremente. Em algumas casas encontrei tres e quatro, gyrando sob uma unica firma.

Só na rua do Hospicio, por exemplo, ha cinco ou seis. Nos outros pontos conversei com Mme. Jorge da rua da Ajuda, a Liberata na rua da Alfandega, a Joanna Maria da Conceição na rua Figueira de Mello, a Amelia de Aragão a Luiza Barbada na rua Barão de S. Felix, a Amelia do Pedregulho, a Amelia Portugueza, a Candida, a Mme... da rua dos Arcos 4, a Ximenes na rua da Prainha 19, Maria de Jesus na rua Dr. Maciel 7, Castorina Pires em S. Diogo, a Amelia da rua do Lavradio, *donã* Martins na rua Mariz e Barros, a Alexandrina na rua da America, Mme. Herminie na rua Senador Pompeu, Maria Bahiana na rua do Costa, a Genovêva da rua do Visconde de Itauna, Dona Z... da rua da Imperatriz 15, a *Corcundinha* celebre advinha de actores e de reporters na deixa um ror infindavel. Todas falam do seu desinteresse exigindo dinheiro e algumas vendo o futuro nas mãos nem ao menos sabem as linhas essenciaes segundo o engraçadissimo Desbarolles. A observação nessas casinholas é incolor. Fica-se entre os feitiços dos minas e a magia medieva, numa athmosphera de burla.

Mas é lá possivel não acertar as vezes? A vida humana tem uma linha geral. Tanto amam as heroínas de Bourget como as lavadeiras, gosam e gostam de ser gosados os frequentadores da *haute-gomme* com os dançarinos dos beccos esconsos. As vidas têm uma parecença em bloco, uma uniformidade de sentimentos. Por mais ignorantes que sejam, as sacerdotisas tem o habito da observação, in-

dagam da vida antes, em conversa. Muitas chegam a perguntar :

— Vem por dôr ou por amor?

E como sabem perfeitamente quando se dirigem a um cavalheiro, a uma dama, ás *coccoltes* ou aos rufiões, as suas respostas acertam. E' um exercicio de attenção, antes de tudo, com scenarios, e pedido suggestivos. Uma dellas recebe velas de sebo, terminada a consulta ; outras, peças de chita. A turba dá-lhes dinheiro, e sussurra os seus segredos nos ouvidos dessa gente que são como abysmos de discreto silencio.

Na peregrinação pelos templos do Deus Futuro guardo como originaes uma casa de cartomancia na rua do Ouvidor entre as modistas do tom e a elegancia maxima, a Ceguinha vidente de rua da Misericordia, a Rosa que olha n'agua e é astrologa, Mme. de F. somnambula numa rua parallela á praia de Botafogo e a esquisita Mme. Mathilde do Cattete.

A Ceguinha tem a face macerada e é a exploração de quatro ou cinco. Vive numa cadeira, com os olhos cheios de pús. O grande Deus fez-lhe a treva em torno, para melhor ler a sorte dos outros nos meandros do céu. Dizem que os agentes do policia vão lá para saber o paradeiro dos gatunos e que os gatunos tambem vão a ver se escapam. Immovevel como um santo indiano á porta da immortalidade, a Ceguinha, com a mesma ductilidade desvenda-lhes o Futuro. A's vezes apparecem senhoras. A Ceguinha curva-se, e pinta o Destino com a mesma calma dolorosa.

A Rosa, com as fontes saltadas, o que em magia se chama cornos de Moysés, é um assombro de observação. Esse exemplar unico de astrolatria conhece mesmo algumas praticas antigas. Quando a fomos procurar, olhou-nos bem.

— Por que veio, se nunca acreditará ?

— Estou numa situação difficil.

— Ouça a voz de Deus.

— Mas a minha alma soffre.

— O homem tem muitas almas...

— Mas se posso saber o futuro n'agua ?

— A agua é onde se se miram os astros que tem a vida da gente.

— Como se consulta ?

— Vendo... Alguns astros de outr'ora não tem mais importancia hoje: outros receberam-lhe a força. Os meus horoscopos são certos; o Destino ordena-me. Mas eu so fallo com os homens que a dor faz tristes e crentes.

Mme. de F... esteve na Inglaterra; em estado natural discute o psychismo, e quando somnambulizada apparece numa tunica preta. Dizem que predisse os acontecimentos da nossa policia e prevê um futuro desagradavel da pendencia brasileira com o Perú. E' lugubre. A roda que a frequenta da-se como ultra chic.

Mme. Mathilde, a cartomante do high-life, já teve criados de casaca e possui uma linda galeria de quadros. De todos os templos, o dessa senhora é o mais excentrico. Mme. Mathilde, para os intimos a princeza Mathilde, é uma creatura que falla com vulubilidade.

Ha alguns annos foi a Paris, onde estudou com Papus e Mme. de Thèbes. Conhece a cartomancia, a telepathia, o sonambulismo, a metaphysica das estrellas, a chiromancia, cousas complicadas de que faz uma interessante confusão. Além de tudo isso, a princeza é critica de pintura e interessa-se pelo movimento universal. Quando me annunciei,

a agradável dama mandou illuminar o seu salão de visitas e entre as colchas japonezas, os quadros de valor, os *bibelots* do Oriente e as pelles de tigres, fez a sua apparição.

Vinha vestido de vermelho, um vestido de mangas perdidas, donde os seus braços surgiam côr de ouro, e vinha com ella a essencia capitosa de vinte frascos de perfume. Mme. Mathilde embalsamava. Deixou-se cahir num divan, passeou com as mãos pelo ar e disse :

— Estou cançadissima. Se não me mandasse dizer quem era, não o teria recebido. Symqathiso com o seu ser.

Curvei-me commovido.

— Não podia fallar das sacerdotizas do Futuro, sem ouvi-la.

— Já tem percorrido os templos do grande Deus ?

— Alguns. Visitei oitenta e ha para mais de duzentos,

— Ha templos de ouro, de prata, de cobre e de latão.

— Guardei para o fim o melhor.

— Meu caro, os verdadeiros templos do Futuro são de data recente entre nós. A sorte começou a ser descoberta aqui por negros da Africa imbecis e por ciganos exploradores. Depois appareceram as variações espiritas, os adivinhos que montavam casinholas receiosas, reunindo ao estudo das cartas a necessidade dos despachos africanos. Uma crednice! As verdadeiras sacerdotizas datam de pouco tempo, são de importação e auuunciam. Essas não se occultam mais e dão consultas claramente.

— Como em Pariz ?

— Como em Pariz. Não lhe fallo de Papus, de quatro ou cinco somnambulas de fama universal, mas apenas da minha illustre professora Mme. de Thebes. Mme. de Thebes em Pariz é uma necessidade mundana como o club, as *premières*, o *grand prix*.

Vai-se a Mme. de Thebes como se joga uma partida de boston. E' uma necessidade elegante. Mme. de Thebes tem hoje uma fortuna.

— E erra sempre.

— Nunca.

— E' sacerdotiza por vocação ?

— Sempre estudei as sciencias occultas por dilettantismo. Das sciencias occultas sahiram as sciencias exactas, disse um grande mestre. Desde criança amei a antiguidade, tive o desejo de remontar o Zoroastro, ao Zend-Avesta e aos Magos, com o prazer de descançar á beira do Nilo, de conhecer Plotino e os livros hermeticos.

Depois, sempre fui dotada de uma grande força nervosa. Uma vez, levando amigas á casa de uma somnambula, resolvi estudar os *trucs* das mercadoras e d'ahi a minha conversão.

N'esse momento, como a prophetisa ria, estendendo as mãos, vi-lhe na sinistra varios anneis complicados, e prendi-lhe os dedos, curioso das joias e da mão.

— Está vendo os meus anneis ? Este é africano, partido. Tem os signos do zodiaca—o tempo. Este outro guarda no fundo um beryllo, por onde se enxerga a alma. Naturalmente é descrente ?

— Sou filho de uma civilização muito parecida com a d'aquelle imperador que precavidamente levantava templo aos deuses desconhecidos. Ha em tudo alguma coisa a temer—o inexplicavel. A historia é uma affirmação de oraculos, de somnambulismo de predicções....

Eu guardara com religião a mão da pithonisa, Mme. Mathilde, porém, ergue-se, agitando os seus perfumes.

— E não teme ? e não lhe parece suggestivo este interior ? Não receia que d'aquelle canto escuro surjam phantasmas

mas, que, agarrando a sua mão, leia n'essas linhas a desgraça irremediavel ?

— Se for assim, disse docemente, que se ha de fazer ? E' a vontade do Futuro...

— Pois meu caro, pode ter a certeza de que não somos só as sacerdotisas do terrivel Destino, somos as Consoladoras, a Theoria do Bem, as Soffredoras da Illusão. Não sorria.

Sem nós, que seria das cidades? Os senhores andam á cata do documento humano. Nós temos á mão, todos os dias, as tragedias, os dramas e as comedias de que se faz o mundo. A' nossa casa vêm as mulheres ciumentas, os que desejam a morte e os que desejam amor. Os adulterios, os crimes, os remorsos, a luxuria, as vergonhas fervilham. Nós consolamos.

Diariamente, nas casas de que tomou o numero para indical-as á policia, encontram-se os conquistadores, os homens bem vestidos de que a policia ignora os meios de vida; os senadores, os deputados. as pessoas notaveis, as atrizes, as *cocottes*, as senhoras casadas, os imbecis propondo cousas indecorosas e as almas dolorisadas.

Nós a todos damos o favo da illusão... Quando morre meu pai? Meu marido abandona-me! Será minha a mulher de Sicrano? Fulana é fiel? Realisa-se o negocio? E nós aquietamos os instinctos com o lenitivo do bem. Ainda ha pouco tempo, entrou por esta sala uma menina em prantos. Era domingo. Não deito cartas aos domingos.

Neguei-me. Soluçou, pediu, ajoelhou. Logo que a vi, percebendo a sua agitação, espalhei as cartas ao acaso. A menina vai commetter um desatino! Ella olhou-me espantada. Sim, ia dalli suicidar-se, porque a abandonara o amante, gravida e sem trabalho. Fiz as cartas dizerem que o amante voltava e a pequena não morreu.

— Cartas salvadoras!

— Dias antes apparecera um marido a interrogar-me a respeito do seu *ménage*, derruido por incompatibilidade de genios. Ella escrevia-lhe cartas pedindo para voltar. Que devo fazer? Voltar! Mas teve amantes! E' boa. Abandonada sem saber trabalhar e sem recursos queria o senhor que a pobre morresse? Depois foi-lhe o Sr. fiel? Não! Era lá possivel a ella deixar de ter um amante...

— Ou mesmo dous?

— Ou tres, não vai ao caso. Elle reflectiu e vivem os dous bem. Quantos desmandos evitamos, quantas desgraças quantos escandalos! Recorda a historia do oraculo de Delphos? E' a historia da prudencia, de ser ambiguo para não se enganar. A nossa é muito mais difficil.

— Mente com franqueza.

— Diz verdades e consola. Muitas das minhas clientes vêm aqui apenas como um consolo. Contam as maguas e vão-se.

— Que trabalho deve ter!

— Faço experiencias até altas horas com o meu criado Julio, e vou ás estalagens, aos cortiços, ler gratis nas mãos dos pobres. Não imagina como sou recebida!

Deito cartas, leio nas mãs. E' o estudo em que procedo sem perguntar para ter a certeza. E é certo! Adivinho cousas de ha quatro e cinco annos passados, chego a descrever as roupas das pessoas distantes e prevejo. A previsão é de resto uma faculdade que desenvolvi.

— E' feliz?

— Tudo quanto quero faço.

— Tem talvez a alma de algum magico antigo...

Mme. Mathilde recostou o seu corpo elegante.

— Não : tive tres vidas apenas. Da primeira fui physico, da segunda advogado e na terceira odalisca. . . .

Oh ! mysterio ! A sacerdotisa possuia o saber dos physicos, fallava como um advogado e naquelle momento-tinha a inebriante doçura das odaliscas.

Peguei-lhe a mão e disse baixinho :

— Já um occultista me affirmou que fui Nero e depois Ponce de Leon. . . .

Ella riu um riso perlado.

— Ponce attrahido pelo mysterio das mãos.

— Pela belleza. . . .

— Todos nós temos a attracção das mãos. A mão é um resumo do Céu. Cada astro tem a sua parte. Jupiter é o index, Saturno o medio, o Sol o annular, Mercurio Hermés o minimo. A Lua tem a região do Sul, Marte todo o meio, onde se dão os combates da vida e Venus o grande monte.

— E' este o mais trabalhoso ?

— Quasi sempre.

Ergui-me, e vi numa outra sala forrada de esteiras da India, um oratorio onde ardiam lamparinas. Os santos, sob o halo de luz, que a sciencia explica pelos raios *n*, como o esforço da attenção—tinham um olharzinho redondo e inexpressivo. Que diriam os coitados, santo Deus do Futuro ?

— Neste meio de adivinhas, chiromantes e somnambulas é melhor ser impassivel, dizia Mme. Mathilde. A's vezes protegem amores, são casas ambiguas.

— Mas as suas experiencias ?

— Pratico o somnambulismo como as cartas, a telepathia e a chiromancia, indo directamente á alma, a alma que nós temos no fundo. Tudo é dominio. As ultimas experiencias do meu dominio tive-as com o conhecido pintor Helios Seel-

linger. Curei-o uma vez com agua magnetisada. Desde então dizia-lhes: ás 2 horas de tal dia o senhor soffrerá um choque. Era tal qual. Noutra dia soffria o choque. Fui eu de resto que lhe desvendei o futuro e a sorte nas mãos.

— E a transmissão do pensamento?

— Já em Botafogo transmitti idéas a creaturas no Engenho Novo. Conhecem essas experiencias poetas como Luiz Edmundo, o padre Severiano de Rezende, pintores como Amoedo. A minha amiga D. Adelina Lopes Vieira tambem as conhece.

Lembrei-me então que Mme. Mathilde era tambem litterata.

— Mas as cartas?

— Quer vel-as?

Tocou o tympano, appareceu um pequeno loiro com um sarcophago de prata em relevo. Mme, Mathilde — a princeza para os intimos — abriu-o com cuidado, e de dentro numa sombria apotheose de oiros e cores, as cartas do *tarot*, a *papesse*, o doido, o az de oiro, o enforcado, o *bateleur* escamoteador surgiram tenebrosamente.

Mãos estendiam moedas d'oiro, o oiro scintillava, em altos montes figuras sinistras appareciam. E estava alli a consolação universal, a consolação dos pobres e dos potentados! Nas mãos delicadas da feiticeira ultimo grito rolava numa serie de illuminuras a miragem enganadora do Futuro. Ella estendia as cartas nas luzes e eu recordava a origem antiga dessa doce illusão, a vinda dos Bohemios.

— Quem sois vós?

— Sou o duque do Egypto e venho com os condes e barões.

— Quem vos traz ?

— A que precede o nosso cortejo e lê nos livros coloridos de Hermés o destino do mundo, a rainha das Kabbalas, a sublime senhora do fogo e do metal ! E em frente á multidão abriam o *tarot* como quem rasga o céu, o consolo infinito dos bohemios.

Eu estava alli como os camponeses da época de Carlos VI diante da senhora do metal, — apenas, tanto a rainha como eu, um tanto mais descrentes.

Então curvei-me, depuz o beijo que ha muito sentia nos labios, o beijo da devoção, na sua mão perfumada.

— Como em Paris ! — fez ella, deixando que os meus labios roçassem a extremidade dos seus dedos.

— Como na hora de sempre, murmurei, o Medo, diante do Futuro.

O povo maronita, dizia o papa Benedicto, é como uma flor entre os espinhos. E como o pontifice notavel tinha esta doce phrase para pintar os homens do monte Libano, outros pontifices guardaram tão perfumada imagem e hoje, quando se fala dos maronitas, logo se recorda a flor e os espinhos antigos. Tudo, porém, neste mundo tem o vinco fatal do destino. A phrase dos papas tornou-se prophetica e através a vida immensa os de Marum continuam a perfumar a crença impolluta entre os espinhos das hostilidades.

Os maronitas, gente extremamente religiosa, habitam a Syria e descendem dos Aramilas, filhos de Aram, de Sem, de Nôe. Ascendencia tão digna de respeito só os preparou para um longo e pungente soffrer. Desde os tempos dos Apostolos, dizem os Actos no versiculo 22 do capitulo XV, eram christãos, conservando a fé orthodoxa havida de principe dos Apostolos no anno 38 da era de Jesus Christo. Quando no quarto seculo começaram a apparecer no Oriente as heresias e as doutrinas falsas, protegidas pelos soberanos coroados de pedrarias, impostas pelos armas, e a fé e a soberania ao mesmo tempo vacillavam, S. Marun, chefe dos eremitas da Syria, sahiu de sua toca de cilicios e orações veiu salvar-os.

— Quem é esse homem de grandes barbas, meio roto?

indagavam os homens vendo a figura resurgida do santo sem peccado.

S. Marun não respondia; seguia pelas estradas cheias de sol, na atmospheria de milagre do azul sem mancha e pré-gava a doutrina pura, exhortava o povo a conservar a sua verdadeira fé.

—Acredita sempre em Deus, tal qual te ensinaram os Apostolos, e conservarás a tua liberdade!

A gente que dos seus labios ouvia as palavras unguidas pela meditação continua seguia-o num novo resplendor de crença, em cada coração a esperança brotava e em pouco tempo o povo da provincia do monte Libano era chamado de maronita. Os heresiarcas quizeram calumniar-o mas Marun era puro como o crystal, S. João Chrysostomo, o *bocca d'oiro*, na carta que lhe escrevia, rogava que por elle orasse, e a ironia como a calumnia fenderam-se de encontro ao seu broquel de bondade.

Quando a sua alma irradiou, deixando o involucro terreno, o povo maronita tinha inabalavel a crença para suportar todas as sangrentas perseguições, e tem sido desde então o mesmo ordeiro e persistente auxiliar da obra divina.

Durante as cruzadas combateu ao lado dos christãos contra os impios. Ao approximarem-se os exercitos, desciam da montanha, alimentavam e vestiam os cruzados nus e com fome. Sempre que os turcos entravam sedentos de sangue pelo seu territorio, soffriam como martyres o sacrificio e não protestavam. O odio do Mahometano seguia-os, entretanto, na vida simples e indolente dos mosteiros. Em 1860 os druzos, povo pagão e feroz, recordando velhos odios religiosos, atiraram-se subitamente sobre os pobres maronitas, trahidos e abandonados.

A carnificina foi horrenda. A França então, sempre benevolente para os christãos do Oriente, mandou uma esquadra ás aguas do Levante, forçando o Turco a modificar o governo do Libano e a dar-lhe uma certa autonomia. Desde essa época o governo é christão, nomeado pelas sete grandes potencias européas, a camara dos representantes faz-se por eleição livre e o chefe da policia deve ser christão. O chefe da policia em todos os povos do Oriente representa um papel formidavel.

Extremamente religiosos, os maronitas dependem civil, militar e religiosamente, em qualquer parte em que se achem, dos sacerdotes e a hierarchia da sua igreja compõe-se de um prelado, com o titulo de Patriarcha de Antiochia e de todo o Oriente, de doze bispos directores de doze dioceses e de um numero infindavel de sacerdotes intelligentes e bons.

A intervenção européa, entretanto, espalhou pelo mundo a flor pontificia. A emigração esvazia aos poucos o Libano. Não se póde viver com farturas em terras tão antigas, as auctoridades conservam a influencia aterradora do Sultão. Os que primeiro sahiram, com os orthodoxos e outros cren-tes de Jesus, escreveram chamando os que ficavam, a per- spicácia mahometana facilitou a emigração para enfraquecer os libertos da sua prepotencia e os maronitas vão para os Estados Unidos, para a Argentina, para o Brasil, num lento éxodo...

Nós temos uma consideravel petala da celebrada flor. Uma das nossas maiores colonias hoje é incontestavelmente a colonia syria. Ha oitenta mil syrios no Brasil, dos quaes cincoenta mil maronitas. Só o Rio de Janeiro possui para mais de cinco mil.

Quando os primeiros appareceram aqui, ha cerca de

vinte annos, o povo julgava-os antropophagos, hostilisava-os e na provincia muitos fugiram corridos á pedra. Até hoje quasi ninguem os separa desse qualificativo geral e deprimemente de turcos. Elles, todos os que apparecem, são turcos!

Os syrios, arrastados na sua immensa necessidade de amisade e amparo, davam com a muralha de uma lingua estranha, num paiz que os não supportava. Agremiaram-se, fizeram vida á parte e, como a colonia augmentava, foram por ahi, mascates a credito, fiando a toda a gente, montaram botequins, armarinhos, fizeram-se negociantes. Quem os amparou? Ninguem! Só, por um acaso, Ferreira de Araujo, o Mestre admiravel, escreveu defendendo-os. Os sacerdotes maronitas respeitam-lhe a memoria, e na data da sua morte rezam-lhe missas por alma, guardando delicadamente uma gratidão duradoura.

No mais, a hostilidade, os espinhos da phrase papal.

Ha nessa gente operarios habéis, medicos, doutores, gente instruida que discute com clareza questões de politica internacional, jornalistas e oradores. A vida é dura, porém, e jornalistas e doutores vendem alfinetes e linhas em casas pouco claras da rua da Alfandega, do Senhor dos Passos, do Nuncio e dos suburbios. A totalidade ainda ignora o portuguez.

Conversei com alguns maronitas, sempre de uma amabilidade penetrante. Um delles, dando-me a satisfação da sua prosa torrencial, fallou como um estrategista da guerra russo-japoneza. Esse homem não fallava, redigia um artigo de jornal com a rhetorica empolada que fez a delicia dos nossos pais e ainda hoje é a força do jornalismo dogmatico. Eu ouvia-o de labios entreabertos.

—Se a justiça de Deus não desapareceu, se a vida humana decorre dos desejos da divindade, é possível crer que os japonezes possam vencer?

—Oh! não!

Eu dissera, como no theatro, a phrase, mas estava interessado por esses organismos simples, creados na chamma de uma crença inabalavel, desses romanticos do Oriente.

Todos são feitos de exaggero, de enthusiasmo, de amor e de illusão. Os dous jornaes syrios têm entre nós os titulos symbolicos e extremos:—*A Justiça, A Razão*.

Os homens naturalmente perdem o limite do natural. Numa outra casa em que sou recebido, um gordo cavalheiro preoccupa-se com o problema da colonisação.

— A colonisação syria, diz, é a melhor para o Brasil. Os brasileiros ainda não a comprehenderam. O syrio não é só o commerciante é tambem agricultor, operario. Desprezam-nos? Este paiz não vê que comnosco, povo tranquillo e docil, não poderia haver complicações diplomaticas? Os hespanhóes, os portuguezes, os italianos enriquecem, partem, pedem indemnisações. Nós, pobres de nós! não pedimos nada, queremos ser apenas do Brasil.

Não respondo. Talvez bem cedo os syrios sejam assimilados á familia heterogenea da nossa patria. Estas creaturas têm qualidades muito parecidas com as dos brasileiros.

Varios negociantes que commigo discutem—porque os syrios discutem sempre; são como jornaes rhetoricos e brandos—diziam naturalmente:

— No Amazonas perdi ha pouco 400 contos. A colonia syria teve na baixa do café um prejuizo de 70 mil contos. As ultimas remessas de fazendas elevam-se a 200 contos.

A principio eu os acreditei um bando de Vanderbildts,

fallando com desprendimento do ouro e das riquezas. Mas não. Um sacerdote amigo nos desfaz o sonho. Ha fortunas restrictas. A totalidade porém tem relações com o alto commercio, compra a credito para vender a credito aos mercadores ambulantes do interior e ás vezes a situação complica-se, quando lhes falta o pagamento dos ultimos, tudo por causa do exaggero, pela mania de apparentar riqueza. Cada cerebro oriental tem um Potosi nas circumvoluções.

-- Os syrios chegam, ganham dous mil réis por dia e já estão contentes. Nunca serão verdadeiramente ricos porque apparentam ter oito quando apenas têm dous.

Este feitio os ha de fazer comprehendidos dos brasileiros.

Mas os maronitas, sob a protecção do velho santo austero são essencialmente bons, de uma bondade á flor da pelle, que se desfaz em gentilezas ao primeiro contacto como um *bonbon*. Os homens fallam sempre, as mulheres olham com os seus liquidos olhos insondaveis e por todas essas casas ha, inseparavel da vida, o mysterio da religião, no amor que as mulheres, algumas ineffavelmente bellas, proporcionam, nos negocios, nas idéas e nas refeições. Quando um maronita enferma, a primeira cousa que faz é chamar um padre para se confessar; quando um negocio vai mal, aconselha-se com o sacerdote, só casa pelo seu rito, o unico verdadeiro, e trabalhando para viver, funda irmandades, collegios e, pensa em edificar capellas.

De 1900 data a fundação da Irmandade Maronita, posterior a outras duas que se desfizeram. Foram socios fundadores: Dieb Aical, Arsanius Mandur, Galep Toyam, Seba reodP Curi, Miguel Carmo, Acle Miguel, João Facad, Antonio Nicoláo, Antonio Kairur, Bichara Bueri, Gabriel Ranie,

Salbab, José Chalhub e Bichara Duer. Brevemente abrirá as suas portas o collegio dos Jovens Syrios.

Apezar da permissão para dizer missa em todas as igrejas catholicas e de celebrarem aos domingos na Saúde e em Cascadura, já compraram o terreno na rua do Senhor dos Passos para edificar a capella maronita, e a propaganda se faz mesmo entre os syrios orthodoxos e mahometanos, porque uma ordem do Papa lhes indica que pela bondade façam voltar á crença unica as ovelhas tresmalhadas.

Actualmente ha tres padres maronitas em S. Paulo e quatro no Rio, os Revs. Pedro Abigaedi, Ledro Zaghi, Luiz Trah e Luiz Chidiak. Andam todos de barba cerrada, usam oculos e são suavemente eruditos. Trah, por exemplo, esteve oito annos na Belgica e discursa como um regato tranquillo; Chidiak é professor, e cada palavra sua vem repassada de doçura.

E' sabido que a reconciliação dos maronitas com a igreja romana data de 1182. A reconciliação foi incompleta a principio, mas hoje é quasi integral. Os padres, podendo casar, abandonam essa idéa; ha o maior respeito pelo Summo Pontífice, e a politica do Vaticano consegue aos poucos outras refórmias.

Como os padres me levassem a ver o terreno donde a igreja maronitá surgirá, interroguei-os a respeito do rito da sua seita.

— E' quasi identico ao romano, dizem-me. A liturgia é redigida em syriaco. E' uma necessidade. Ha syrios que sabem de cór o sacrificio da missa. Talvez o mesmo não aconteça numa igreja romana, que conserva o latim.

— A começar pelos sacristães.



— Ha além disso as missas privadas, a regra é a de Santo Antonio e seguimos o martyrologio de S. Marun.

— Dizem que os maronitas foram a principio monothelitas...

— Dizem tanta cousa no mundo!

Elles tinham parado diante de uns velhos muros.

— Será aqui a igreja?

— Querendo Deus!

E não sei porque, vendo-os tão simples diante das paredes carcomidas, esses sacerdotes de um povo religiosamente bom, eu recordei a phrase prophetica dos papas. O povo maronita é como uma flor entre espinhos, mas uma flor cujo viço é eterno. Os espinhos continuam persistentes mas a velha flor espalha-se pelo mundo, rescendendo a mais doce ternura e a mais profunda crença.

OS PHYSIOLATRAS

Quando resolvi interrogar o *hierophante* Magnus Sondhal sabia da physiolatria o que os proselytos deixavam entrever em artigos de jornal cheios de nomes arrevezados e nos communicados nos copiosos communicados trazidos aos diarios por homens apressados e radiantes. Pelos artigos ficara imaginando a physiolatria um conjuncto de positivismo, occultismo e socialismo; pelos communicados vira que os physiolatras, quasi todos doutores, creavam cooperativas e academias. Entretanto o Sr. Magnus Sondhal certa vez á porta de um café definira para meu espanto a sua religião.

—A physiolatria não é um culto no sentido vulgar da palavra, mas uma verdadeira cultura mental. E', antes, a systematisação racional do processo espontaneo da educação dos seres vivos, donde resultaram todas as aptidões, mesmo physicas e physiologicas, respectivamente adquiridas.

Fuz as mãos na cabeça assombrado. Magnus tossiu, re- virou os olhos azues.

—A physiolatria baseia-se como toda a reforma socio- cratico-libertaria na systematisação da logica universal ou natural que o *hierophante* + SUN intitula de orthologia.

—Orthologia? fiz sem comprehender.

—Do grego *orthos*, *logos*— recta razão.

A religião também é chamada ortholatria, ou verdadeira cultura, como orthodoxia significa verdadeira doutrina. Os physiolatras pretendem fazer uma remodelação de todas as cousas humanas, não limitando a sua acção á modificação dos conceitos.

— Mas o Remodelamento geral é possível?

Sondhal sorriu com calma :

— Nós somos omnibondosos, omniscientes e omnipotentes.

— Os attributos de Deus!

— Nós nos intitulamos os verdadeiros deuses. A reforma abrange as opiniões, os costumes, o Homem e a propria Terra.

Arregalei os olhos, puz o pé bem firme no chão, passei o lenço tremulo na frente e olhei os verdadeiros deuses. Para o que fallava, envolto na sobrecasaca, com uma barbinha rala e o nariz ao vento, escavoquei a religião do ideal divino e não lhe achei comparação. O outro torcia um bigode sensual por cima do labio rosado.

— Com que então deuses? Dera-me de repente a vontade de ser também omnisciente e omnipotente. — Mas que é preciso para eu ser também?

— A propaganda toma um cunho secreto. Os aspirantes á Orthologia têm de passar pela iniciação esoterica, que custa, além das provas moraes, quinhentos mil réis em moeda corrente.

Era relativamente barato e eu pensava em fazer uma redução shylockeana, quando Magnus começou a desdobrar a belleza util da vida physiolatra.

A iniciação dá entrada na Universidade Orthologica resumida no *hierophante*, a qual se intitula Maçonaria+Catho-

lica. A Maçonaria catholica divide-se em lojas, cujo conjunto, em tres grãos, constitue o respectivo templo. Os aspirantes representam as lojas, o templo só pode ser representado pelo *hierophante* ou por um *arcopagila*.

— Onde esse templo?

— Os physiolatras, os que praticam a magia orthologica não precisam de local determinado. São os novos homens, fazem excursões pelos prados, montes e lagos em Fraterias Estheticas, Philosophicas ou Orthologicas, conforme o grão dos *ludambulos*.

— *Ludambulos*?

— Uma palavra da lingua universal!

— O *volapuck*? O *esperanto*?

— Não, uma lingua inventada por mim, o *Al-tá*.

— Mas que vem a ser o *Al-tá*?

— Applicando a Orthologia (ou Logica Universal) aos factos da Linguagem, verifica-se que os elementos phoneticos, sons e intonações (ou consoantes e vogaes) são por toda a parte identicos. Deduz-se que são oriundos das mesmas impressões e resultantes das mesmas aptidões expressio-naes. Collocando em *synese*, descobre-se que os *sons*, que exprimem *relações*, fórmam uma escala semitonal, como a da musica, e composta de *trese notas*, ou graves *primarias* como todas as escalas, aliás:— **U** (grave fundamental) **A** (dominante e geratriz) e **I** (sensivel superior) estabelecem todas as relações synésicas:

U	A	I (e U)
Gênese	Mégaphorêma	Metaphorêma
Origem	Crescimento	Transformação

Passado	Presente	Futuro
Corpo	Espaço	Movimento
Sentir	Pensar	Agir
Oppressão	Libertação	Aspiração
Escuro	Amarelo	Rubro e Branco
etc.	etc.	etc.

Quanto ás Intonações, essas formam tres *teclas*, donde tres escalas, tambem, analogicas mas distinctas :

II (geratriz)

Tecla guttural	Tecla dental	Tecla labial
K (Chave)	T (Chave)	P (Chave)
G (guê)	D	B
Ch	R	F
J	r (brando)	V
·	L	·
·	Lh	·
·	S	·
·	Z	·
·	N	M
·	Nh	·

Applicando a Synése orthologica ás Teclas oraes, como se fez relativamente aos Sons, temos :

Tecla guttural	Tecla dental	Tecla labial
Gênese	Mégaphorêma	Métaphorêma
Objectivo	Subjectivo	Activo
Eidonomia	Eimologia	Ergonomia
		e
		Erostergia

Detalhando, emfim, o valor fraccional dos phonêmas em geral, obtem-se, por deducção logica, a *expressão natural*;— de qualquer especie de impressão :—sensacional, emocional ou accional... e a *Lingua Universal* está, emfim, *racionalmente* instituida.



Exemplo perfunctorio :

K é a raiz de *Corpo, concreto, etc.*

A significa o *actual e acção,*

d'onde :

Activo : **K A**—o Corpo que se apresenta e se móve.

e

Passivo : **A K**—o Corpo que é impellido ou soffre a acção.

M é o symbolo do sentir e agir,

donde :

Passivo : **A M**—*Eu=amo=sou...*

e

Activo : **M A**—*Meu=mover=mãe, mulher... crear.*

Eu não o comprehendera muito bem. não comprehendera mesmo nada. Magnus Sondhal porém foi intimo e educador.

— Vou dar-lhe alguns nomes esotericos dos iniciados da Maçonaria Catholica. Sobem a milhares, além de alguns que foram condemnados ao olvido, ao *au-tá...*

Fez uma pausa, depois como quem se confessa :

— Eu devo dizer *esotéricamente*, o *espirito* que preside á Propaganda da Razão. A minha *emancipação* de Orthólogo, vai a um extremo inaccessible para a totalidade dos homens coévos. Por isso, tudo que eu faço toma o aspecto jóco-serio, desde o debóche até o sagrado, desde a *Orgia* até o Culto da Natureza!... De facto estou exterminando pelo ridiculo todas as velhas e caducas crenças e instituições e todos os preconceitos, mesmo scientificos e philosophicos! Em mim a Consciencia superior, a dignidade e a nobreza destruíram por completo toda especie de Veneração, Respeito ou Tolerancia!... Mas, voltemos aos nomes *esotéricos*.

Todo Iniciado na Maçonaria Catholica toma um *Nome*, por sua propria escolha, em substituição ao nome, sem sentido, que lhe deram seus pais *Gorilhas*. Esse novo Nome é a synthese de seu verdadeiro *Ideal* ou *Aspiração superior para o Progresso*. Em torno desse novo Symbolo o Iniciado constróe a sua nova Existencia Subjectiva, isto é, o seu KARMA. Quem souber identificar-se com o seu Nome de *Regenerado*, está, *ipso facto*, isento de toda e qualquer perturbação subjectiva, causada habitualmente pelos ataques malevolos da Canalha humana. Mas a *adopção* voluntaria do novo Nome é, além disso, um acto bellamente revolucionario, e um protesto solemne contra todas as velharias e convenções hypocritas e perversivas. Quem *escolheu o seu proprio* NOME, tambem rompeu, *ipso facto*, com todas as Imposições e Imposturas que tendan a tyrannizar a sua Vontade e tolher a sua Liberdade de Individuo!... Mil outros motivos ha que advogam esse *Rito da Adopção*.

— Os nomes esotericos! supliquei, vendo que se eternisava num mysterioso fallar.

Elle sentou-se com um papel e um lapis.

— Antes de tudo, é preciso conhecer o schema da figura da Lei Universal, ou Cyclo da Materia, donde se deduz a Orthologia, ou a Sabedoria Universal.

Diante daquelle lapis hostile, tremi.

— Os nomes sem figuras, Magnus.

Elle coçou a ponta do nariz.

— Eil-os :

SUN, nome do Hierophante (+) actual; Significa : —
Sol no NADIR, ou *Sol posto* e, por extensão,
Luz Invisivel, isto é, *Sol subjectivo*.

Etymologia : —S... symbolo de *Fonte* e de *Brilho* em sua maxima intensidade e, portanto, symbolo de SOL;—N... symbolo de infinito e indefinido, de espaço e de espirito, portanto : *num ponto indefinido do Espaço*. A quer dizer : —presente, ou visivel, donde SAN—*Sol acima do horizonte visual*. I significa o que está para vir e o que sóbe, donde SIN—*o Sol que vai nascer ou nascituro*. U quer dizer o que está embaixo, donde —SUN *o Sol no Nadir*.

BLUM-SAN-UR—*A Flor que o Sol gerou*. Nome de um Areopagita, cujo symbolo é a cruz.

AM-VA—*Viver para o Amor*. Nome de outro Areopagita, em S. Paulo.

UN-AN—*O espirito de Origem, engerador*. Nome de outro Areopagita, em Minas.

GVAM-IL.—*Viver, Amar e ser Livre*. Nome de um iniciado do 2º gráo.

AL-GAI—*Aquelle que quer que todos folguem*. Nome de um scientista bom e intelligente. Iniciado do 2º gráo.

VAR-UN—*A vida que palpita imperceptivelmente no seio da Materia*. Nome de um distincto iniciado do 1º gráo.

SIR-US—*O Filho da Aurora Boreal*. Nome de um companheiro dedicadissimo que propulsionou a Propaganda da Razão no Estado do Paraná.

GAM-AR—*Aquelle que vai alegrar-se e folgar agindo com enthusiasmo pela Regeneração Humana*.

Um instante calámo-nos. O *hierophante*. Sum, limpava o suor. Mas dentro em pouco continuou a fallar.

— Temos, disse, idealizados quatro templos para serem erigidos no centro de cada uma das quatro partes em que

dividimos a terra. Os templos chamam-se os templos da Razão.

Tambem em épocas que todos chamam das grandes transformações os homens deram templos á Razão encarnada...

—Ha muita gente iniciada? indaguei, afundando em amargas comparações historicas.

—Muita. Só agora, porém, é que a iniciação deixou de ser gratis. Não imagina como progredimos.

Ha quatro ou cinco annos que em Minas Geraes se fazem festas sociolaticas. As peripatéas ou excursões cultuaes são communs em todos os Estados, *maximé* no Paraná.

—E aqui?

—Vamos **entre** as arvores discutindo e conversando...

Platão! Aristoteles! Jesus! Dellile! Procurei acalmar o meu estado nervoso. Assistira á missa negra, vivera entre os negros *orixalás*, que sobre *o pelé* dizem a vida da gente, ouvira os espiritas, os occûitistas, os gnosticos catholicos. Essa reforma desorganisava-me.

—Mas isso tudo foi inventado pelo senhor?

—Foi.

—E desde quando pensa na reforma.

Desde a idade de cinco annos, em que aprendi a ler sósinho. Só porém em 1884 é que cheguei aos resultados praticos em Cataguazes.

—E' brasileiro?

—Descendente de islandezes, os verdadeiross descobridores da America.

Recolhi meditando a questão. Aquelle homem que aprendera a ler com tenções de reformar a sociedade, á orthologia,

as peripatéas, a reforma da terra—tudo isso assustava. Reflecti entretanto. Magnus era um vasto saber, calmo e pratico, formado em Kabala, tendo viajado o mundo inteiro.

Se apenas nessa qualidade dissesse ter inventado o motu-continuo nas azas das borboletas, eu, deplorando-o, leval-o-ia ao hospicio. Mas Sondhal inventara uma religião, a religião que é o balsamo das almas, uma religião brasileira, e como Jesus á beira do lago Tiberiade, ensinava aos iniciados á beira da lagôa Rodrigo de Freitas e da lagôa dos Patos. Era mais um propheta, venerei-o, e assim fazendo quiz saber quem commigo o venerava. A physiolatria é uma religião de doutores ; numa lista de 200 orthologos, sessenta por cento são bachareis.

As listas são feitas com pompa, e em cada uma eu li : — Drs. Toledo de Loyola, Tavares Bastos, Jango Fischer, Flavio de Moura, Luiz Caetano de Oliveira, Antonio Ribeiro da Silva Braga, Adolpho Gomes de Albuquerque, Floripes Rosas Junior, José Vicente Valentim, Ulysses Faro, Barbosa Rodrigues Junior... Uma série interminavel de bachareis !

Tantos doutores devem assegurar a doutrina doutissima. Fui então procurar o *hierophante* no seu templo, que tem percorrido varias casas na Cidadé Nova. Magnus Sondhal recebeu-me com o seu inalteravel sorriso e o seu inalteravel *pince-nez*.

—Ha tantos doutores na sua religião, *hierophante*, que eu a considero.

—Pois, *ergonte*, uma das idéas da minha religião é acabar com os doutores !

Sentámo-nos divinamente e eu o interroguei :

—A sua religião tem qualquer cousa de positivismo ?

—Fui apóstolo da Humanidade seis annos. Só depois é que comecei a propaganda da União Universal, a principio com um philosopho dinamarquez, depois com os Drs. Adolpho de Albuquerque, Silva Braga e outros Areopagitas. A physiolatria transforma as palavras e expressões das outras linguas, transformando as instituições humanas existentes e inexistentes em factos positivos. Os phenomenos sobrenaturaes tornam-se até sensiveis.

—A reforma é então geral?

—Até no vestuario. Acredita o senhor que no futuro continuaremos a usar sobrecasaca? Pois, não!

As roupas dos *ergontes* serão determinadas pelas estações do anno com um cunho symbolico e as cores tiradas da figura universal. No verão, por exemplo, 1ª estação, *macro-phísica* e que representa o dia da vida, usar-se-ão as tres cores fundamentaes; no outono, 2ª estação, a tarde da vida, cores sombrias; no inverno, 3ª estação, *microphisição*, a noite da vida, roupas negras, e na primavera, a 4ª estação, roupas brancas para corresponder ao albor da existencia...

—Muito poetico. As nossas casacas passarão a ser empregadas apenas nos bailes de mascaras, como fantasias de gosto. Tambem, que seria do vestido de Maria Stuart se não fosse o Carnaval? Consolemo-nos com a homenagem dos futuros *ergontes*!

Emquanto essas loucuras eram ditas, Magnus Sondhal sorria.

—Uma religião tão nova deve ter o seu culto especial.

—Tem, com effeito: o *kratu*, ou culto publico, é a *magia*, ou culto intimo.

O *Kratu* tem um quadro synpótico.

Eil-o:

Karma

(Ou :—a Creação ou Transformação Eterna, geradas e contempladas pelo AMOR).

KOSMOS	ONTOS	ETHOS e ESTHETOS
EIDONOMIA e EIMOLOGIA		ERGONOMIA e EROSTERGIA
1° Grão	2° Grão	3° Grão

Physiolatria

	IDOLATRIA	BIOLATRIA	PSYCHOLATRIA	
1° Dia	SOL	Fecundação	Sentir	Amor
2° »	LUA	Gestação	Conceber	Sabedoria
3° »	TERRA	Procreação	Construir	Poesia
4° »	MAR	Nutrição	Mecanica	Sensualismo
5° »	AR	Respiração	Kimica	Vitalismo
6° »	CE' O	Lhômiação	Al-Kimia	Animismo
7° »	NOITE	Subjectivação	Hyper-Kimia	Idealismo

Donde REFLEXÃO... CONSCIENCIA... MAGIA

A palavra MAGIA é empregada no sentido de sua etymologia *Altaica*, isto é, derivada de MAC—Força ou Acção e I—sobre ou para o Futuro. Representa o estado superior da Vida, em que o Espirito ou a Razão dirige a *Força Inconsciente*.

A magia começa a revelar-se nas proprias iniciações maçonicas pela adopção de um nome esoterico que liberta das más influencias. Só eu a posso empregar, porque sou o unico a conhecer a hyperkimica orthologica, ou as leis naturaes das influencias psychicas.

A hiperkimica, do *hyper* e da lingua universal *kim*, que significa a parte invisível e indestrutível da materia, tem duas sciencias preliminares: a alkimia, ou tratado da reacção das materias em estado das correntes puras, e a kimia. O principio alkimico é que a materia é una, vive, evolue e se transforma. O principio unitario *Lhôma* entra como causa em todas as reacções e por elle se explicam o phenomeno microphysico das funcções cerebraes, a funcção das imagens interiores e a influencia da moral sobre o physico.

Mas tudo isso está nos nossos livros:—*A Reforma Socio-cratia e a maior evolução do mundo*, o *Cathecismo Orthologico* a *Arte de Enriquecer ou extincção do pauperismo pela instituição da plutometria em substituição à plutocracia* a *Explicação de Deus ao Papa*, a *Prehistoria segundo a Orthologia* e outros volumes. O essencial acha-se porém num livro manuscripto, que não se imprime:—o *Cathecismo Esoterico*.

Depois paternalmente o *hierophante* disse:

— Venha hoje ver uma sessão de magia. Nós commemoramos a morte de um iniciado. O templo é uma sala, mas é de dever deduzil-o da figura da Lei Universal ou Al-Miz: ao norte a loja azul, ou do 1º gráo; a este a loja amarella, ou do 2º gráo; ao sul a loja rubra, ou do 3º gráo; a oeste o *dumma*, ou sala negra, no canto o templo ou empyreo. O *dumma* e o empyreo significam o branco e o negro, dous elementos antitheticos do Binario Universal... Venha ás 11 1/2.

Eu fui. Era uma noite humida, de chuva, no dia 5 de agosto. O iniciado que morrera, meu amigo, um genio musical, passara pela vida agarrado a todas as fantasias. Eu fui e delirei tranquillamente. Tinhamos combinado estar na pensão de Sondhal. Quando lá cheguei, encontrei trese

homens de chapelão desabado e manto negro. Pareciam conspiradores. Abri o manto de um delles e vi que estava forrado de seda roxa, abri o de outro, tambem, e todos tinham varrinhas no mão, onde brilhavam amethistas, a pedra da magia ! Reparei então que o *hierophante* era um delles.

— De que é feita essa bagueta ? inquiri.

— De uma liga metallica que é um segredo alkimico ! respondeu uma voz. E com o *hierophante* á frente, todos deslisaram pelo corredor escuro. Eu os seguia como a sombra dos seus mantos. De repente pararam a um signal secco e eu retive um grito. Na extremidade superior do sceptro do *hierophante* começava a bruxolear uma luz phosphorescente.

— Meu Deus !

— Cala-te, é a luz physica, é o *au-lis* !

Todos os magos ergueram verticalmente as baguetas estendendo o braço direito para o ar e na extremidade de cada uma, como uma mysteriosa gambiarra de vagalumes, o *au-lis* accendia a sua fulguração indizivel. Nas copas dos chapéos dos magos vibrava o *telegormo*, que transmite as palavras pensadas. A luz porém cessou, as varas abateram-se e os trese sahiram para a rua como simples transeuntes.

No curto trajecto do hotel á sala do templo eu tive a impressão de um ser á parte, um mundo á parte, e quando cavamente a porta se fechou num cavo rebôo e subimos aos tropeços as escadas, pareceu-me cahir outra vez na amada vida. A luz reaparecera.

Na sala, cheia dessa luz, o *hierophante* subiu os tres degrãos do altar, voltou-se para os magos, deu na ara tres pancadas e fallou. Era a prece da Evocação. Agarrei-me a um portál tremendo. Com toda a solemnidade o homem foi ao

outro canto e fez a segunda prece, a Invocação. Depois, voltado para o oriente disse a Effusão. Terminado que foi, sentou-se. Reparei então que havia um estrado e em cada canto sentavam-se quatro magos.

--Aquelle estrado ? fiz num sopro.

—E' o palco dos Phantasmas, ou o *lig-ôma* !

De novo tres pancadas bateram. O *hierophante*, em pé, fez o gesto sagrado, collocando a mão esquerda sobre o coração, fonte do Viver e do Sentir, e a direita, ou da acção, na frente, centro psychico. Depois um gesto para o ar e para a frente indicou o porvir e o ideal.

Todos os magos bradaram :

— *Au-ár ! An-ár !*

E a voz do *hierophante* abriu na treva :

—«Pobre e triste humanidade de mortos !... Presentiste o poder da alma humana, e inventaste a invocação, o culto e a prece !... Mas, a quem te dirigias tu ? —A ficções impotentes !

«Não conhecias a materia no seu estado unitario de *Lhôma*, embora teus grandes philosophos chegassem quasi a determinar sua existencia.

«Que era o culto do *Lhôma* na Persia antiga e do *Sôma*, na India, senão o grande vislumbre da grande magia physiolatrica !...

«Mas agora o Universo nos está revelado, em todas as suas maravilhosas manifestações :— *alkimicas, kimicas e hyperkimicas* !...

«Pelo Cerebro, abalamos o *Lhôma*, que penetra toda a Materia organica ou inorganica !...

«E o Cerebro é um universo microphysico, onde os atomos valem os astros do espaço sideral !...

« E lá dentro do craneo ha luz, porque é do Lhôma tenebroso que, por toda parte, ella se gera ! . . .

«Que mais pode surprehender ao Orthologo?!... Onde póde haver um canto no Universo que sua Vontade não penetre?!... Onde um Ser ou Facto que sua Microtagia não desvende?!...

«Homens mortos !... Victimias da Feitiçaria theolatríca e da negra magia das forças brutas e inconscientes da Materia !... Sêde eternamente malditos !... Mostrai-vos alli ! no palco dos phantasmas, em toda a nudez do vosso hediondo Soffrimento !...»

Eu bati os dentes com um frio que traspassava os ossos. A luz accendia de vez em quando, e naquelle estrado, onde os espiritos mais deviam estar, eu via o vazio, o vazio horri-vel, o vazio doloroso.

— «Surgi. Vós tambem, ó Heróes do Bem, continuara o mago, que vivereis eternamente, impulsionando os Progressos que só a Razão inspira !

«Eil-os !...

«Eis os quadros da vida humana !... torpe, miseravel !...

«Quem é aquelle sublime LIC-UR, cercado de Amores e de Harmonias, e cuja presença de Luz dissipa e dissolve os tenebrosos e estupidos NUROS corruptores?!...

«E' O SAN-A'R...

«Eil-o sorridente e victorioso !... victorioso da propria Morte !

« Eil-o, sublime que nos aponta o Futuro, cnde fulgura tambem a nossa suprema na Victoria !

« Assim como elle annullou a corrupção dos Mortos, nos quadros *telephenicos* do Espaço sideral, nós tambem annul-

laremos a corrupção dos Vivos decadente, que são *de mais* na superfície do Planeta!...»

De mais! os que são de mais! eu alli dentro estava de mais! Então abri a porta, sahi, olhando para traz, aterrado do *san-ár*, dos *nuros*, descí agarrado aos balaustres da escada e quando sentei na soleira da porta, fatigado, com o cerebro vazio, senti que suava e que me ardiam as faces...

No outro dia encontrei o *physiolatra* Magnus acompanhado de varios iniciados.

—Vou fundar uma Universidade no Lycêo de Artes e Officios. Não deixe de ir assistir ás conferencia preparatorias.

—Mas hontem, hontem que fizeram vocês?

Houve uma pausa.

—Meditámos até de manhã á beira da Sabedoria para que a Sabedoria viesse.

E Magnus Soudhal, com um volume de Nietzsche debaixo do braço, seguiu com os iniciados pela rua a fóra, como se fosse um ser natural...

O MOVIMENTO EVANGELICO

A Igreja Fluminense

— A Igreja Fluminense data de 1858. Foi a primeira congregação evangelica estabelecida no Brasil, graças ao espirito de um homem rico e feliz.

O Sr. Robert Reid Kalley trabalhava na ilha da Madeira quando, em 1855, lembrou-se de vir ao Rio de Janeiro. Era escossez, medico, ministro evangelico e possuia bens de fortuna. Ao deixar o clima delicioso da ilha por esta cidade, naquelle tempo fóco de algumas molestias terriveis, não o enviava nenhum *board* estrangeiro, vinha espontaneamente apenas por amor do evangelho de Jesus Christo.

O Brasil sempre foi um centro de reunião de colônias diversas praticando as suas crenças com a mais inteira liberdade.

Entre a pratica da religião, porém, e a prégão á grande massa vai uma differença radical. Robert Kaley vinha para uma monarchia catholica, em que a Igreja era um desdobramento do Estado ; aportava a uma terra em que cada data festiva fazia repicar no ar os sinos das cathedraes e desdobrava por sobre a cidade os pallios e as sedas roxas dos paramentos sacos; vinha prégar ao povo, amante de procissões, que rojava na poeira das ruas quando passavam as imagens seguidas de soldados. E Kalley veiu e prégoi contra os pallios, contra as imagens e contra o povo a rojar, escudado na doce crença de Jesus...

lamos os dous, eu e o Rev. Marques pelo asphalto

do campo da Acclamação. Muito cedo ainda, os passaros cantavam indifferentes ao bulicio da grande praça, e eu, cada vez mais encantado, ia a ouvir tão suave conversa.

—Era o diletantismo da evangelisação.

—Era o conforto moral que a religião dá. Se até hoje os nossos evangelisadores são apedrejados, se nos fecham as igrejas, imagine a impressão do *protestante* naquelle tempo. Kalley, o ousado capaz de afirmar meia duzia de idéas desconhecidas, teve uma série infindavel de inimigos.

—O protestante ! Que recordação de épocas historicas. Carlos IX, os huguenottes, o exodo para a America, o horror das imagens...

—Os populares naquelle tempo não admittiam o funcionamento regular, com entrada franca, das igrejas evangelicas. Kalley, tres annos depois da sua chegada, fundava sem bulha, com alguns adeptos, o primeiro templo evangelico, que chamou Fluminense.

Ha temperamentos de missionarios. Kalley era um desses. Olhe que podia viver muito bem na Escossia, á beira dos lagos, entre os verdes lindos dos valles. Preferiu a nossa cidade de ha meio seculo, barbara, feia, cheia de calor, esteve vinte annos no Rio e só voltou á patria quando teve a certeza de deixar uma igreja completamente organizada.

—E deixou ?

—Ao partir, em 1876, a igreja tinha uns cem membros, havia um pastor substituto, João Manuel Gonçalves dos Santos, eram presbyteros Francisco da Gama, Francisco da Silva Jardim e Bernardo Guilherme da Silva e diaconos João Severo de Carvalho, Antonio Soares de Oliveira, Manuel Antonio Pires de Mello, José Antonio Dias França, Manuel

Joaquim Rodrigues, Manuel José da Silva Vianna e Antonio Vieira de Andrade. O esforço fôra recompensado. Fructificara a semente e já outras igrejas iam nascendo.

— A Igreja Fluminense tem muitas filiaes ?

— Tem. Ha outras igrejas organisadas por ella, e a essas seria mais apropriado chamar igrejas congregacionaes. São essas a de Nictheroy, cujo pastor é o Rev. Leonidas da Silva, e que possui um bello edificio na rua da Praia, tendo cerca de cem membros ; a de Pernanbuco, a de Passa-Tres, a de S. José de Bomjardim e a que eu pastoreio no Encantado, organisada a 10 de maio com 56 membros.

Antonio Marques terminara a sua phrase com tal carinho que o interrompi :

— Vejo que ama o seu rebanho !

— Não ha melhor !... gente simples, boa, capaz de ouvir a palavra do Senhor...

Fez uma pausa, sorriu.

— Devo-lhe dizer que essas igrejas têm tambem as suas missões. Só a de Passa-Tres tem no Cipó, no Arrózal de S. João Baptista e em toda a zona mais proxima do Estado do Rio.

— A Igreja Fluminense é só de nacionaes ?

— E' a unica no Brasil que não tem protecção estrangeira, que vive dos seus proprios recursos apenas ;—é o completo attestado do nosso esforço moral. Já educou tres jovens para o ministerio, sustenta tres missionarios, acabou de construir um templo e, apezar disso, ainda o anno passado teve no seu «budget» um saldo de oito contos. Sendo nacional, entretanto recebe na sua communhão pessoas de ambos os sexos crentes em Christo.

— E tem uma escola ?

— Tem duas : a dominical, de leitura biblica, e uma outra diaria para as crianças, dirigida pelo Sr. Joaquim Alves e D. Carlota Pires. A característica da igreja é a evangelisação da cidade, uma evangelisação que vai de porta em porta, levando auxillios, carinhos, paz moral. Ha a Sociedade de Evangelisação, a União Biblica Auxiliadora de Moços, a União das Senhoras, a União das Moças, das Crianças... Os templos congregacionaes tambem têm identicas sociedades.

No Encantado, além de duas outras, nós, que estamos em caminho de ter um templo, vamos organizar agora o Esforço Christão Juvenil.

— Mas uma evangelisação assim constante ?

— Os rapazes distribuem folhetos, fazem a expedição pelo Correio, vão de porta em porta com subscrições para mandar companheiros estudar na Europa. Eu lhe posso citar os nomes de João Menezes, Isaac Gonçalves, Luiz Fernandes Braga, Antonio Maria de Oliveira... São tantos! E todos brasileiros.

Havia na voz do pastor um justo orgulho. Eu emmudeci um instante, acompanhando-o. Nesta cidade de commercio, em que o dinheiro parece o unico deus, homens moços e fortes prégam a bondade de porta em porta, como os pobresinhos pedem pão ! Ou eu delirava, ou aquelle cavalheiro calmo, de redingote de alpaca, dava-me o favo da illusão, como outr'ora Platão entre arvores mais bellas e discipulos mais argutos.

—A igreja tem hoje um patrimonio grande? fiz com o desejo de voltar á realidade.

—Sempre augmentado, mas regulado ainda pelos estatutos de 1886, approvados pelo governo imperial, quando

ministro o barão Homem de Mello. O patrimonio creado com donativos e legados consiste em predios e titulos da divida publica. A administração é eleita annualmente dentre os membros da igreja, compõe-se de um presidente, dous secretarios, um thesoureiro e um procurador, que têm a seu cargo representar a igreja em todos os seus negocios. Deus tem abençoado a nossa obra.

—As igrejas evangelicas abundam entre nós, pastor. Fallam-me agora numa seita, os miguelistas, que dizem ter Jesus Christo voltado ao mundo, encarnado no Dr. Miguel Vieira Ferreira...

—As verdadeiras igrejas evangelicas do Rio são a Fluminense, a Methodista, a Presbyteriana, a Baptista e a Episcopal para os inglezes e os allemães. Nós propriamente, filhos da Fluminense, somos congregacionistas. A religião é uma só, havendo apenas differença no ritual e na fórma do governo ecclesiastico.

O nosso governo é congregacionista, composto de pastor, presbytero e diaconos. Actualmente na Igreja Fluminense o pastor é Gonçalves dos Santos, os presbyteros José Novaes, José Fernandes Braga e Gonçalves Lopes, os diaconos Antonio de Assumpção, Guilherme Tanner, José Valença e José Martins.

—Ha uma tal subdivisão de ritos entre os evangelistas...

—Nós nos regulamos por 28 artigos de fé. Cremos na existencia de um Deus, na trindade de pessoas, na divindade de Jesus Christo, na sua encarnação, nascendo de Maria e sendo verdadeiro Deus e homem.

Estavamos á esquina da rua Floriano Peixoto. Verdadeiro homem! Ia perguntar, aprofundar a intenção da phrase. O pastor, porém, continuava.

—A Biblia foi escripta por inspiração divina.

—Não ha duvida.

—Só acreditamos em doutrinas que por ella possa ser provada. E por isso cremos na immortalidade da alma, na vida futura, na punição eterna dos que não pensam em Jesus, na resurreição dos mortos, no julgamento do tribunal de Deus.

Antonio Marques parara defronte da igreja, um casarão que tem em lettras grandes este appello convidativo. — Vinde e vêde!

—Custou muito?

— Uns setenta contos.

— E o pastor ainda é o substituto de Kelley?

— Ainda. Conhece-o?

— E' um ancião de maneiras seccas.

— Oh! tem-se esforçado tanto! Ha vinte e sete annos que trabalha sem cessar. Foi a Londres estudar o ministerio, voltou e nunca mais nos deixou. E' o mais antigo ministro evangelico do Brasil, é hoje os seus sessenta e dois annos curvam-se a um trabalho insano. Entre; hoje é o dia da communhão.

Entrei. Uma sombra tranquilla aquietava-se na sala. Os ruidos de fóra, da alegria movimentada da rua, chegavam apagados. No côro, nem viva alma; pelos bancos, alguns perfis emergindo da sombra, muitos attentos e calmos; ao fundo, em derredor de uma mesa onde havia garrafas e pratos de prata, varios senhores. E na quella paz vozes cantavam:

Disposta a mesa, ó Salvador,

Vem presidir aqui

Ministra o vinho, parte o pão

Typos, Jesus, de ti!

Depois, no silencio que se fizera, o pastor disse:

— Bemdito Deus! e a preçe evolou-se directa, pedindo

para que se rectificasse o facto em memoria da morte de Christo. Era a consagração.

Gonçalves dos Santos tomou do pão e o partiu, os presbyteros foram pela sala com os pratos lavrados de prata, onde branquejavam os pedaços do bolo sem fermento.

— Tomai isso e comei!

Sentei-me humilde no ultimo banco. Como nos evangelhos, eu via os homens darem de comer o pão de Deus, e darem a beber o sangue de Jesus. Era tocante, naquelle mysterio, na paz da vasta sala, quasi deserta. E, com gula, a cada um que eu seguia no goso da suprema felicidade, parecia-me ver o seu olhar, — o olhar, a janella da alma! — voltar-se para o céu na certeza tranquilla de um repouso celeste.

Quando a cerimonia terminou, como um rufo de azas brancas, de novo as vozes sussuraram.

Eu trouxe a salvação
Dos altos céos louvor,
E' livre o meu perdão,
E' grande o meu amor.

— Que faz tão triste ahi? disse-me o pastor Antonio. Aos moços quer Deus alegres! E eu que lhe fôra buscar uma Biblia e o *Christão*, o nosso jornalzinho! Venha fallar ao pastor.

Ergui-me. Manuel Gonçalves dos Santos, com a sua barba alvadia e o seu duro olhar, fitava-me.

Voltei do sonho para lhe refflorir uma lisonja. Eu já o sabia um probo, praticando o ministerio sem remuneração de especie alguma. Santos conservava-se de gelo. Fallei da cohesão das igrejas, da propaganda, do evidente progresso

do evangelismo no Brasil, com a sua simples essencia de fé, gabei o hospital que estão a concluir.

O pastor então discorreu. A unica religião compativel com a nossa Republica é exactamente o evangelismo christão. Submette-se ás leis, prêga o casamento civil, obedece ao codigo e é, pela sua pureza, um esteio moral. A propaganda torna cada vez mais claras essas idéas, no espirito publico aos poucos se crystallisa a nitida comprehensão do dever religioso. Os evangelistas serão muito brevemente uma força nacional, com chefes intellectuaes, dispondo de uma grande massa. E, de repente, com convicção, o velho reverendo concluiu:

— Havemos de ter muito breve na representação nacional um deputado evangelista.

Apertei a mão do mais antigo ministro evangelico do Brasil. Diante dos esforços que me contara Antonio Marques, a minha alma se extasiara, durante a communhão, vendo o grave grupo beber o sangue de Jesus, eu sentira o balsamo do sonho. Mas emquanto meus olhos olhavam com inveja o outro lado da vida, a margem diamantina da Crença, o pastor sonhava com o dominio temporal e a Camara dos Deputados...

Eterna contradicção humana, que não se explicará nunca, nem mesmo com o auxilio daquelle que no Apocalypse sonda o coração e os rins e anda entre sete candieiros d'ouro!

Eterna contradicção, que captiva a alma de uns e faz as religiões triumpharem através dos seculos!

A Igreja Presbyteriana

A séde da Igreja Presbyteriana fica na rua Silva Jardim n. 15. É um dos mais lindos templos evangelicos do Rio. A sala pode conter oitocentas pessoas. Tudo reluz, as paredes banhadas de sol, as portas envernizadas, as fechaduras nickeladas, o pulpito severo. Pelas aléas do jardim, bruni-das, anda-se sob o desfolhar das rosas e da montanha a pique que lhe fica aos fundos, desce um intenso perfume de matta. A primeira vez que eu lá estive, a sala estava apinhada, não havia um logar; e, por trás de sobrecasacas severas, de fatos sombrios, na luz crua dos fócios, eu via apenas o gesto de um homem de larga fronte, descrevendo a delicia da moral im-peccavel. Perguntei a um cavalheiro que o ouvia embeve-cido, quasi nas escadas.

— Quem é?

O cavalheiro passou o lenço pela testa alagada.

— Admira não o conhecer: é o Dr. Alvaro Reis.

Alvaro Reis é o pastor actual da Igreja Presbyteriana do Rio, essa igreja producto de uma propaganda tenaz e de um longo esforço de quasi meio seculo. Não ha de certo na historia dos nossos cultos exemplo tão frisante de quanto vale o querer como essa vasta igreja. Fundada em 1861 pelos Revs. Green Simonton, Alexandre Blackford e Francisco Shneider, tres missionarios mandados pelo *board* da igreja

Presbyteriana dos Estados Unidos para a evangelisação do Brasil, quarenta e tantos annos depois tornou-se realidade ; e a semente guardada no celeiro do Senhor, sob o seu divino olhar, brotou e floriu em arvore estrondosa. Quanto custou isso ! Simonton ensinava gratis o inglez para, aprendendo o portuguez, inocular nos discipulos os sãos principios da Biblia, cada sermão era um acontecimento, marcava-se com carinho o dia em que professava um novo sympathico. Os puritanos prégavam em salas estreitas e sem conforto. Algumas vezes um padre catholico surgia intolerante, protestava ; os pastores interrompiam-se e as duas igrejas combatiam, a ver quem pela palavra melhor parecia estar com Deus.

Como a Igreja Positivista, a propaganda começou numa sala da rua Nova do Ouvidor com dezeseis ouvintes. Passou depois á rua do Cano, desceu á rua do Regente, á praça da Acclamação, á rua de Santa Anna : comprou com sacrificios e recursos americanos o barracão da fabrica de velas de cêra da travessa da Barreira e ali orou, pediu a Deus e continuou a propagar. Os meios eram os usuas de toda a fé que quer predominar. Os evangelicos faziam versos, faziam o bem e eram tenazes. Foi uma evolução segura e lenta.

A igreja teve martyres. O sabio padre romano Manuel da Conceição abjurou e ordenou-se presbytero.

Era uma alma antiga. Ordenou-se e logo começou a evangelisar a pé pelas estradas. Não levava uma moeda na bolsa, e de porta em porta, com a Biblia na mão, revelava aos homens a verdade. Atravessou Minas assim, tropeçando pelos caminhos ardentes, quasi sem comer, e onde parava o seu labio abria fallando do prazer de ser puro. Em Campanha cor-

reram-no á pedra. Conceição, com a Biblia de encontro ao peito, tropeçando, fugia sob a saraivada, e a turba só o deixou fóra da cidade quando o viu em sangue cambalear e cahir. Ao chegar a Sorocaba, o martyr estava andrajoso, quasi a morrer, e, morto, os seus ossos foram exhumados, por ordem do bispo D. Lacerda, para serem atirados fóra do cemiterio, ao vento...

Os pastores trabalhavam tanto que Simonton morrera, aos trinta e quatro annos, de cansaço. Eram os primeiros tempos! A adhesão religiosa vem da tenacidade. A tenacidade dessas creaturas de aço attrahiu os fiéis, desde os analphabetos aos homens illustres, a igreja recebeu no seu seio medicos, engenheiros, litteratos, architectos, professoras publicas, homens rudes, lentes de escolas superiores e cada um que daqui sahia levava para as igrejas dos Estados com a carta demissoria um elemento de propaganda. Por ultimo os pastores foram brasileiros, a derradeira etapa estava ganha, a igreja, ponto inicial da evangelisação brasileira, foi construida luxuosamente e o Rev. Trajano, com verdade e poesia o affirmou:—depois de peregrinar por seis tectos estrangeiros, só no setimo a nossa igreja descançou.

Foi nesse descanço que eu dias depois voltei a conversar com o Dr. Alvaro Reis. A casa do pastor fica ao lado esquerdo do templo, occulta nos roseirae. O protestantismo trouxe para os nossos costumes litino-americanos não sei se a pureza da alma, de que o mundo sempre desconfia, mas o asseio inglez, o regimen inglez, a satisfação de bem cumprir os deveres religiosos e de viver com conforto.

Logo que vieram abrir a porta eu tive essa impressão.

— O Pastor?

O pastor não estava, mas isso não impedia que um homem de Deus entrasse a refrescar das agruras do sol. O Dr. Alvaro Reis é paulista: na sua residencia encontrei alguns amigos seus, paulistas; que me receberam entre as cortinas e os tapetes, com uma franqueza encantadora. Quando me sentei na doce paz de uma poltrona, como um velho camarada irmão em Christo, estava convencido de que ia beber café e conversar largamente. Não ha como os evangelistas, e os evangelistas brasileiros, para gentilezas. A' bondade ordenada pela escriptura reúnem essa especial e intima caricia do brasileiro, que, quando quer ser bom, é sempre mais que bom.

— A Igreja Presbyteriana, disse-me o substituto do Dr. Alvaro Reis, realisa, como sabe, o trabalho de propaganda nesta cidade, ha 42 annos. Actualmente, além do templo, tem congregações prosperas na rua da Passagem, em Botafogo, na rua do Riachuelo e na Ponta do Cajú, onde existem salas de culto muito frequentadas. Foi com elementos nossos que se organisou a igreja de Nictheroy.

— E nos Estados?

— A Igreja Presbyteriana do Rio ramificou-se por todos os Estados do Brasil. Ha presbyterianos no Rio Grande do Sul, no Pará, em Minas, em Goyaz, no Piauhy e até nos confins de Matto Grosso. A propaganda ficou ao cuidado da Igreja Evangeilca Episcopal. O numero de congregações e de templos que se organisaram depois do nosso sobe a 300.

— E ha varios collegios?

— Varios? Ha muitos. A Igreja Presbyteriana conseguiu estabelecer no Brasil os seguintes collegios: o Mackenze e a Escola Americana, em S. Paulo; o Collegio de Lavas, em

Minas ; o de Curityba, no Paraná ; o da Bahia, da Freira de Santa Anna, e o da Cachoeira, na Bahia ; o das Laranjeiras, em Sergipe ; o do Natal, no Rio Grande do Norte ; e ainda varias escolas gratuitas.

— E' natural que uma tão copiosa propaganda tenha uma fórmula de governo ? fiz vagamente.

— Tem. A igreja é governada por uma sessão de igreja, presidida pelo pastor e composta de seis officiaes, que têm o titulo de presbyteros. A sessão da igreja apresenta annualmente actas e relatorios ao presbyterio do Rio, concilio superior composto de todos os ministros presbyterianos que trabalham no Rio, no sul de Minas e no Espirito Santo.

No Presbyterio, cada sessão se faz representar pelo pastor e um presbytero. Além do Presbyterio do Rio ha o de São Paulo, o de Minas, o do oeste de S. Paulo, o de Pernambuco e o do Sul do Brasil. Esses seis presbyterios, reunidos de tres em tres annos em uma só assembléa, formam o supremo concilio da igreja, com o nome de Synodo Presbyteriano Brasileiro. E' ahi que se discutem os interesses geraes da causa.

— A defesa tem jornaes ?

— Alguns. Venha ver.

Entrámos na bibliotheca de Alvaro Reis, uma sala confortavel, forrada de altas estantes de canella. Por toda a parte, em ordem, livros, papeis, brochuras, cartas, photographias.

— Veja. Aqui no Rio temos o *Presbyteriano* e o *Puritano*. Ha em S. Paulo a *Revista das Missões Nacionaes*, em Araquaty o *Evangelista*, o *Despertador* em Rio Claro, a *Vida* em Florianopolis e o *Seculo* no Natal.

—E com tantos jornaes os senhores não vivem em guerra constante?

—Contra quem?

—Contra as outras igrejas, os baptistas, os methodistas. . . Um jornal só basta para fazer a discordia; dez jornaes fazem o conflicto universal!

—Não, fez o meu interlocutor a sorrir, não. Reina completa harmonia. A Igreja Fluminense já existia quando começámos a nossa campanha. As relações conservam-se cordiaes, O pastor Santos ministra aqui a palavra de Deus sempre que é convidado. Emquanto o templo esteve em construcção, a Igreja Fluminense permittiu-nos o uso da sua vasta sala para o nosso serviço religioso. Com os methodistas e baptistas a mesma cordialidade existe. Os pastores de lá fallam no nosso pulpito, como nós fallamos nos seus.

Depois, com tristeza:

—Talvez entre os de casa não existisse essa harmonia ha bem pouco tempo. . . E' bem simples. Na ultima reunião do Synodo Presbyteriano houve uma scisão que se reflectiu francamente na igreja do Rio. Um membro do concilio imaginou que a maçonaria fazia pressão nas deliberações do Synodo, propondo logo que a igreja banisse do seu seio a *heresia maçonica*. Não era verdade a pressão. O concilio discutiu largamente e approvou a seguinte resolução: —«O Synodo julga inconveniente legislar sobre o assumpto!» A tolerante approvação deu em resultado separarem-se sete ministros, que formaram uma igreja independente e anti-maçonica. A' nova igreja ligaram-se ex-membros da nossa.

Elle fallava simplesmente. Em torno, faces tranquillias

approvavam e naquella atmospherã agradável eu não pude deixar de dizer :

— Como o grande publico os ignora, como a população, a verdadeira, a massa, os confunde numa complicada reunião de cultos !

Todos sorriam perdoando.

— Sabemos disso. E' natural! Oh! os protestantes ! Passam pela porta, pensam cousas incriveis... Mas alguns entram e encontram a tranquillidade. Qual é, afinal, secamente, em poucas palavras, o modo porque a Igreja Presbyteriana differe da Igreja Romana? Não considera o Papa como chefe, nem tolera a sua infallibilidade, não crê na intercessão dos santos, que estão na gloria e nenhum poder têm neste mundo ; não accêta o celibato clerical, considerando uma innovação funesta...

— Oh ! Funestissima!

— ...de Gregorio VII, no seculo XI; não adimite o culto das imagens, uma infracção ao 2º andamento do Decalogo ; crê que Jesus Christo resuscitou e está vivo e reina como unico chefe da sua igreja ; crê no unico fundamento, na unica regra da Religião Christã, a Palavra de Deus, a Biblia, e prêga que Deus, omnipotente, omnisciente e omnipresente, é unico apto a ouvir as orações dos homens. Só accêta dous sacramentos, o Baptismo e a Communhão, os unicos instituidos por Jesus Christo ; só reconhece o casamento civil, sobre o qual inpetra a benção de Dens ; não adimite o purgatorio...

— O absurdo purgatorio !

— Diante das santas escripturas.

— Ah!

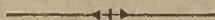
— Prohibe as missas em suffragio das almas, porque Jesus

nunca rezou missas, e crê que o homem é salvo de graça pela fé viva, como crê na resurreição, na regeneração, na vida eterna e no juizo final. Todo o seu culto se resume na leitura das escripturas, em sermões explicativos, em orações a Deus, e no primeiro domingo de cada mez na celebração da Eucharistia...

— Ha sociedades na igreja?

— Ha o Esforço Christão e uma de accôrdo com todas as igrejas, o Hospital Evangelico.

Nessa mesma noite eu ouvi, no templo cheio, Alvaro Reis. A sua larga fronte parecia inspirada e elle, desfazendo subtilmente as phrases diamantinas da Biblia, num polvilho de bem, fallava da Caridade, da Caridade que sustenta todos os que crêem em Jesus, — da Caridade suavemente doce que protege e esquece.



A Igreja Methodista

—Amados irmãos, estamos reunidos aqui á vista de Deus, e na presença destas testemunhas, para unir este homem e esta mulher em santo matrimonio ; que é um estado honroso, instituido por Deus no tempo da innocencia do homem, significando-nos a união mystica que existe entre Christo e a sua Igreja. Esse estado santo, Christo adornou-o com a belleza da sua presença, fazendo o primeiro milagre em Cana da Galiléa ; S. Paulo o recommenda como um estado honroso entre os homens ; e por isso não deve ser emprehendido ou contrahido sem reflexão, mas, sim, reverente, discreta, reflectidamente e no temor de Deus.

No ar pairava um suave perfume, senhoras de rara elegancia tinham physionomias immoveis, cavalheiros graves pareciam ouvir com attenção a palavra do pastor e tudo scintillava ao brilho dos focos luminosos. Era um casamento na Igreja Methodista, na praça José de Alencar. Ao fundo, via-se, á mão direita do pastor, o noivo, á esquerda a noiva, e por trás, dos vitraes, lá fôra, naquelle recanto onde corre de vagar um rio, a turba dos curiosos que não entram nunca.

—Estas duas pessoas apresentam-se, continuava o ministro evangelico, para serem unidas nesse estado santo. Se

alguem sabe cousa que possa ser provada como causa justa, pela qual estas pessoas não devam legalmente ser unidas, queira dizer agora, ou do contrario—nunca mais falle sobre isso.

Houve um sussurro como se entrasse pela porta ogival uma lufada de ar. O pastor voltou-se para as pessoas que casavam.

— Exijo e ordeno de vós ambos (como respondereis no terrivel dia de juizo, quando os segredos de todos os corações forem desvendados) que se algum de vós souber de impedimento pelo qual não podeis legalmente ser unidos pelos laços do matrimonio, queira dizer agora, pois, ficai bem certo disto, que aquelles que se unem de um modo differente daquelle que é auctorizado pela palavra de Deus não são unidos por Deus, nem o seu matrimonio é legal.

Nem o noivo nem a noiva responderam. Ella parecia tranquilla, elle sorria um sorriso mais ou menos ironico entre as cerdas do bigode. O ministro então disse ao noivo:

— Queres casar com esta mulher para viverdes juntos, segundo a ordenação de Deus, no estado santo do matrimonio? Amal-a-ás, confortal-a-ás, honral-a-ás e guardal-a-ás na doença e na saúde; e deixando tudo o mais guardar-te-ás para ella sómente, emquanto ambos viverem?

— Sim! fez o noivo.

— Queres casar com este homem para viver, segundo a ordenação de Deus, no estado santo do matrimonio? Obedecel-o-ás, servil-o-ás, honral-o-ás e guardal-o-ás na doença e na saúde, e deixando todos os outros guardar-te-ás sómente para elle emquanto ambos viverdes?

— Quero, disse a linda senhora.

Houve a cerimonia do anel, enquanto os assistentes abanavam-se. O ministro tomou-o, deu-o ao noivo, que o enfiou no quarto dedo da mão esquerda da noiva, repetindo as palavras do pastor :

— Com este anel eu me caso contigo e doto-te de todos os meus bens terrestres : em nome do Pai, do Filho e do Espirito Santo, Amen !

— Oremos! Pai nosso que estás no céu... Era um Padre-nosso... Depois, juntando as mãos do noivo, o ministro disse :

— O que Deus ajuntou não o separe o homem. Visto como têm consentido unir-se, e têm assim testemunhado diante de Deus e das pessoas aqui presentes, e portanto têm promettido fidelidade um ao outro e assim declarado, juntando as mãos, eu os declaro casados no nome do Pai, do Filho, e do Espirito Santo.

Deus o pai, Deus o filho, Deus o Espirito abençõe, preserve e guarde-vos; o Senhor misericordiosamente com o seu favor olhe para vós; e assim vos encha de todas as benção e graças espirituaes, para que no mundo por vir tenhais vida eterna. *Amen!*

Estava terminada a cerimonia. Houve um movimento, como nos templos catholicos, para felicitar o feliz par, capaz de jurar em tão pouco tempo tantos juramentos de eternidade. As senhoras ariavam um sorrisinho e os homens iam em fila tocantemente indifferentes.

E da *féerie* do templo, por cima d'agua, do mais lindo templo evangelista, onde as luzes ardiavam por trás dos vitraes numa confusa irradiação de cores, começaram a sair os convidados. Carros estacionavam na escuridão

da praça com os pharóes accesos, carbunculando... Eu assistira a um casamento sensacional.

No dia seguinte fui á residencia do pastor Camargo.

No anno de 1739 fallaram com John Wesley, em Londres, oito pessoas que estavam convencidas do pecado e anciosas pela redempção. Essas creaturas tementes da ira futura desejavam que com ellas John gastasse algum tempo em oração. Wesley marcou um dia na semana e dahi surgiu a sociedade unida. Aos que desejam entrar para a sociedade só se exige uma condição: o desejo de fugirem da ira vindoura e de serem salvos de seus peccados.

Muita gente ha no Brasil receiosa da dita ira. A Igreja Methodista, que é um desdobramento da episcopal, começou os seus trabalhos, ha vinte e sete annos, no Cattete, na casa onde está hoje installada a pensão Almeida. Tinha apenas sete membros e os missionarios mandados pelo *board* americano, os Revs. Ransom, Cowber, Tarbou Kennedy, sabiam que desses sete já quatro eram methodistas nos Estados Unidos. Hoje a Igreja conta cinco mil membros, todos os annos o numero augmenta, as igrejas surgem, fundam-se collegios e as missões levam aos recessos do paiz, perseguidas, corridas á pedra, a palavra de Christo. Só o templo da praça José de Alencar custou 107 contos; ha missões e igrejas em Petropolis, na Parahyba, em S. Paulo, em Itapecerica, S. Roque, Piracicaba, Capivary, Taubatê, Cunha, Amparo; todo o Estado de Minas e o Rio Grande estão cheios de methodistas, e os missionarios chegaram até Cruz Alta e Forqueta, no desejo tenaz de prolongar a fé.

Os methodistas têm um grande dispendio annual. No Rio contribuem para as despesas do pastor em cargo, pres-

bytero-presidente, bispos, missões domesticas, missões estrangeiras, educação pensionarios, Sociedade Biblica Americana, pobres, actas, construcções, casa publicadora, ligas Epworth, escolas dominicaes, sociedade auxiliadora de senhoras, de modo que, sendo a média de cada contribuinte de vinte e nove mil réis, a despesa geral eleva-se annualmente a quantia superior a vinte contos. Ha cincoenta e seis sociedades e dezeseis casas de culto, cujo valor é de tresentos e dezenove contos, oito residencias e nove collegios, e o valor desses é de quatrocentos e sessenta contos.

Quando cheguei á residencia de Jovelino Camargo, ordenado presbytero ha dous annos, estava edificado da situação financeira da igreja, dessa excellente situação. Camargo é paulista, simples e amavel. Recebeu-me no seu gabinete de trabalho, donde se descortina todo um trecho bello da praia de Botafogo.

— Ha quanto tempo está aqui?

— Ha dous annos; os prégadores methodistas não levam mais de quatro annos em cada igreja.

— Quaes são os prégadores actualmente no Rio?

— Revd. Parker, da Igreja Evangelica; Guilherme da Costa, que préga em Villa Isabel e no Jardim Botânico, e eu.

Os methodistas têm uma grande quantidade de ministros e de officiaes de igreja. bispos, presbyteros, prégadores em cargo e em circuito, diaconos itinerantes, presbyteros itinerantes, prégadores supra-numerarios, locaes, exhortadores, economos, depositarios...

— Para cada districto; na cidade propriamente ha apenas os prégadores locaes e os economos que tratam das questões financeiras, uma junta de sete membros, que

actualmente é composta dos Srs. Joaquim Dias, João Me-deiros, Manuel Esteves de Almeida, José Pinto de Castro, Antonio Joaquim e Elesbão Sampaio.

— Ha varios jornaes methodistas ?

— A *Revista da Escola Dominical*, em S. Paulo ; *O Expositor Christão*, orgão da conferencia annual brasileira, dirigido pelos Srs. Kennedy e Guilherme da Costa ; *O Juvenil*, *O Testemunho*. Como as outras igrejas evangelicas, a Methodista tem sociedades internas que a propagam ; a Sociedade Missionaria das Senhoras no Estrangeiro, a Sociedade de Missões Domesticas das Senhoras...

— A liga Epworth...

— A liga Epworth é um meio de graça como o culto, a oração, as escolas dominicaes, as festas do amor. Temos 34 ligas Epworth. As ligas organisam-se em nossas congregações para a promoção da piedade e lealdade á nossa igreja entre a mocidade, para a sua instrucção na Biblia, na litteratura christã, no trabalho missionario da igreja.

A junta compõe-se de um bispo, seis prégadores itinerantes e seis leigos, sendo todos eleitos de quatro em quatro annos pela conferencia geral, sob a nomeação da commissão permanente das ligas Epworth. As ligas locaes estão sob a direcção do pastor e da conferencia trimensal.

— Mas o meio da propaganda ?

— E' quasi todo litterario, a liga é propriamente a diffusão da litteratura evangelica.

— O mais admiravel entre os methodistas é o machinismo, o funcionamento da sua igreja...

— Que é governada por conferencias, [pode-se dizer. Ha conferencias da igreja, mensaes, trimensaes, districtaes, annuaes e geraes de quatro em quatro annos.

Nessa occasião, Jovelino Camargo offereceu-me café, e sorvendo o nectar precioso, eu indaguei :

— Muitos casamentos na capella do Cattete ?

— Alguns. Para esses actos os pastores procuram sempre os templos mais bellos.

— Ha muita gente que acredita o vosso casamento uma valvula que a nossa lei não permite. . .

— Mas é absolutamente falso, é uma calumnia formidavel. Os evangelistas respeitam antes de tudo a lei do paiz em que estão. A totalidade dos nossos pastores não casam sem ver antes a certidão do acto civil. Ah! meu caro, a calumnia tem corrido, os pedidos são frequentes aos ministros evangelicos para a realisação do casamento de pessoas divorciadas, mas nós nos furtamos sempre e ainda este mez C. Tacker, Alvaro dos Reis, Antonio Marques e Franklin do Nascimento fizeram publico pelos jornaes que não podiam lançar a benção religiosa sobre nenhum casal que não tenha antes contrahido matrimonio.

Os meus companheiros Kennedy e Guilherme da Costa commentaram esse manifesto que o momento exigia. Nós temos uma lei que nos inibe esse crime. Quer ver ?

Ergueu-se, foi á estante, abriu um pequeno livro de capa preta.

— Esta é a nossa disciplina, leia.

Ambos curvámos a cabeça, procurando os caracteres á luz fugace do anoitecer e ambos na mesma pagina lemos :
— « Os ministros de nossa igreja serão prohibidos de celebrarem os ritos do matrimonio entre pessoas divorciadas, salvo o caso de pessoas innocentes, que tem sido divorciadas pela unica cousa de que falla a Escriptura. . . »

Houve um longo silencio. As sombras da noite entravam pelas janellas.

— A causa unica de que falla a Biblia...

— E' preciso afinal comprehender que nem todas as igrejas denominadas christãs e protesr. tes pertencem á Alliança Evangelica Brasileira e que nós não podemos em nome de Christo prégar, por assim dizer, a dissolução moral.

Ergui-me.

— Apezar das injustiças dos homens, a Igreja Methodista caminha.

— E os casamentos honestos são em grande numero.

Jovelino Camargo desceu commigo a praia de Botafogo. Vinha, como sempre, calmo, intelligente e simples.

— Onde vai ?

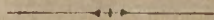
— A uma festa de amor.

Estaquei. Mas, Senhor Deus, os methodistas davam-me uma excessiva quota de amor. No dia anterior um casamento, minutos antes o casamento de novo, e agora alli, na sombra da noite, o pastor que me dizia, como um velho *noceur*, o logar perigoso para onde ia !

— A uma festa de amor ? interroguei, feroz.

— Sim, é uma festa nossa, trimensal, fez a sorrir o puro moço. Vou fazer oração e participar do pão e da agua em signal de amor fraternal.

E simplesmente Jovelino Camargo desapareceu na sombra, enquanto eu, olhando o céu, onde as estrellas palpitavam, rendia graças a Deus por haver ainda neste tormentoso mundo quem, por seu amor, ame, respeite e seja honesto.



Os Baptistas

E disse o eunucho : Eis aqui está a agua. Que embaraço ha para que eu não seja baptisado? E disse Felippe : Se crês de todo o teu coração, bem pódes... E desceram os dous, Felippe e o eunucho, á agua, e o baptisou...

Estava na rua de Sant Anna, no templo baptista, severo e rigido nas suas linhas gothicás. Era de noite. A' porta um certo movimento, caras curiosas, gente a sahir, gente a entrar, e um velho blandicioso distribuindo folhetos.

— Os baptistas?

— Exactamente.

Pégode um folheto, emquanto lá de dentro parte um côro louvando a gloria de Deus. Trata do purgatorio perante as Escripturas Sagradas e está na 2ª edição. Leio na primeira pagina : « Entre as differentes religiões existentes distinguem-se a religião de Jesus, que nos offerece o céo, e a religião do Papa, que aponta o purgatorio. O Papa préga o purgatorio porque ama o nosso dinheiro... » Com um pouco mais teriamos a *Velhice do Padre Eterno* !

A Igreja Baptista é, entretanto, um dos ramos em que se divide o que o vulgo geralmente chama protestantismo, é uma das muitas divergentes interpretações dos Evangelhos.

Ha seis seculos chamava-se anabaptista.

Seita antiquissima, com grandes soluções de continuidade, desaparecendo muita vez na historia sob o martyrio das perseguições, sem deixar documentos, nunca de todo se perdeu.

Hoje, como as outras seitas que asseguram ser as unicas e verdadeiras interpretes da Biblia, o seu fóco principal é os Estados Unidos, mas o mundo está cheio de anabaptistas e um magnifico serviço de propaganda na China, no Japão, na Africa, na Italia, no Mexico e no Brasil augmenta diariamente o numero de adeptos.

O movimento das missões é tão intenso que até tem um jornal informativo: *The Yorking Mission Journal*.

Isso não impede que a controversia os seleccione e que a critica os divida. Nos Estados Unidos a igreja está dividida em baptistas christãos, novos baptistas, baptistas rigorosos, baptistas separados, baptistas liberaes, baptistas livres, anabaptistas, baptistas crianças, baptistas geraes, baptistas particulares, baptistas escossezes, baptistas nova communhão geral, baptistas negros, baptistas do braço de ferro, baptistas do setimo dia e baptistas pacificos.

Aos baptistas daqui, pacificos, christãos e misturados, bem se póde chamar: — do braço de ferro, desde que braço signifique a decisão e a força com que arredam as nuvens da Luz. A historia da igreja do Rio começa em 1884 com a chegada do Sr. e da Sra. Bagby.

O Sr. Bagby foi o patriarcha. Quatro dias depois de chegar, organisou a igreja na propria casa, com quatro ovelhas, isto é, com quatro cidadãos. Um anno depois mudava-se para a rua do Senado já com outros recursos, passava a prégar na rua Frei Caneca, na rua Barão de Capanema, quasi sem abandonar o rebanho, durante annos a fio, e,

passado o decimo primeiro, installava-se num templo proprio, edificio que custou cincoenta e um contos.

Era nesse templo que eu estava, defronte da igreja da Senhora Sant'Anna, lendo trechos do tal *Purgatorio*, em que uma igreja solapa a outra por amor do mesmo Christo misericordioso. O velho blandicioso, porém, apertando um maço de *Purgatorios* debaixo do braço, empurrava-me com um ar de cambista depois do 2º acto.

— Entre, entre, o senhor vai perder!

Foi então que eu entrei. Todos os bicos de gaz silvavam, enchendo de luz amarella as paredes nuas. No fundo, em letras largas, que pareciam alongar-se na cal da parede, esta inscripção solemne negrejava:—« Deus amou o mundo de tal maneira que deu a seu filho unigenito para que todo aquelle que nelle crer não pereça mas tenha vida eterna. » Na cathedra ninguem. Do lado esquerdo, o orgão e diante d'elle uma senhora com a physionomia paciente e um cavalheiro irreprehensivel, sem uma ruga no fato, sem um cabello fóra da pasta severa. Pelos bancos uma sociedade complexa, uma parcella de multidão; isto é, o resumo de todas as classes. Ha senhoras que parecem da visinhança, em cabello e de *matinée*, crianças trefegas, burguezes convictos, serios e limpos, nas primeiras filas, operarios, malandrins de tamancos de bico revirado, com o cabello empastado em cheiros suspeitos, soldados de policia, um bombeiro de *cavaignac*, velhas pretas a dormir, negros attentos, uma dama de chapéo com uma capa crispante de lentejoulas, cabeças sem expressão, e para o fim, na porta, gente que subitamente entra, olha e sai sem comprehender. O templo está cheio.

O pastor parece concentrado, olhando o rebanho de ovelhas, a maior parte ignorante do aprisco. Nessa noite não

se perde em erudições theologicas, nessa noite chama com o orgão do Senhor os carneiros sem fé. E é uma cousa que se nota logo. A propaganda, a attracção da Igreja é a musica. Ganha-se mais fieis entoando um hymno que fazendo um sabio discurso cheio de virtudes. O Sr. Soren, o pastor calmo, irreprehensivel, parece comprehender os que o frequentam, sem esquecer sua missão evangelica. E' positivamente o professor. Sem o perfume dos hymnarios e sem aquellas letras negras na parede, a gente está como se estivesse numa aula de canto do Instituto de Musica, ouvindo o ensaio de um côro para qualquer *crêche* mundana...

— Vamos mais uma vez, diz elle com um leve assento inglez. Este hymno é muito bonito! Cantado por duzentas vozes faz um effeito! Sabem a lettra? Vamos... A dama, com um ar de bondade indifferente, corre o teclado, acordando no orgão graves e profundos sons que se perdem no ar vagarosamente. Depois, receiosa, acompanhando cada accorde, a sua voz, seguida da do pastor, começa :

Oh! Se-e-e-nhor!...

Muitos lêem os versos, acompanhando a voz do pastor, outros, nervosos, precipitam o andamento. Mas naquelle ensaio, logo me prende a attenção um preto de casaco de brim sem collarinho. O orgão domina-o como um som de violino domina os crocodilos. Nos seus dentes brancos, nos olhos brancos, de um branco albuminoso, correm risos de prazer. Sentado na ponta do banco, os longos braços es-córrendo entre os joelhos, a cabeça marcando o compasso, elle segue, com as mandibulas abertas, os sons e as vozes que os acompanham. Depois, como o Sr. Soren diz :

— Vamos repetir. Já se adiantaram. Um, dous, tres!

Oh! Se-e-e-nhor!...

o negro também, abrindo a fauce num repuxamento da face inteira, cantou:

Oh! Se-e-e-nhor!

E todo o seu ser irradiou no contentamento de ter decorado o verso bonito.

Eu curvei-me para o velho, que passava com outro maço de *Purgatorios* debaixo do braço:

— Vem sempre aqui, aquelle?

— Vem, sim, é fiel. Eu é que não sou...

E confidencialmente, desapareceu.

Entretanto o hymno acabara bem. Quasi que houve palmas. Estavam contentes.

O Sr. Soren consultou o relógio e aproveitou a boa vontade dos irmãos.

— Vamos, mais um hymno. E' lindo! Estudemos só a primeira parte. De Deus até Salvador.

A organista tocou primeiro a musica para que os baptistas aprendessem o tom e todos começaram o novo hymno, as crianças, as senhoras, os homens graves, enquanto o negro abria as mandibulas e uma velha fechava os olhos enlevados e somnolentos. Quando as vozes pararam num ultimo accorde, o Sr. Soren disse algumas palavras sobre a gloria do Senhor e estendeu as mãos.

Amen! Estava acabado o estudo. Alguns crentes demoraram-se ainda, o negro sahiu dando grandes pernadas, outros estremunhavam. Mandei então o meu cartão ao Sr. Soren, que se apoiava ao órgão rodeado de damas veneraveis.

Esse homem é amabilissimo. Nascido no Rio, de uma familia franceza que fugia ás perseguições religiosas da França, estudou nos Estados Unidos e é bacharel. No seu gabinete, ao fundo, limpo e brunido, onde se move com pausa, tudo respira asseio e austeridade. Soren mostra a bibliotheca, encadernações americanas de percaline e couro, bate nos livros recordando as difficuldades do estudo, a aridez, o que certos auctores custavam.

—Para tudo isso ha a compensação da verdade que conforta, diz.

A verdade deve confortar como um *beef*. Guardo, porém, essa comparação.

Os baptistas, firmados na Biblia, assim como praticam o baptismo por immersão, não comem carne com sangue... Limito-me a dizer.

—A sua crença?

—Mas nós cremos que a Biblia foi escripta por homens, divinamente inspirados, que têm Deus como auctor e salvação como fim; cremos que a salvação dos peccados é totalmente de graça pelos officios medianeiros do filho de Deus; cremos que a grande benção do Evangelho que Christo assegurou é a justificação; e cremos na perseverança, no Evangelho, no proposito de graça, na satisfação que começa na regeneração e é sustentada no coração dos crentes.

O Sr. Soren pára um instante.

—Cremos tambem, continuou, que o governo civil é de auctoridade divina, para o interesse e boa ordem da sociedade e que devemos orar pelos magistrados...

—E crêem no fim do mundo?

—...Que se approxima.

Emquanto, porém, o fim não apparece, a propaganda

baptista é feita com calor no Brasil: em S. Paulo, na Bahia, em Pernambuco, no Pará, no Amazonas. No Rio existem os Srs. Entznimger e esposa, Deter e esposa e o Sr. Soren, creaturas de pureza exemplar. Na cidade ha quatro congregações. Os pastores, dos quaes foi sempre o principal o Sr. Bagby, que se retirou em 1900, têm prégado na rua D. Feliciano, no Estacio de Sá, no Madureira, no morro do Livramento, em S. Christovão, na ladeira do Barroso, em Paula Mattos, em Santa Thereza, na Piedade, no Engenho de Dentro, na rua Barão de S. Felix.

O Evangelho caminha.

— E são grandes os progressos ?

— Ricamente abençoado o trabalho. Pelos dados que tenho, realisaram-se em 1903 cerca de mil baptismos, foram organisadas dez igrejas novas, edificaram-se tres templos novos e a contribuição das igrejas foi de 50:000\$000. Ha dous annos que estamos no Brasil. Os baptistas augmentaram de 500 a 5.000, de 5 igrejas a 60. A nossa casa publicadora já editou, além do *Jornal Baptista* e do *Infantil*, mais de um milhão de paginas em folhetos.

— Qual a publicação que tem agradado mais ?

— O *Cantor Christão* !

A musica, o som que convence, a crença em harmonia !

Os gregos admiraveis já tinham no seu divino saber descoberto a propriedade subtil, e na Lacedemonia os rapazes recebiam o amor da patria ao som das flautas, em odes puras ! Já nos iamos despedir. O pastor deu-nos o seu jornal, com um artigo de D. Archimino Barreto, uma erudita senhora.

— Somos todos iguaes perante Deus. No templó pode

fallar o mais ignorante como o mais sabio. Deus deseja a virtude antes de tudo. D. Archimina allia as virtudes a um grande saber.

— E, a proposito, aquella senhora organista é sua esposa ?

— Não, eu ainda vou casar nos Estados Unidos.

E eu sahi encantado com a clara intelligencia desse pastor, que espera calmo e virtuoso o fim do mundo, enquanto, á porta, o velho blandicioso distribue *Purgatorios* contra os padres e as missas.



A. A. C. M.

— Olhe as terras onde se propaga o Evangelho.

Desde um ao outro polo,
Da China ao Panamá,
Do africano solo
Ao alto Canadá

a A. C. M. conquista, suavisa, prestigia e guia...

Nós acabavamos de jantar e o meu illustre amigo, com um copo d'aguã pura nã mão, dizia-me cousas excellentes.

— O nosso movimento, contiheuou, conta entre os seus amigos Eduardo da Inglaterra, o príncipe Bernadotti da Sueciã, o presidente dos Estados Unidos e Guilherme II. Na França, ministros de Estado acceitam cargos de administração da A. C. M.; na Inglaterra os seus edificios erguem-se em todas as cidades como os grandes lares da juventude honesta, e por toda a parte ella reformã os costumes e purifica as almas dos moços, tornando-os symetricos e bons. Você não terá uma idéa integral do movimento das cinco igrejas evangelicas do Rio sem ir apreciar de perto o capitel magnifico dessa columna de branco marmore. A A. C. M. é o remate admiravel da nossa obra de propaganda.

Finquei os cotovellos na mesa com curiosidade.

— Mas a origem das A. C. M. no mundo ?

— Shuman, secretario geral em Buenos Aires, disse-nos na convenção de 1903 essa origem. Em 1836 appareceu na cidade de Bridgewater, na Inglaterra, um rapazola de 15 annos, chamado George Williams. Mandava-o o pai do campo para aprender um officio. George viu que os seus sessenta companheiros eram de moral duvidosa e sem crença e que de um meio tão grande só dous ou tres oravam ao Redemptor. Orou tambem no seu misero quarto, por trás da officina, durante uma hora. A principio fazia só esses exercicios, depois convidou os companheiros, e cinco annos depois estava em Londres. Londres! a cidade mais populosa do mundo!

Conhece você os perigos das cidades, o desvario, a luxuria, a perdição, o jogo, a ambição desmedida dos grandes centros? Onde se congregam mais os homens, ahi entra com mais certeza Satanaz, ahi grassa mais terrivel a epidemia da perdição. Williams na fabrica em que se empregou não encontrou um só christão. Ao cabo de um mez, porém, appareceu um novo empregado, Christofer Smith, e os dous, ligados pela amizade, resolveram a conversão dos companheiros, convidando-os para estudar a Biblia e orar. Em pouco tempo as reuniões cresceram, e a 10 de junho de 1844 representantes dessas reuniões effectuaram a organização da primeira Associação Christã de Moços. Foi seu fundador uma criança de 20 annos, mandada pelo Salvador a um meio cheio de vicios e de tentações para lhe dar o balsamo da honestidade.

A pequena associação estendeu-se a todos os paizes do mundo. Hoje ha mais de 1.500 na Inglaterra, de 1851 até agora 1.600 fundaram-se só nos Estados Unidos. A' primeira convenção internacional compareceram 99 delegados de 38 asso-

ciações em sete paizes ; em 1902 em Christiania assistiram 2.500 delegados de 31 paizes. Ha 60 annos a A. C. M. iniciou os seus trabalhos ; hoje só na America do Norte ha mais de 25.000 moços estudando a Biblia nas classes das associações e num só anno 3.560 professaram a sua fé convertidos na Associação e 9.600 outros se dedicaram ao serviço do Senhor.

-- As A. C. M. não admittem apenas crentes professos ?

— Não, a Associação de Londres resolveu, em 1848, receber como socios auxiliares os moços de boa moral. Actualmente metade dos nossos socios, cerca de 250.000, pertence a essa classe. Mas, meu caro, é esta uma base luminosa da propaganda, chamar a si os olhos do mundo, mostrar a pureza num seculo de impurezas, tolerar e purificar. Entre os estudantes das escolas, na profissão borboleteante do jornalismo, nas raças mais estranhas, entre chins e caboclos selvagens, na classe universalmente conhecida pela sua intemperança, nos empregados das estradas de ferro da America, a propaganda alça por esse meio a branca flamula da Associação.

O meu illustre amigo calou-se. No *restaurant* o borborinho crescia, senhoras com *toilettes* caras, homens contentes, curvavam-se no prazer de comer. Havia risos, criados passavam com os pratos de christofle brilhando á luz dos fócios, em baldes de metal as garrafas gelavam e das jarras de crystal as flores de panno pendiam desoladas ao peso do pó e do tempo. Todos alli conversavam de interesse, de ambição, de amor, de si mesmo... Senti-me superior, mandei vir um copo d'agua, bebi-o com pureza. Naquella grande feira nós conversavamos da alma e do bem universal !

— E a A. C. M. do Rio ?

— A nossa Associação tem tambem a sua evolução. Os

primeiros moços christãos reuniram-se para ouvir Simonton e Kalley na travessa das Partilhas. Foi ali que germinou a idéa de uma sociedade evangelica de moços. Em junho de 1866 cerca de vinte crentes organisaram a Sociedade Evangelica Amor á Verdade, que se manteve durante quatro annos.

Em 1871 appareceu uma outra sociedade com fins identicos, funcionando na travessa das Partilhas e na travessa da Barreira. Esta chamava-se o Gremio Evangelico, tinha uma officina de impressão da qual eram typographos e impressores os proprios socios, dirigidos por Antonio Trajano, Azaro de Oliveira, Carvalho Braga e Ricardo Holden.

Myron Clark, que fez o historico desse movimento, conta ainda mais, antes da actual Associação, a Boa Nova, dirigida por A. Seabra, M. Diel e Antonio Meirelles, em 1875; o Gremio Evangelico Fluminense, organizado por Antonio de Oliveira, Severo de Carvalho, Noé Rocha e Benjamin da Silva, na rua de S. Pedro 97, com o fim de manter um jornal de propaganda, uma classe de musica, bibliotheca, sessões litterarias; a Associação Christã dos Moços, fundada na mesma rua de S. Pedro com uma directoria composta pelos Srs. João dos Santos, Antonio Andrade, José Andrade, José Luiz Fernandes Braga e Salomão Guisburgo, que publicaram o *Biblia*, primeiro jornal evangelico a occupar-se da mocidade no Brasil; e a Sociedade Evangelica de S. Paulo.

A A. C. M. do Rio foi fundada a 31 de maio de 1893. Vinte e dous moços, representantes das igrejas Methodista, Presbyteriana, Fluminense e Baptista, reuniram-se na rua Sete de Setembro 79 e Myron Clark e Tucker expuzeram o fim da reunião. Dias depois approvavam os estatutos e elegiam a directoria: Nicoláo do Couto, Antonio Meirelles,

Luiz de Paula e Silva, Myron Clark e Irvine. Não é possível ter feito tanto em tão pouco tempo! Em 8 de agosto a Associação já estava installada na rua da Assembléa e começava a pôr em actividade os diversos departamentos do trabalho social.

Nem a revolta, nem os bombardéios, nem a agitação apavorada da cidade conseguiram esfriar o santo enthusiasmo. Quando os tiros eram muitos, a Associação fechava as suas salas, para no outro dia abri-las; as aulas funcionavam; e no dia 12 de outubro, quando toda a gente só fallava em tiroteios, os moços christãos iam á Copacabana, iniciando um dos seus ramos de trabalho—a excursão social.

— Como se realisou a compra do predio?

O evangelista limpou o labio secco.

— Em 1895, o secretario geral suggerira a conveniencia do projecto. A directoria approvou-o; na reunião da vigilia os Revs. Leonidas da Silva e Domingos Silveira fallaram, pedindo donativos e compromissos mensaes para crear-se um fundo especial, e nesta occasião começaram os trabalhos da commissão dos compromissos. A Associação têm tido poderosos auxilios estrangeiros, tem em Fernandes Braga, uma alma pura e nobre, um grande esteio, mas no fim da reunião da commissão verificou-se que a somma total dos compromissos era de 65\$000 mensaes.

— Deus do Céu!

— O patrimonio da Associação eleva-se hoje a mais de cem contos. Fernandes Braga comprou o terreno, James Lawson offereceu-se para emprestar o dinheiro das obras, abriu-se uma subscrição, Braga deu dez contos e Lawson dous; a commissão, composta de Fernandes Braga Junior, Lysanias Cerqueira Leite, Luiz Fernandes Braga, Domingos

de Oliveira e Oscar José de Marcenes, multiplicou-se. Dous annos depois inaugurava-se o edificio, a *casa dos moços*, a obra de Deus, como diz o Rvdm. Trajano. A nossa satisfação, porém, meu caro, não vem apenas da realisação desse tentamen.

A A. C. M. do Rio accendeu nos evangelistas do Brasil o desejo de associações identicas. Eu, só, posso citar a Associação Christã de Moços de Bello Horizonte, a Sociedade de Moços Christãos de Castro (do Paraná), a A. C. M. de Sorocaba, a Associação Educadora da Bahia, a de Taubatê, a Legião da Cruz, a Milicia Christã, a Associação de Santo André no Rio Grande, a Associação Christã dos Estudantes no Brasil, filiada á Federação dos Estudantes no Universo, de S. Paulo, a do Natal e a de Nova Friburgo.

— Dentro em pouco estaremos como os Estados Unidos.

— Prouvera a Deus!

Tinhamo-nos erguido.

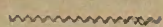
— Onde vai?

— Por ahi, passear, ver.

— Pois venha commigo á Associação, agora. São 7 horas, estão funcionando as aulas. Venha e terá uma impressão do que é o centro do evangelismo no Brasil.

E sahimos pelas ruas pouco illuminadas, em que a chuva miuda punha um véo de nevoas.

A Associação não é nem uma igreja nem uma sociedade mundana, embora possua caracteristicos profanos e seculares: é a casa dos moços, o segundo lar que suppre as necessidades intellectuaes com bibliotheca, cursos, aulas, conferencias; mantem a sociabilidade da juventude em salões de diversões, desenvolve-lhe o physico com gymnasticas, jo-



gos athleticos, passeios, *pic-nics* e, conjunctamente, lhe faz sentir a necessidade da religião. Ha nessa instituição de fonte ingleza o desejo de um equilibrio, a vontade de crear o moço symetrico, o desenvolvimento harmonioso, num ser vivo, da intelligencia, do physico, da natureza social e da alma.

O homem nas grandes cidades perde-se. A Associação ampara-o, serve-lhe de escola, de club, de lar, de templo, dá-lhe banho, conversas moraes, *ping-pong*, danças, aulas nocturnas, ensina-lhe a Biblia, põe-lhe á disposição os jornaes do mundo, fal-o assistir a conferencias sobre assumptos diversos. O moço deixa o lar paterno e, emquanto por sua vez não fórma outro lar, fica nesse ambiente de honestidade, não só se tornando o typo admiravel do equilibrio como preservando das avarias e dos soffrimentos a prole futura.

A Associação é o conforto, a paz e o broquel da honestidade por estes turvos tempos. Tudo quanto ensina é util, tudo quanto diz é honesto, tudo quanto faz é para o bem.

Ao subir as altas escadarias, recordei a phrase do meu amigo. A Associação é o capitel, é a razão de ser da futura propaganda, é o centro do evangelismo, a maneira efficaz por que todas as igrejas evangelistas demonstram na sua perfeita integridade a vida do christão.

Quando chegámos lá em cima, funcionavam as aulas: na sala de diversões jogava-se o *crokinole* e o *carroms*; a um canto conversava-se. Todos estavam bem dispostos e riam com prazer. O meu illustre amigo apresentou-me ao presidente, Braga Junior, um moço intelligente, extremamente modesto; ao secretario, de uma distincção perfeita; e os dous mostraram-me, simples e sem exaggeros, os vastos

salões, o de gymnastica, o das conferencias, o de estudos biblicos, as aulas, a secretaria, a bibliotheca.

A gentileza peculiar aos evangelistas captivava naquelle vasto predio, cheio de vida e de mocidade. Cada phrase do secretario era uma noção exacta, cada reflexão do presidente tinha um grande ar de bondade e de modestia. As mobilias eram novas e por toda a parte os conselhos christãos abundavam.

— Não admire aqui, disse o meu amigo, senão a vida do civilisado e do honesto. Você conversou com os pastores, esteve com os missionarios, assistiu ao culto nas nossas igrejas, viu o esforço das missões. Veja agora apenas a vida. Estes que aqui estão, meu amigo, livres estão dos tres horrendos animaes da visão dantesca. Não os aterram a panthera da litteratura pornographica, o leão do jogo e a loba da lascivia. E, por isto, salvos por Christo, serão maiores amanhã e mais fortes.

Senhor! parecia uma conversão! Apertei-lhe a mão, deixei-o jogando *ping-pong*, desci os dous andares. Na rua ventava uma chuva fria e penetrante. A loba, a lascivia, a panthera, a pornographia, o leão, o jogo, a eterna vida! Quantos neste mundo se salvaram dos animaes symbolicos na grande banalidade da existencia, quantos?

Como apertasse a chuva, embrulhei-me mais no paletot, atravessei as ruas escuras recordando a aparição que fizera recuar o Dante até *lá dove'l Sol tace*.

Más sem gritare sem ver o vulto da salvação, porque talvez a tivesse deixado no salão de divertimentos, na doce paz daquellas almas fortes e tranquillias.

Irmãos e adventistas

Na propria A. C. M. eu soube que o evangelismo ainda tinha duas igrejas no Rio, os irmãos e os sabbatistas. Dos irmãos, apesar dessa classificação tão paternal, o meu informante só conhecia um probo negociante da rua do Hospicio.

Esse negociante era um homem baixo, simples e modesto, vendendo relógios e amando a Deus. Recebeu-me por trás do mostrador, e quando soube que tinha sob os olhos um curioso pasmou.

— Interessa-lhe muito saber o que são os christãos?

— Os irmãos...

— Perdão, os christãos.

— Era para mim um grande favor.

Elle coçou a cabeça, allegou uma grande ignorancia, com humildade. Depois, como eu continuava diante d'elle, resolvido a não sahir, resignou-se.

— Os irmãos que se reúnem á rua Senador Pompeu n. 121 denominam-se christãos.

Não precisa perguntar porque. Leia os actos dos Apostolos capitulo 11, versiculo 26. Existem no Rio, ha vinte e cinco annos. Não têm templo proprio, reúnem-se em casa de um irmão, como deve ser. Leia a Epistola de S. Paulo aos Romanos, capitulo 16, versiculo 5. Os seus estatutos, a sua

regra de fé são as Escripturas e a sua divisa é não ir além dellas. Leia a 1ª Epistola aos Corinthios, capitolo 4, versiculo 6.

— E o pastor, quem é ?

— Reconhecemos como unico pastor a Jesus Christo. Leia S. João, capitolo 10, versiculos 11 e 16. O governo da igreja está ao cuidado dos anciãos ou mais velhos, que fazem esse serviço sem outra remuneração que não sejam o respeito e a honra da igreja. Leia os Actos... Como não nos achamos auctorizados pelas escripturas, não celebramos casamentos, reconhecemos o instituido pelas potestades legalmente constituidas, a quem buscamos obedecer, desde que não contrariem as determinações de Deus. Leia a Epistola aos Romanos versiculos 1 a 6. Naturalmente cuidamos dos pobres e dos enfermos, fazendo collectas e seguindo o ensino das Escripturas. Veja a Epistola aos Corinthios.

— Como se pratica o culto ?

— No primeiro dia da semana congregamo-nos para celebrar a festa da Paschoa christã, ou a ceia do Senhor, ás 11 da manhã com pão e vinho. Nessa occasião adoramos a Deus, entoando hymnos e lendo as Escripturas, interpretando-as e edificando a alma com muitos outros dons do Espirito Santo. Basta ler a este respeito S. Paulo e os Actos e o Evangelho segundo S. Matheus. Reuniram nos tambem aos domingos das 5 1/2 ás 6 1/2 da tarde para estudar as Escripturas. Das 6 1/2 ás 7 1/2 préga-se ao Evangelho.

Era simples, puro, primitivo. Aquelle relojoeiro, que a cada palavra parecia amparar a sua auctoridade na palavra da Biblia, enternecia.

— E que se diz nessa hora de domingo aos pobres peccadores e irmãos?

— Vêde os Actos, S. Paulo, S. João... Só ha um Salvador, só ha um meio para o perdão dos peccados e só existe um mediador entre Deuse os homens — é nascer de novo, é nascer do Espirito Santo. Esperemos a sua chegada.

— Então, Christo está para chegar.

Gravemente o honesto irmão olhou-me.

— Talvez demore. Talvez venha ahí... A corrupção é tanta que só elle a pôde extinguir.

Sahi meio afflicto. E' possivel que ainda se encontre um christão de conto catholico em plena cidade do vicio, é possivel essa candura.

Estava de tal fôrma nervoso que, sabendo obter de um crente em Nictheroy informações sobre os adventistas, escrevi logo uma carta espectacular, pedindo-lhe nota de effeito.

No dia seguinte lia esta resposta laconica e secca:—« Illm. Sr.—Se quizer comprehender a verdade de Deus, venha V. S. até o nosso templo, em Cascadura.»

Era uma recusa? Era uma licção? Guardei a carta humilhado, porque grande crime é para mim maguar a crença de qualquer, e estava, domingo, tristemente lendo quando á porta surgiu um homem de negra barba cerrada, vestido numa roupa de xadrez. Olhou-me fixamente, limpamente e a sua voz, de uma inedita doçura, disse:

— Eu sou o crente a quem ha tempos escreveu!

Levantei-me nervoso. A tarde de inverno cahindo, punha pela sala uma aragem algida e a minha pobre alma

estava num desses momentos de sensibilidade em que se crê no maravilhoso e nos espaços. Fui excessivo de gentileza. Pedia perdão de não ter obedecido ao convite, mas era tão longe, tão vago, em Cascadura...

O crente fervoroso sentou-se, pousou a sua mala no chão, encostou o velho guarda-chuva á parede.

— Não é bem em Cascadura, fica entre Cupertino e essa estação, deixei de mandar-lhe as notas porque não me achava com competencia para as dar. S. João disse : Temei a Deus e dai-lhe Gloria. Eu sou muito humilde, só lhe posso dar a minha crença.

— Mas uma simples informação ?

— Era preciso consultar os meus irmãos.

Eu ficara na sombra, a luz batia-lhe em cheio no rosto. Reparei então nos traços dessa physionomia. O labio era quasi infantil, os dentes brancos, pequenos, cerrados, e toda aquella espessa barba negra parecia sellar potentemente a ineffavel bondade do seu perfil. De resto o crente era timido, cada palavra sua vinha como um apostolado que se desculpa e a sua voz persuasiva ciciava baixinho a crença do Infinito, com um conhecimento dos livros sagrados extraordinario.

— Mas a origem dos adventistas? indaguei eu.

O crente puxou mais a cadeira.

Uma discussão que se levantou na America em 1840 e na qual Guilherme Miller occupou logar saliente. Os adventistas esperavam o fim do mundo em 1844, porque a prophecia de Daniel no capitulo 8 versiculo 14, diz que o santuario será justificado ou purificado ao fim do decurso do periodo prophetico de 2.300 dias.

— Deus! em tão pouco tempo?

— Dias propheticos equivalentes a um anno. Os adventistas julgavam que o 2.300 era o anno de 1844 e que a justificação ou purificação do santuario importaria em ser queimada a terra com a vinda de Christo.

Esperavam pois a vinda de Jesus.

Olhei o crente. Os seus olhos eram beatos como os olhos dos puros.

— Ora o tempo passou e Christo não veiu...

— Sim, fez elle, e claro ficou o erro. Ou houvera falta na contagem dos 2.300 dias ou a purificação do santuario não era a purificação da terra na segunda vinda de Christo. Mas a questão agitara o estudo. A cousa foi examinada e duas opiniões se formaram. Uns julgavam que o periodo propheticos ainda não decorrera, outros, com lento trabalho, chegaram á convicção de que o erro existia na palavra santuario.

— Então o santuario?

— Não tem applicação á terra, mas verdadeiramente ao céu, onde Jesus Christo entrou no fim desse periodo de tempo, para purificar-o com o seu proprio sangue, com forme está descripto.

A classe que acceitou essa interpretação é a que se chama adventistas do 7º dia. Não marcamos tempo nem cremos que qualquer periodo propheticos assignalado na Biblia se estenda até nós.

— Então acceitam como base da fé.

— A Biblia Sagrada, a palavra de Deus, sem tradições e a auctoridade de qualquer igreja. Christo é o Messias promettido, só por elle se obtem a salvação. As pessoas salvas observam os dez mandamentos, inclusive o

4º, celebram a santa ceia do Senhor, em connexão com o acto de humildade praticado por Jesus Christo, crêem na resurreição, que os mortos dormem até esse momento, conforme as palavras do Salvador em S. João...

— A resurreição?

— Sim, a dos justos far-se-á na segunda vinda de Christo, a dos ímpios mil annos depois, com um grande fogo que os queimará e purificará a terra!

— Então não é tão cedo?...

— Infelizmente, parece. Nós fazemos o bem, temos uma missão medica, que envia facultativos a toda a parte do mundo, fundámos sanatorio, e, crendo que a educação intellectual não basta, conseguimos escolas industriaes.

A' semelhança do christianismo nos tempos apostolicos o adventismo tomou um rapido incremento, elevando-se o numero de crentes a 80.000, segundo as prophecias sagradas.

— E a obra no Brasil?

— A obra no Brasil começou em 1893, contando hoje um numero de membros leigos de 800 a 900 espalhados na maioria pelos Estados de Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, contando o seu corpo ecclesiastico: tres pregadores ordenados, tres licenciados, dous missionarios medicos, dous professores directores de escolas missionarias e onze professores de escolas parochiaes, sete colportores evangelistas, uma revista *O Arauto da Verdade* e um redactor.

Na sua organização outros membros occupam cargos segundo os dons manifestados e conforme a necessidade do trabalho na obra de Deus.

Tem quinze egrejas organisadas.

O actual presidente do trabalho é um medico missionario Dr. H. F. Graf, (residente em Taquary—Rio Grande, do Sul e o secretario-thesoureiro o irmão A. B. Stauffer, residente no Districto Federal em Cascadura.

Ha ainda uma commissão administrativa composta de sete pessoas, duas escolas missionarias, uma em Taquary e (Rio Grande do Sul) outra em Brusque (Santa Catharina), e onze escolas parochiaes.

Elle levantara-se. Terminada a informação, partia como um personagem de lenda. Pegou da mala, do guarda-chuva.

— Bernardino Loureiro, quando quizer...

Apertei-lhe a mão com reconhecimento. Se ha no mundo momentos fugazes de sinceridade, a presença desse varão, m'os tinha dado com extrema paz que vinha da sua palavra.

— Diga-me uma cousa, uma ultima. E Christo? Quando vem Christo?

— Os signaes que deviam preceder a sua vinda, conforme Elle mesmo predisse em Matheus, cumpriram-se. E' de crer que a sua vinda esteja proxima.

— Quando?

— Ainda nesta geração, talvez amanhã, quem sabe?

Tornou a apertar-me a mão, sumiu-se. Passara como o annunciador, apagara-se como um raio de sol.

A noite cahira de todo. As trevas subiam lentamente pelas paredes e a brisa humida, entrando pelas janellas, sacudia as folhas de papel esparsas, num tremor assustado.

0 ESPIRITISMO

Entre os sinceros

O marechal Ewerton Quadros esperava um bond para a cidade, quando um bond passou inteiramente vazio.

— Por que não toma este? perguntaram-lhe.

O marechal mergulhou mais a face adunca nas barbas mathusalenicás:

— Não é possível. Está cheio de espiritos máos ! e, como apparecesse outro inteiramente cheio, agarrou-se ao balaustre e veio de pé até á cidade.

Desde que se deixa a traficancia do baixo espiritismo, que se conversa nas rodas intellectuaes cultivadas, esse estado allucinante torna-se normal.

Ao subirmos as escadas da Federação, o meu amigo ia dizendo.

There are more things in heaven and earth

(*Horacio*)

There are dreamt of in your philosophy.

Esses melancolicos versos, temerosos do mundo invisivel, resumen o nosso estado mental.

Muita cousa ha no mundo de que não cuida a nossa vã philosophia, muita cousa ha neste mundo invisivel...

Já não se conta o numero de espiritos orthodoxos, conta-se a attracção dos nossos cerebros mais lucidos pela sciencia da evelação. A marinha, o exercito, a advocacia, a medicina,

o professorado, o grande mundo, a imprensa, o commercio têm milhares de espiritas. Ha homens que não fazem mysterio da sua crença. Os generaes Girard e Piragibe, o major Ivo do Prado, o almirante Manhães Barreto, Quintino Bocayuva, Felix Bocayuva, Eduardo Salamonde, os Drs. Geminiano Brasil, Celso dos Reis, Monte Godinho, Alberto Coelho, Maia Barreto, Oliveira Menezes, Alfredo Alexander proclamam a pureza da sua fé. A Federação tem 800 socios e ainda o anno passado expediu 48 mil receitas.

Os que não praticam a moral aceitam a parte phenomenal. E' ao chegar a essa esphera que se começa a temer a phrase do catholico: «O espiritismo é um abysmo encantador; foge ou de lá nunca mais sahirás». Se na sociedade baixa, centenas de traficantes enganam a credulidade com uma inconsciente mistura de feitiçaria e catholicismo, entre a gente educada ha um numero talvez maior de salas onde se estudam o phenomeno psychico e a adivinhação do futuro, com correspondencia para Londres e um ar superiormente convencido.

De certo, em parte, a frivolidade que faz senhoras elegantes citarem poetas francezes e conversarem de occultismo nos *gutters* invernaes faz de algumas dessas sessões um divertimento identico á lanterna magica e ao *law-tennis*; de certo ha entre os mais convictos Buvard, Pecuchet e mesmo o conselheiro Accacio; mas, frivolos e tolos foram sempre meios inconscientes de expansão de uma crença, e o espiritismo scientifico delles se serve para triumphar...

Nas rodas mais elegantes, entre *sportmen* intelligentes, lavra o desespero das communicações espiritas, como em Paris o automobilismo.

Ainda ha alguns mezes senhores do tom ao voltar do Ly-

rico, encasacados e de gardenia ao peito, communicavam-se no hotel dos Estrangeiros com as almas do outro mundo, por intermedio de uma cantora, *medium* ultra-assombroso.

A tarde na Colombo, esses senhores combinavam a *partie de plaisir*, e á noite nos corredores do Lyrico, enquanto o Caruso rouxinoleava corpulentamente para encanto das almas sentimentaes, elles prelibavam as revelações somnambulicas da *medium* musical.

Esses factos são raros, porém, e as experiencias assombrosas multiplicam-se; os *mediuns* curam creaturas a morrer, Leoncio de Albuquerque, que tratava caridosamente a Saude em peso, annuncia, sem tocar no doente, o primeiro caso de peste bubonica, e cada vez mais augmenta o numero dos crentes.

O meu amigo dizia-me :

— Nunca se viu uma crença que com tal rapidez assombrasse crentes. Se o *Figaro* dava para Paris cem mil espiritas, o Rio deve ter quasi igual somma de fieis. O Brasil, pela junção de uma raça de sonhadores como os portuguezes com a phantasia dos negros e o pavor indiano do invisivel, está fatalmente á beira dos abysmos de onde se entrevê o além. A Federação publicou uma estatistica de jornaes espiritas no mundo inteiro. Pois bem. Existem no mundo 96 jornaes e revistas, sendo que 56 em toda a Europa e 19 só no Brasil...

— Como se reconhecem as nossas aptidões litterarias !

— Não ria. Tudo na terra tem a sua dupla significação.

— E quaes são essas revistas e jornaes ?

— *Mensageiro*, em Manáos, Amazonas. *Luz e Fée Sophia*, em Belém, Pará. *A Cruz*, em Amarante, Piauhy. *Doutrina de Jesus*, em Maranguape, Ceará. *A Semana*, (sciencias e let-

tras), no Recife, Pernambuco. *A Verdade*, em Palmares, Pernambuco. *O Espirita Alagoano*, *A Sciencia*, em Maceió, Alagoas. *Revista Espirita*, em S. Salvador, Bahia. *Reformador*, no Rio de Janeiro. *Fraternisação*, *Verdade e Luz*, *A Nova Revelação*, *O Alvião* e *A Doutrina*, em Curityba, Paraná. *Revista Espirita*, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *A Regeneração*, no Rio Grande. *O Allan Kardec*, em Cataguazes, Minas Geraes.

— Como começou esta propaganda no Brasil ?

— Homem, o Sr. Catão da Cunha diz que os primeiros espiritas brasileiros appareceram no Ceará ao mesmo tempo que em França. A propaganda propriamente só começou na Bahia, no anno de 1865, com o Grupo Familiar do Spiritismo.

Era o espiritismo em familia, *ab ovo*, porque aos quatro annos depois surgiu o primeiro jornal, dirigido pelo Dr. Luiz Olympio Telles de Menezes, membro do Instituto Historico da Bahia. Esse jornal intitula-se *O Echo de Além Tumulo*. A propaganda tem sido rapida.

Ainda em 1900 no seu relatorio ao Congresso Espirita e Espiritualista de Paris, a Federação accusava adhesões de setenta e nove associações e o apparecimento de trinta e dous jornaes e revistas de propaganda, entre os quaes o *Reformador*, que conta vinte e quatro annos de existencia.

Basta esse relatorio para affirmar a força latente da crença.

Vamos á Federação, o centro onde se praticam todas as virtudes do espiritismo. Verá com os seus proprios olhos.

A Federação fica na rua do Rosario 97. E' um grande predio, cheio de luz e de claridade. Cumprem-se ahi os preceitos da orthodoxia espirita; não ha remuneração de trabalho e nada se recebe pelas consultas. A directoria gasta

parte do dia a servir os irmãos, tratando da contabilidade, da bibliotheca, do jornal, dos doentes. A installação é magnifica. No primeiro pavimento ficam a bibliotheca, a sala de entrega do receituário, a secretaria, o salão de espera dos consultantes e os consultorios. Seis *mediuns psychographicos* prestam-se duas horas por dia a receitar, e as salas conservam-se sempre cheias de uma multidão de doentes, mulheres, homens, crianças, figuras dolorosas com um laivo de esperança no olhar.

A casa está sonora do rumor continuo, mas tudo é simples, caridoso e sem espalhafato. Quando entramos não se lhe altera a vida nervosa. A Federação parece um banco de caridade, installado á beira do outro mundo. Os homens agitam-se, andam, conversam, os doentes esperam que os espiritas venham receitar pelo braço dos *mediuns*, e os *mediuns*, sob a acção psychographica, fallam e conversam enquanto o braço escreve.

Atravessamos a sala dos clientes, entramos no consultorio do Sr. Richard. Ha uma hora que esse honrado cavalheiro, espirita convencido, escreve e já receitou para quarenta e sete pessoas.

— Ha curas? perguntamos nós, olhando as fileiras de doentes.

— Muitas. Nós, porém, não tomamos nota.

— Mas o senhor não se lembra de ter curado ninguem?

— A mim me dizem que puz boa uma pessoa da familia do general Argollo. Mas não sei nem devo dizer. E' o preceito de Deus.

Deixamol-o receitando, já perfeitamente normalizados com aquelle ambiente estranho, e interrogamos. Ha milhares de curas. A Sra. Georgina, esposa do Sr. Cesar Pacheco,

depois de louca e cega, ficou boa em dez dias; o Sr. Julio Cesar Gonçalves, morador á rua de Sant' Anna n. 26, que tinha o corpo num só d'arthro, curou-se em dous mezes com passes magneticos; D. Jesuina de Andrade, viuva, quasi tísica, em trinta dias salva, e outros, outros muitos.

Que valor têm essas declarações? Os doentes enfileirados parece crerem e o Sr. Richard é a fé em pessoa. E' quanto basta talvez:

No segundo pavimento, encontramos desenhos de homens ignorantes inspirados pelos grandes pintores. Raphael guia a mão de operarios em movimentados quadros de batalhas, e outros pintores mortos, sob incognito, fazem desenhos extraordinarios por intermedio de machinistas da armada...

Essas cousas nos eram explicadas simplesmente, como se tratassemos de cousas naturaes.

— Quando ha sessão? perguntou o nosso amigo.

— Hoje, ás 7 horas. Podem ver, é a sessão de estudo.

Nós ainda olhámos photographias de espiritos, o retrato de D. Romualdo, um sacerdote que de além tumulo vem sempre visitar a Federação, e esperámos a sessão de estudo, attrahidos, querendo ver, querendo ter a doce paz daquelles entes.

A sessão começou ás 7 1/2, na sala do 2º andar, toda mobiliada de canella *cirée* com frisos de ouro. Nas cadeiras, cavalheiros de sobrecasaca, senhoras, *demoiselles*. Os bicos Auer accesos banhavam de luz clara toda a sala, e pelas janelas abertas ouviam-se na rua o estalar de chicotes e gritos de cocheiros.

Sem as visitas do irmão Samuel, ninguem diria uma sessão spirita. Depois de lida e approvada a acta da sessão

anterior, como na Camara dos Deputados, Leopoldo Cirne, o presidente, que ao começo nos dissera um adeusinho, perfeitamente mundano, transfigura-se e a sua voz toma suas vaidades ineditas.

— Concentremo-nos, irmãos!

Immediatamente todos fechamos olhos, como querendo concentrar o pensamento numa unica idéa. As senhoras tapam o rosto com o leque e têm os olhos cerrados. De repente, como movida por todas aquellas vontades, a mão do psychographo cai, apanha o papel, o lapis, e escreve rapidamente linhas adelgadas. No silencio ouve-se o lapis roçando o papel de leve; e é nesse silencio que o lapis pára, o *medium* esfrega os olhos e começa a leitura da communicação.

— « Paz! Irmãos. Deus seja convosco. As palavras do philosopho grego: conhece-te a ti mesmo... »

E' Samuel o espirito que falla, achando que para comprehender a vida e o bem é necessario antes de tudo conhecermo-nos a nós mesmos. Leopoldo Cirne não se move.

Quando Samuel termina, ouve-se então a sua voz delicada, tremula de humildade.

E' elle quem faz o commentario.

— Meus irmãos, essas palavras que Socrates mandou inserir no templo de Delphos...

E esse homem, que nós vemos tão correcto e tão mundano. gostando de Eça de Queiroz e lendo Verlaine, surge-nos o pastor, o rabbi, o iniciador. O seu semblante espiritualisa-se em attitudes extaticas, a sua voz é a blandicia mesmo que nos acaricia a alma prégando a bondade e a demolição das vaidades. As senhoras ouvem-no anciosas; ao nosso lado dizem-no inspirado, actuado pelos espiritos. De tal fórma é subtil o seu raciocinio, de tal fórma desfaz velhas crenças

no incensario de um Deus espiritual que, de certo, se oactuaem espiritos, falla pela sua bocca Ponce de Léon.

Elle cala, enxuga a face. Depois, no estudo do Evangelho, no trecho de Jesus com os escribas e phariseus sobre o alimento da alma, de novo a sua voz corre como um fio d'agua entre sombras macias, sorvida por toda aquella gente attenta e sofrega. Leopoldo Cirne acaba num sopro, tão baixo que mais parece uma vaga harmonia.

Em seguida falla o Sr. Richard, que condemna alguns dos nossos males, entre os quaes o patriotismo, — porque não se póde amar uns mais do que outros, quando todos são iguaes perante Deus.

— Terminámos o nosso estudo. Não ha mais quem queira fallar ?

Leopoldo Cirne ergueu a loira cabeça de Salvador, fixando os olhos na minha pobre pessoa. Era a attracção do abysmo, uma explicação indirecta, feita como quem, muito cansado da travessia por mundos ignorados, viesse a conversar á beira da estrada com o viandante descrente.

«O Espiritismo, fez elle, ou revelação dos espiritos, systematisada em doutrina por Allan Kardec, que recolheu os seus ensinios acerca do universo e da vida e das leis que os regem, e com os quaes formou as obras ditas fundamentaes *O Livro dos Espiritos — O Livro dos mediuns — O Céu e o Inferno — A Genese — O Evangelho segundo o Espiritismo*, reúne o triplice aspecto de sciencia, philosophia e moral (ou religião).

Como sciencia de observação estuda, não sómente os phenomenose espiritas, desde os mais simples, como os ruidos e perturbações (casas mal assombradas) e os effeitos physicos (deslocação de objectos sem contacto) etc., até os

mais transcendentas, como as materializações de espiritos (observações de Crookes, Aksakof, Zoellner, Dr. Gibier, etc.) como também todos os phenomenos da natureza, investigando a genese de todos os seres, numa vasta synthese, e nelles buscando a origem do principio espiritual, dos estados mais rudimentares aos mais complexos — pois que um germen, um esboço dessa natureza parece constituir a essencia de toda fórma. Em taes condições relaciona-se com todos os ramos das sciencias humanas: a physica, a chimica, a biologia, a historia natural, etc., sem esquecer a propria astronomia, por isso que igualmente sonda o universo sideral, « as diversas moradas da casa do Pai » de que fallou Jesus, e que são os mundos habitados, disseminados no infinito.

Ao lado de taes observações, procura fixar as leis do universo e da vida, das quaes a da evolução é a chave, estando tudo submettido ao progresso, na ordem physica, moral e intellectual.

Como philosophia, sobre esses dados da observação desdobra as mais logicas inducções, partindo do infinitamente pequeno e dos raciocinios mais elementares para o infinitamente grande e até ás mais transcendentas consequencias, isto é, até á demonstração da existencia de Deus.

Sobre aquelle principio da evolução universal, prova com a pluralidade dos mundos a pluralidade das existencias da alma, a immanencia da lei eterna de justiça, em virtude da qual o espirito, depois de cada existencia, colhe as lições da experiencia (de resto, permanente na vida quotidiana) e soffre as consequencias de seus actos bons ou máos, sendo assim feliz ou desgraçado, trazendo para a outra existencia, em uma nova encarnação, as suas aquisições do passado, que se denunciam nas tendencias e aptidões innatas,

guardando assim latente a reminiscencia *substancial* desse passado, com esquecimento apenas do *circumstancial*, isto é, dos factos concretos e dos incidentes, além de tudo porque no cerebro actual só se acham gravadas as impressões dessa nova vida. Tudo o mais está guardado nas profundezas da sub-consciencia, podendo reaparecer nos estados de somnambulismo e, em geral, em todos os casos de desdobramento (experiencias do magnetismo e de psychologia transcendental).

Assim prosegue, de vida em vida, a evolução *insefinita* do espirito, sendo-lhe accessiveis todas as perfeições, que conquistará pelo proprio esforço.

Com a evolução dos individuos e, por conseguinte, das humanidades, coincide a evolução dos mundos physicamente, devendo a nossa terra, como todas as do espaço, ao aperfeiçoamento já assignalado das épocas prehistoricas aos nossos dias accrescentar novos e constantes aperfeiçoamentos, em harmonia com essas maravilhosas leis da criação, que constituem o lado mais bello do estudo philosophico do Espiritismo.

Como moral ou religiãoe no sentido de favorecer a realisação do seu ideal philosophico, o Espiritismo se propõe o restabelecimento do Evangelho de Jesus, que a igreja deturpou e fez cahir no olvido.

O seu lemma é: « Fóra da caridade não ha salvação ». E' por conseguinte tolerante e, fiel ás maximas christãs fundamentaes: « Não faças aos outros o que não queres que te façam ». — « Ama o teu proximo como a ti mesmo », não hostilisa nenhuma crença, respeitando todas as convicções sinceras.

E', sob qualquer dos seus aspectos, partidario do livre

exame, nada recommendando que seja acceito e admittido sem a sancção do raciocinio, porque sabe, com o Mestre Allan Kardec, que « a unica fé inabalavel é aquella que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade ».

O Espiritismo, em summa, sobre explicar todas as apparentes anomalias da vida, vem offerecer o conforto e a esperanza aos que soffrem, aos que erram e se transviam no mal, cedendo ás suas multiplas ciladas; vem esclarecer acerca das suas responsabilidades, dando á vida um objectivo alto, nobre e digno, sobranceiro ás torpes materialidades e ás transitórias vicissitudes; aos que procuram lealmente a verdade proporciona um ideal que ultrapassa as máis exigentes aspirações da intelligencia e da razão.

A todos offerece a calma interior, a paz, a resignação, a paciencia e a fé inabalavel no futuro. E', pois, o problema da regeneração e da felicidade humana que vem resolver.»

Houve um longo silencio. Um homem magro levanta-se e conta que veiu da casa de um irmão agonisante. O irmão deseja uma oração e pede aos amigos não o deixem de ver.

— Concentremo-nos! diz de novo a voz expirante do presidente.

As fronteiras curvam-se, o *medium* toma o lapis. E' Samuel que volta.

— Paz! diz elle, a vaidade é um monte que nos separa do bem. Entretanto, irmãos...

Com a presença do espirito de Samuel, levantam-se todos e Richard faz a oração pelo irmão agonisante para que o guarde em bons céos.

Depois um arrastar de cadeiras, apertos de mão, riso, conversa. Está acabada a sessão. Leopoldo Cirne volta da

sua transfiguração, recobrando a voz habitual e a cortezia de sempre.

Faço, receioso, um cumprimento aos seus dotes sagrados.

— Ah ! sim ? faz elle, pasmado, como se nunca se tivesse ouvido.

Então peguei no chapéo sorateiramente. Esse constante estado fluctuante entre a realidade e o invisivel, essas fugidas ao espaço para conversar com os espiritos, a caridade evangelica do homem á beira do real, eram allucinantes. Desci as escadas devagar, aquellas escadas por onde subia sempre a romaria dos enfermos ; na rua enxuguei a frente, olhando o edificio, menos mysterioso que qualquer club politico. E como passasse um bond inteiramente vazio, reflecti que esse bond podia bem ser como o do marechal Quadros e voltei, a pé, devagar, para não dar encontrões nas pessoas que talvez commigo tivessem passado todo aquelle dia do outro mundo.

Os exploradores

*False Sphinx ! False Sphinx! by reedy Styx
Old Charon learning on his oar
Waits for my coin. Go thou before...*

Ao chegar á praça Onze, tomámos por uma das ruas transversaes, escura e lobrega. Ventava.

— E' aqui, murmurou cansado o nosso amigo, parando á porta de um sobrado de apparencia duvidosa.

Havia oito dias já andavamos nós em peregrinação pelo baixo espiritismo. Elle, intelligente e esclarecido, dissera:

— Ha pelo menos cem mil espiritas no Rio. E' preciso, porém, não confundir o espiritismo verdadeiro com a exploração, com a falsidade, com a credence ignorante. O espiritismo data de 1873 entre nós, da criação da Sociedade de Confuncios. Talvez de antes; data de umas curiosas sessões da casa do Dr. Mello Moraes Pai, a bondade personificada, um homem que andava de calções e sapatos com fivelas de prata. Mas, desde esse tempo, a religião soffre da incompreensão de quasi todos, substitue a feitiçaria e a magia

Foi então que começámos ambos a percorrer os centros, os focos dessa tristeza.

O Rio está minado de casas espiritas, de pequenas salas mysteriosas onde se explorama morte e o desconhecido. Esta

pacatacidade, que ha 50 annos festejava apenasa côrte celeste e tinha como supremo mysterio a mandinga o preto escravo, é hoje como Byzancio, a cidade das cem religiões, lembra a Roma de Heliogabalu, onde todas as seitas e todas as crenças existiam. O espiritismo diffundiou-se na populaça, enraizou-se, substituindo o bruxedo e a feitiçaria. Além dos raros grupos onde se procede com relativa honestidade, os desbriados e os velhacos são os seus agentes. Os *mediuns* exploram a credulidade, as sessões mascaram cousas torpes e de cada um desses viveiros de fetichismo a loucura brota e a hysteria surge. Os ingenuos e os sinceros, que se julgam com qualidades de mediumnidade, acabam presas de patifes com armazens de cura para a exploração dos credulos; e a velhacaria e a sem-vergonhice encobrem as chagas vivas com a capa santa do espiritalismo. Quando se começa a estudar esse mundo de desequilibrados é como se vagorosamente se descesse um abysmo torturante e sem fundo.

A policia sabe mais ou menos as casas dessa gente suspeita mas não as observa, não as ataca, porque a maioria das auctoridades tem medo e fé. Ainda ha tempos, um delegado moço frequentava a casa de um espirita da praia Formosa para se curar da syphilis. Se os delegados são assim apavorados do futuro, reduzindo a mentalidade á crença numa panacéa mysteriosa, o pessoal subalterno delira...

— Veja você, disse-nos o amigo espirita, toda a nossa religião resume-se nas palavras de Christo á Samaritana: « Deus é espirito e em espirito quer ser adorado ». Essa gente não comprehende nada disso, maravilha-se apenas com a parte phenomenal, com a canalhice e a magia. E' horrivel. Os proprietarios dos estabelecimentos de cura animica a preço reduzido exploram; o povaréo vai todo, alliando as

crendices do novo ás bagagens antigas. São catholicos ou perdidos a servirem-se dos espiritos como de um baralho de cartomante.

Com effeito, todas as casas em que entrámos estavam sempre cheias. Na maioria frequentam-nas pessoas de baixa classe, mas se pudesseamos citar as senhoras, as damas do *high-life* que se arriscam até lá, a lista abrangeria talvez metade das creaturas radiosas que frequentam as récitas do Lyrico. Alguns desses logares equivocos não são só engodos da credulidade, servem de mascaras a outras conveniencias. A sessão fica na sala da frente, mas o resto da casa, com camas largas, é alugado por hora a alguns pares de irmãos. O *medium*, nesses momentos, deixa o estado somnambulico para servir o freguez, e um centro espirita revestido de mysterio, com o apparatus das portas fechadas, dos passes e das velas accesas, transforma a crença, cuja oblata é a virtude maxima, numa nodoa de descaro sem nome.

Nós visitámos uns cincoenta desses milhares de centros. A cidade está coalhada delles. Ha em algumas ruas dous e tres. Estivemos no Andarahy Grande, na rua Formosa, na estação do Rocha, na rua da Imperatriz, no morro do Pinto, na praia Formosa, no Engenho de Dentro, na rua Frei Caneca, na rua Francisco Eugenio, assistindo ás sessões e ouvindo a visinhança, que é sempre o thermometro da moralidade de qualquer casa.

Um pouco de scepticismo ou de simples crença basta para comprehender a pulhice dessas pantomimas lugubres.

Assim, ha uma tropa de mulheres, a Galdina da rua da Alfandega, a negra Rosalina da rua da America, a Aquilina da rua do Cunha, a Amelia do Aragão, a Zizinha Viuva da rua Senhor de Mattosinhos, a Augusta da rua Pre-

sidente Barroso, a Thomazia, da rua Torres Homem n. 14, que estabelecem o commercio com consultas de 500 réis para cima e praticam cousas horrendas, abortos, violações a preço fixo e têm trabalhos em que são acompanhadas de secretarias; ha espiritas ambulantes, como o negro Samuel, que já foi cozinheiro, móra na rua Senador Pompeu n. 157 e vai de casa em casa fazer passes; ha mulatos pernesticos, o Zizinho da rua de S. Januario, o Claudino da rua de Sant'Anna, o Joãozinho da rua Sorocaba, com consultas nocturnas; ha portuguezes como um tal Sr. Carneiro, da Praia Formosa, e o Simões, da rua Viscondede Itauna, que exigem 20\$ por consulta e mandam os doentes comprar uma vela de cera e tomar um banho de cevada... Ha de tudo, até synetas, rapazes de passinho rebolado, que quando não prestam mais para o commercio publico estabelecem-se nas ruas do meretricio com adivinhações espiritas!

E nesse complexo notam-se os centros familiares, uma porção de centros, alguns dos quaes dão bailes mensaes e, quando não são casas de fabricação de loucuras levando á hysteria senhoras indefesas, servem para a mais desfaçada immoralidade e a mais ousada exploração.

No morro do Pinto a feitiçaria impera Numa sala baixa, illuminada a kerosene, assentam-se os fieis, mulheres desgrenhadas, mulatinhas bamboeantes, negras de lenço na cabeça com o olhar alcoolico, homens de calças abombachadas, valentes com medo das almas do outro mundo, que ao sahir dalli ou alli mesmo não trepidariam em enfiar a faca nas entranhas do proximo. As luzes deixam sombras nos cantos sujos. No momento em que entramos, o *medium*, em chinellas, é presa de um tremor convulso. Diante do estrado, uma portugueza, com o olhar de gazella assustada

na face vellutinea, espera. A pobre casou, o marido deu para beber e, desgraça da vida ! bate-lhe de manhã, á noite, deixa-a derreada.

E' a mãe dessa mulher que está dentro do *medium*. Todos tremem, de olhos arregalados.

De repente, o *medium* estarrece e por trás dos seus dentes, ouve-se uma voz de palhaço :

— Como estás, minha filha, vais bem ?

— A mãe ! A mãe ! murmura a portuguezita infeliz, aterrada, em meio o palpitante silencio.

— Que deve fazer sua filha ? pergunta o evocador.

— Ter confiança em Deus. Eu devia estar no inferno. A *misordia* perdoou a mãe della. Toda a desgraça vem de um bruxedo que puzeram na soleira da porta...

— Quem foi ? faz a portugueza numa voz de medo.

— Uma mulata escura que gosta do seu homem. Elle vai ficar bom. Dê-lhe o remedio que eu receitar e crave um punhal no travesseiro tres noites a fio...

Um homem magro, parecido com o general Quintino, faz uns passes ; o *medium* volta a si num sorriso imbecil.

— Está satisfeita ? pergunta o espertalhão dos passes.

— A mãe ! a pobre da mãe tão boa ! A portugueza rebenta num choro convulso ; uma negra epileptica, velha, esquelida, começa a gritar numa crise tremenda, enquanto o homem magro brada:

— Está com o *espírito* máo ! Está mesmo !

Essas scenas sinistras são compensadas por outras mais alegres. Num dos nossos bairros, o *medium* dá sessões de manhã, evoca os espiritos para saber qual é o bicho que ganha e, como é vidente, vê os espiritos com fórmulas de animaes.

— E' o burro, é o burro ! grita em estado somnambulico, e a rodinha toda joga no burro.

No Andarahy Grande o curandeiro é divertido e bailarino. Em vesperas de S. João dá um brodio de estalo com ceia copiosa e vinhaça de primeira. Este tem a especialidade das mulheres baratas. A rua de S. Jorge, a da Conceição, a do Senhor dos Passos, a do Visconde de Itaúna lá estravam a alma sentimental das meretrizes, dos soldados e dos rufiões. O nosso homem cura tudo: darthros, feridas más, constipações, amores mal retribuidos, odios. E' phantastico! As mulheres têm-lhe uma fé doida. O espiritismo para ellas é o milagre, a intervenção dos espiritos junto de um poder superior. Antes de ir á consulta, ajoelham no oratorio e vão com todos os seus bentinhos, as figas de guiné, o espanta mão olhado das negras minas. Mas o cavalheiro do Andarahy é sagrado. Toda essa fé emana, dizem, de uma sua predicção feliz. Uma mulher que voltava da Misericordia recebeu por seu intermedio communicação de que seria honesta; e tres mezes depois um homem sério levou-a. A suburra do Rio venera-o, frequenta-lhe as festas e sustenta-o.

— São infames. O lemma do espirita é: sem caridade não ha salvação. Seja a caridade delles. Quando não são isso, fazem das sessões, como o Torterolli, sessões de orgia publica... Não posso mais !

Afinal, naquella noite tinhamos resolvido acabar a travessia pelos *bas-fonds* da crença, com a alma entristecida pela visão de salas indenticas, onde o espiritismo substitua a bisca, os espiritos servem de feiticeiros e dão remedios para pescar amantes ; das salas que, como na rua de S. Diogo, mascaram as casas de quartos por hora. A casa da rua transversal á praça Onze seria a ultima a visitar.

— Entre, disse o meu amigo.

Enfiámos por um corredor escuro, subimos. No pátio um bico de gaz silvava, batido pelo vento da rua.

— Papai, dous homens, bradou uma voz de criança.

Logo appareceu, em mangas de camisa, um mulato de bigodes compridos, que se desmanchou em riso e amabilidades para o meu companheiro.

— A que devo as honras ? disse sibilando os ss.

— As honras, como diz, deve-as alli ao irmão. E' um sympathico que quer crer e anda, na duvida, á procura da verdade. Que diz você da verdade ?

— Verdade ? Ora esta ! Verdade é o espirito !

— Bravo !

Fomos entrando para a sala de jantar, com moveis de vintaggio e garrafas por todos os aparadores.

— Nem de *preposito*, fez o cabra. O *medium* está alli proseando com a gente.

O *medium* é um typo de *hébété*, de quasi cretino. Loirinho, de um loiro de estopa, com a face côr de oca e as gengivas sem dentes, é carteiro de 2ª classe dos Correios. Tem a farda suja e a gravata de lado. Durante todo o tempo em que o mulato nos conta as suas curas, elle sopra monosyllabos e remexe a cabeça, dolorosamente, como se lhe estivessem enterrando alfinetes na nuca.

Um mal estar nos invade, como o annuncio de uma grande desgraça.

— Ha typos que usam hervas para fingir que é espirito, diz o curandeiro. Eu não ; cá commigo é a verdade. Um desses *araras* põe nox vomica na agua para os doentes lançarem e diz que é o espirito limpando lá dentro. Peccado ! Apre ! Eu agora tenho um doentinho. Veiu-lhe uma febre de quei-

mar. A mãe não tem quasi dinheiro, mas não o gasta na pharmacia. Eu o curo logo. . .

De repente parou. Pela escada subia um tropel, e uma mulher magra, livida, aos soluços, entrou na sala.

— Então que ha ?

— O pequeno está mal, muito mal, revirando os olhos. Salve-m'o ! Salve-m'o !

— E' o tal que eu lhes dizia. Não se assuste, D. Anninha. Eu já lhe disse que o pequeno ficava bom ; os espiritos querem . . . E para nós : venham ver.

Levou-nos ao terraço, ao fundo, mergulhou um litro vazio numa tina d'agua, encheu-o, collocou-o em cima da mesa.

— Durma, Zezé, durma !

E esfregou as mãos na cara do carteiro, subitamente em pranto. O homem revirava os olhos, sacudia a cabeça.

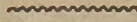
— E' o espirito ; veiu, quer que seu filho fique bom . . . E de repente o diabolico começou a estender as mãos do carteiro choroso ao gargalo do litro.

— Não está vendo o espirito entrar ? olhe . . . No litro cheio bolhas de oxygenio subiam vagarosamente e a pobre mulher, agarrando a mesa, com os olhos já enxutos, seguia anciada o milagre que lhe ia salvar o filho.

De repente, porém, uma voz estalou em baixo, na ventania:

— Mamã ! Mamã. De pressa ! Joãosinho está morrendo, Joãosinho morre !

Essas palavras produziram um tal choque que nós saímos desvairados, de roldão, com o mulato e a mulher, sentindoum travor de morte nos labios, angustiados, lembrando



dessa criança que a inconsciencia deixara morrer. E na ventania cortada de chuva, entre as variadas recordações dessa vida de oito dias horrendos pelos antros escuros onde viceja o espiritismo falso, a visão dessa criança perseguia-nos cruciantemente, como o remorso de um grande e infinito mal...



INDICE

A Religião.....	1
<i>No Mundo dos Feitiços.....</i>	3
Os Feiticeiros.....	5
As Iauô.....	19
O Feitiço.....	31
A Casa das Almas.....	43
Os novos feitiços de Sanim.....	55
<i>O Salanismo.....</i>	67
Os satanistas.....	69
A missa negra.....	81
Os exorcismos.....	93
A igreja positivista.....	105
As Synagogas.....	117
A Nova Jerusalém.....	127
O Culto do Mar.....	137
As Sacerdotizas do Futuro.....	147
Os Maronitas.....	161
Os Physiolatras.....	171
<i>O Movimento Evangelico.....</i>	189
A Igreja Fluminense.....	191
A Igreja Presbyteriana.....	201
A Igreja Methodista.....	211
Os Baptistas.....	221
A. A. C. M.	231
Irmãos e adventistas.....	241
<i>O Espiritismo.....</i>	251
Entre os sinceros.....	253
Os exploradores.....	267

